

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Raquel da Silva Yee

**ODORICO MENDES, O MANUSCRITO DA *ILÍADA* E
DIVERSAS FACETAS DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA**

Florianópolis
2011

Raquel da Silva Yee

**ODORICO MENDES, O MANUSCRITO DA *ILÍADA* E
DIVERSAS FACETAS DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós – Graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito final para obtenção do
título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Lima

Coorientador: Prof. Dr. Sergio Romanelli

Florianópolis
2011

Raquel da Silva Yee

**ODORICO MENDES, O MANUSCRITO DA *ILÍADA* E
DIVERSAS FACETAS DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Tradução, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de maio de 2011

Profa. Dra. Andréia Guerini
(Coordenadora do Curso)

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo Lima (PGET/UFSC)
(Orientador)

Prof. Dr. Sergio Romanelli (PGET/UFSC)
(Coorientador)

Profa. Dra. Cláudia Borges de Faveri (PGET/UFSC)

Profa. Dra. Karine Simoni (PGET/UFSC)

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL/UNICAMP)

Profa. Dra. Patrícia Peterle (PGET/UFSC)
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Ao orientador, Prof. Ronaldo Lima, que aceitou a proposta. Por seu incentivo, dedicação e paciência;

Ao coorientador, Prof. Sergio Romanelli, pela parceria;

Às professoras Cláudia Borges de Faveri e Karine Simoni, pelas contribuições na banca de qualificação;

Ao Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos, pelos contatos estabelecidos, por dividir seus estudos odoricianos e pela gentileza em aceitar o convite para compor a banca;

Ao Prof. Walter Costa, por compartilhar algumas referências;

À Profa. Patrícia Peterle, pela atenção;

Aos colegas da Universidade Federal do Maranhão, Prof. Jeferson Selbach e Dulcilla, que me enviaram alguns livros;

À equipe do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis - RJ ;

À Universidade Federal de Santa Catarina, à PGET e à CAPES /REUNI, pelo apoio institucional e financeiro ;

À minha família. Em especial, à minha mãe, pelas palavras de conforto e pelos aforismos cômicos. Ao meu pai, por seu intenso envolvimento, retratado, certa vez, ao mencionar : Você soube do bisneto de Odorico Mendes ? Recortei o obituário do jornal para você!;

Aos queridos amigos que me apoiaram. Rosane (pelas viagens), Munique e Adriano (pelas risadas e leituras), Janandréia (pelos materiais enviados da USP) e Cristina (pela torcida além-mar);

Ao Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos e às professoras Cláudia Borges de Faveri e Karine Simoni, pela arguição gentil, pelas críticas e sugestões.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

É que, difícil e desafiador, Odorico por vezes não é lido com o cuidado e a exigência que merece, e muitos falam dele sem sequer ter tentado compreendê-lo. (VASCONCELLOS et al., 2008, p.16).

RESUMO

Este trabalho é fruto do encontro com o manuscrito da tradução da *Ilíada* de Manuel Odorico Mendes (1799-1864), identificado em pesquisa de campo junto aos Arquivos do Museu Imperial de Petrópolis, RJ. O prólogo anexado à tradução permaneceu por mais de cem anos desconhecido. Transcrito e investigado, o texto comporta informações novas. Na perspectiva da História da Tradução e dos Estudos Culturais, o objetivo desta dissertação é discutir como Odorico Mendes lidou com a atividade tradutória em meados do século XIX, especialmente em sua relação com a tradução da *Ilíada*. Nomes como D. Pedro II, Caetano Lopes de Moura, Anne Dacier e Alexander Pope são evocados nas discussões. As reflexões desse estudo elucidam a relevância da atividade tradutória de Odorico Mendes na história dos estudos tradutológicos, literários e culturais.

Palavras-chave: Odorico Mendes, manuscrito da *Ilíada*, atividade tradutória, História da Tradução, Estudos Culturais

ABSTRACT

This piece of research is a result of finding the manuscript of the translation of the *Iliad*, by Manuel Odorico Mendes (1799-1964), identified in a field work at the Archives of the Imperial Museum, in Petrópolis, RJ, Brazil. The foreword attached to the translation remained unidentified for over 100 years. Once transcribed and analyzed, it reveals new information. Based on the History of Translation and Cultural Studies, the goal of this dissertation is to discuss how Odorico Mendes dealt with the translation activity in the middle of the nineteenth century especially in its relationship with the translation of the *Iliad*. Important names, like D. Pedro II, Caetano Lopes de Moura, Anne Dacier and Alexander Pope are mentioned in these discussions. Further reflections on this study show the relevance of the work of Odorico Mendes in the history of the study of translation, literary and cultural.

Keys-words: Odorico Mendes, manuscript of the *Iliad*, translation activity, History of Translation, Cultural Studies

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	23
1.1 Os Estudos da Tradução na perspectiva histórica	23
1.2 Estudos Culturais.....	25
2 ODORICO MENDES: DA POLÍTICA À TRADUÇÃO	30
2.1 O político liberal e o homem de letras conservador	30
2.2 Patronato, ideologia e tradução literária no império : Odorico Mendes, Lopes de Moura e D. Pedro II.....	40
3 PANORAMA SOBRE AS REESCRITURAS DAS EPOPEIAS HOMÉRICAS	52
3.1 Reflexões iniciais	52
3.2 Traduções da <i>Ilíada</i> no século XVIII e XIX	57
4 A <i>ILÍADA</i> POR ODORICO MENDES	68
4.1 Impressões sobre a atividade tradutória.....	68
5 OUTRAS FACETAS ODORICIANAS: QUE FAREI COM ESTAS TRADUÇÕES?	82
5.1 Da motivação inicial à publicação.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICE - Transcrição do prólogo manuscrito.....	108
ANEXO A - Capa e contracapa do manuscrito da <i>Ilíada</i>	117
ANEXO B - Requerimento dirigido ao imperador D. Pedro II	119
ANEXO C - Ode dedicada a D. Pedro II.....	121
ANEXO D - Manuscrito da Ode dedicada a D. Pedro II.....	121

ANEXO E - Poema <i>Hino à tarde</i>	125
ANEXO F - Manuscrito do quadro comparativo dos versos	128

INTRODUÇÃO

A ideia deste estudo surgiu do encontro com o manuscrito autógrafa da tradução da *Ilíada* realizada por Manuel Odorico Mendes para o português em meados do século XIX. O documento acompanhado do “Prólogo” e da “Brevíssima notícia de Homero” se encontra entre os materiais catalogados como “Estudos de D. Pedro II”, no acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis – RJ. Até o momento da identificação, os comentários do tradutor sobre a composição da tradução, bem como sobre a questão homérica, nunca haviam sido publicados.

A pesquisa tinha inicialmente como foco as traduções realizadas por D. Pedro II (1825 - 1891). A caligrafia do prólogo, entre seus manuscritos, se diferenciava dos outros escritos atribuídos ao imperador. A princípio, constatou-se que seu conteúdo remetia à tradução da *Ilíada*. Os temas tratados no texto abordavam questões históricas, culturais e linguísticas atreladas à epopeia grega. Finalmente, estava acompanhado da tradução daquela obra, mas não havia data e nem a assinatura de seu autor. Informações textuais apontavam para o nome de Dona Melitina Jansen Müller que, de imediato, se descobriu ser a irmã de Manuel Odorico Mendes, considerado o primeiro brasileiro a traduzir a íntegra das obras poéticas virgilianas e as epopeias homéricas. O primeiro passo para a identificação do verdadeiro autor daquele documento havia sido dado.¹

Estudo mais aprofundado revelou que a primeira edição da tradução da *Ilíada* de Odorico Mendes, de 1872, não apresentava o referido prólogo, nem menção ao mesmo. A edição de 2008, elaborada a partir da primeira versão, também não traz nenhuma referência ao referido documento, fato corroborado por Nienkötter, ao afirmar que “Odorico sequer toca na Questão Homérica em seus comentários”. (Cf. Homero. *Ilíada*, 2008, p. 17). Com efeito, este é um dos temas abordados pelo tradutor no prólogo da obra. Logo, como a literatura

¹ A pesquisa foi realizada no mês de julho 2008 e as primeiras considerações sobre o prólogo foram expostas na comunicação intitulada: *Entrevista póstuma com o tradutor Manuel Odorico Mendes*, apresentada no X Encontro Nacional de Tradutores/ IV Encontro Internacional de Tradutores, em 08 de setembro de 2009, bem como no artigo *A Ilíada por Odorico Mendes: prólogo inédito da tradução*. (Cf. Yee; Souza; Lima, 2010). A transcrição do prólogo pode ser vista no apêndice e o manuscrito no anexo A.

dedicada aos estudos odoricianos também não faz qualquer alusão a este escrito, tampouco quaisquer referências ao seu conteúdo, este conjunto de indícios permite supor que os editores desconheciam a existência desses textos.

Nos arquivos do Museu Imperial de Petrópolis examinou-se igualmente um requerimento² de D. Melitina Jansen Müller, através do qual ela solicita a D. Pedro II a devolução dos manuscritos do irmão. Ainda que não restem dúvidas de que aquele documento seja de autoria do tradutor Odorico Mendes e que se configure como um prólogo à sua tradução da *Ilíada*, surgem algumas indagações importantes a esse respeito. Questiona-se, por exemplo, por que razão este documento não foi levado a público e os motivos para não ter aparecido na primeira edição da obra traduzida. Por conseguinte, levanta-se a hipótese de que este texto poderia ter sido dedicado exclusivamente ao imperador como uma espécie de agrado por sua posição política, tendo então permanecido em sua posse e arquivado entre os seus materiais. Ou ainda, conforme menciona Lacombe (1981), D. Pedro II teria a intenção de organizar uma edição comentada da tradução de Odorico Mendes, por isso acabou retendo o material.

Percebeu-se controvérsia com relação a quem realmente estaria em posse dos manuscritos de Odorico Mendes, conforme menciona Leal (1987, p. 53). Para o autor, D. Pedro II teria restituído os manuscritos à irmã do tradutor em 1872, ano seguinte ao datado no requerimento encaminhado por D. Melitina Müller. Porém, se tal fato tivesse se acontecido, porque então permaneceu desconhecido até 2008? Muito provavelmente, o prólogo manuscrito teria aparecido em uma nova edição, já que a primeira tradução da *Ilíada*, editada e revisada por Henrique Alves de Carvalho, foi impressa em 1871³.

Em razão dos fatos mencionados, o manuscrito autógrafo encontrado suscitou o interesse de investigar como Odorico Mendes lidou com a atividade tradutória em meados do século XIX, sobretudo em relação à tradução da *Ilíada*. A partir deste quadro, foram explorados

² Requerimento arquivado na pasta de documentação do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis – RJ (Maço 160 - Doc. 7415). Cf. Anexo B.

³ A investigação inicial contou com contribuições do professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, coordenador do Projeto *Odorico Mendes*, do Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que também desconhecia o texto do prólogo aqui apresentado. Os pesquisadores deste grupo vêm divulgando a produção do tradutor, organizando edições de suas obras com anotações críticas, enfatizando, sobretudo, as traduções latinas. Atualmente, o site do grupo também já dispõe do prólogo transcrito com grafia atualizada. O site pode ser consultado em: <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

uma série de fatos ligados ao ambiente intelectual da sociedade brasileira deste período. As incursões realizadas permitiram destacar a importância da tradução no desenvolvimento literário e cultural do país. Paes (2008) e Wyler (2003) assinalam que, além dos trabalhos de Odorico Mendes, outras traduções foram lançadas nesta época, com destaque para as produções de Caetano Lopes de Moura (1780-1860). Ambos os tradutores se situam no cenário político regido por D. Pedro II, no qual se observa grande evolução das letras nacionais, além de intensificação da prática da tradução. Aliás, uma das atividades exercidas de forma regular pelo próprio imperador, conforme declarações encontradas em seu diário pessoal.

A investigação que partiu do prólogo manuscrito conduziu a reflexões sobre as atuações de Odorico Mendes e, por extensão, às implicações ligadas à movimentação cultural brasileira, precisamente sobre as influências estrangeiras, a política do período e as tendências literárias. Observou-se também que até os dias atuais as produções do tradutor continuam sendo alvo de polêmicas, principalmente suas versões homéricas. Milton (1998), em capítulo dedicado à teoria da tradução literária no Brasil, situa Odorico Mendes entre os tradutores brasileiros negligenciados até ser redescoberto por Haroldo de Campos. Desde então, as versões odoricianas receberam reedições e são analisadas por especialistas, como os pesquisadores do Projeto *Odorico Mendes*, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. De fato, a importância deste tradutor na história é inegável e tal asserção será defendida nas linhas que seguem.

Odorico Mendes contribuiu para que as obras da antiguidade greco-romana circulassem no Brasil. Suas produções e reflexões se tornaram fundamentais para compreender melhor as concepções tradutológicas, literárias e culturais de sua época. Assim, considerando essas asserções, o objetivo desta dissertação é discutir como Odorico Mendes lidou com a atividade tradutória em meados do século XIX, especialmente em sua relação com a tradução da *Iliada*. Para tanto, propõe-se: (i) enfatizar aspectos da trajetória política e literária de Odorico Mendes até suas atuações como tradutor; (ii) destacar o cenário político regido por D. Pedro II e as contribuições do imperador no incentivo da prática de tradução, sobretudo em sua relação com Odorico Mendes; (iii) investigar como sua militância político-literária refletiu em seu processo tradutório; (iv) evidenciar a ideia de tradução de Odorico Mendes, trazendo à luz algumas de suas reflexões sobre o ato de traduzir, bem como possíveis influências e referências que permearam o

percurso da tradução da *Ilíada*; (v) realçar os bastidores da atividade tradutória odoricianiana.

Para a realização desta dissertação, adotou-se como fundamentação metodológica os pressupostos do campo disciplinar História da Tradução, norteados principalmente pelas reflexões de Delisle e Woodsworth (1995). Tendo em vista que a extensão dos conteúdos presentes nos manuscritos de Odorico Mendes permite acompanhar seu processo tradutório, seus percursos intelectuais, seus diálogos com outros tradutores, bem como as interferências culturais sobre sua produção, optou-se pelas premissas teóricas de Lefevere (1992), entre outros autores, cujas perspectivas convergem para a descrição e análise da atividade tradutória do ponto de vista da sua inserção no contexto cultural e social.

Jean-François Joly, ao prefaciар o trabalho de Delisle e Woodsworth (1995, p.11), lembra que a elaboração de uma História da Tradução implica o estudo das complexas tramas que envolvem as “trocas culturais entre os povos, as culturas e civilizações, através dos tempos”. O conhecimento das razões que levaram o tradutor a selecionar determinado texto, no meio de tantos outros, são fundamentais para o pesquisador, pois remete as suas tradições poéticas e ideológicas, bem como a seus patronos, ou seja, àqueles que encomendaram tal obra. Neste sentido, o projeto do tradutor ainda permite considerar o que ele escreveu sobre seu trabalho, sobre suas dificuldades e limitações, questões que vão ao encontro das discussões levantadas por Lefevere (1992). Por isso, o prólogo da *Ilíada*, as cartas e as notas das traduções odoricianas constituem fontes singulares, uma vez que Odorico Mendes utilizou tais recursos para veicular implicações inerentes a sua atividade tradutória.

Para responder aos objetivos, consideram-se tão importantes quanto à própria tradução da *Ilíada*, as remissões registradas no prólogo manuscrito, nas cartas escritas pelo tradutor e nas linhas que D. Pedro II dedicou a Odorico Mendes em seu diário, além de referências a nomes próprios e acontecimentos políticos mencionados inclusive nas notas de outras traduções⁴. Ademais, foram consultados seus principais

⁴ O fac-símile de 06 (seis) fólios do *Prólogo* e da *Brevíssima notícia sobre Homero*, pertencente à tradução da *Ilíada* realizada por Odorico Mendes. Cf. Apêndice. O manuscrito também comporta as traduções dos versos, as notas dos livros traduzidos e um adendo final, no qual é comparado o número de versos do original com o da tradução. O fac-símile da tradução da *Ilíada*, que constitui o n° 1077 do inventário das obras de D. Pedro II, contém 445 folhas de papel almaço. O manuscrito autógrafa de Odorico Mendes encontra-se legível e sem rasuras, trazendo ao centro das folhas o carimbo do Museu Imperial de Petrópolis. O referido

biógrafos, entre os quais, João Francisco Lisboa (1991) e Antônio Henrique Leal (1987), escritos datados de 1865 e 1873, respectivamente. Consultaram-se também os estudos de Haroldo de Campos (1970), Antonio Rodrigues Medina (1980) e Paulo Sérgio de Vasconcellos (2008), autores que dedicam atenção especial ao trabalho do tradutor.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro ocupa-se de breves apontamentos teóricos e metodológicos sobre o campo disciplinar Estudos da Tradução na interface com a História e com os Estudos Culturais. O segundo capítulo expõe o percurso e o contexto intelectual de Odorico Mendes até suas atuações como tradutor. Pontuam-se questões relevantes de sua biografia, tal como as conexões de ordem política e literária entre Odorico Mendes, D. Pedro II e Lopes de Moura, destacando aspectos que envolvem *patronage*, ideologia⁵ e tradução no período imperial. No terceiro capítulo serão apresentadas reflexões sobre as traduções dos poemas homéricos. Destaca-se o trabalho de três tradutores europeus, cujas obras foram consultadas por Odorico Mendes, a saber: Anne Dacier (1654-1720), Alexander Pope (1688-1744) e Vincenzo Monti (1754-1828). O capítulo quatro evidencia a ideia de tradução de Odorico Mendes, trazendo à luz algumas de suas reflexões sobre o ato de traduzir, a partir de sua versão da *Ilíada*. Por fim, o quinto capítulo complementa as discussões que envolveram os bastidores da prática tradutória de Odorico Mendes, levando em consideração informações que constam em seu epistolário. Tais escritos permitiram dimensionar seus esforços e outras dificuldades enfrentadas para traduzir e publicar seus trabalhos.

No que diz respeito às considerações sobre as traduções odoricianas, em especial sobre a versão da *Ilíada*, é importante frisar que não se tem intenção de julgar seu projeto. A proposta é apresentar o tradutor como crítico de seu próprio trabalho, uma vez que Odorico Mendes, ao comentar suas decisões, conduz o leitor à cena de suas

documento foi fotocopiado e transcrito seguindo parâmetros metodológicos de transcrição linear, preservando a ordem do original. A transcrição linear consiste na reprodução datilográfica do manuscrito, transcrevendo todos os elementos do original, mas sem respeitar a topografia da página (Cf. Romanelli, 2006). As demais fontes serão citadas ao longo do texto.

⁵ Neste trabalho entende-se *ideologia* (no significado positivo da palavra) como sistema de atitudes integradas de pessoas ou grupos, um conjunto de ideias, valores, maneiras de pensar de uma determinada classe social, ou seja, representações que revelam a concepção que uma dada classe tem do mundo. Sobre a amplitude do conceito *ideologia* e sua evolução ao longo da história, conferir Chaui (2001).

reflexões. Sua postura revela uma maneira peculiar de lidar com o texto, sendo possível dimensionar a complexidade de seu projeto.

Assim, partindo do pressuposto que a linha de pesquisa *Teoria, crítica e história da tradução* do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC) contempla trabalhos que envolvem as diversas facetas da atividade tradutória, espera-se trazer contribuições pertinentes para a ampliação das discussões sobre a relevância do trabalho realizado por Odorico Mendes no âmbito dos estudos tradutológicos, literários e culturais.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Os Estudos da Tradução na perspectiva histórica

Somente nas últimas décadas, os Estudos da Tradução (ET) inauguram sua posição no campo científico como disciplina autônoma, deixando de ser apenas sub-área dos estudos literários e linguísticos. O trabalho de Holmes⁶, publicado em 1972, representa um marco para o mapeamento das pesquisas realizadas na nova área. O autor contempla diversas possibilidades para o estudo da teoria e da prática de tradução, que definiram os ET como campo interdisciplinar, conforme ponderam Williams e Chesterman (2002) e Wilss (1999).

Em seu mapa preliminar, Holmes distinguiu os estudos como teóricos e descritivos. Porém, reservou “pouco ou nenhum espaço para sua história”, lembra Burke e Hsia (2009, p. 8). Por isso acredita-se que os primeiros anos de investigações na área dos ET poderiam ser considerados como uma fase prioritariamente teórica, em razão da ênfase concedida às abordagens descritivas propostas principalmente por Itamar Even-Zohar e Gideon Toury. De acordo com Hermans (1999), em *Translation in systems, descriptive and system oriented approaches explained*, desde o momento em que a tradução se tornou uma disciplina independente, várias abordagens teóricas como as de Even-Zohar e Toury contribuíram para que análise da tradução literária não se restringisse à comparação entre o texto-fonte e o texto-alvo, sobretudo no que diz respeito à discussão acerca das opções do tradutor. Esses autores da linha descritivista propõem a análise macroestrutural, considerando outras questões que podem influenciar a atividade de tradução, como a função implícita à natureza dos dois textos, o pólo receptor, as relações existentes entre a cultura dos dois povos, bem como questões editoriais. Tais abordagens permitem observar e estudar elementos que governam o fenômeno tradutório não só a partir do produto da tradução, isto é, do texto tornado público.

Romanelli (2006, p. 55) corrobora com essa discussão ao apontar que “o trabalho do tradutor inclui não somente o texto de partida e o de chegada, mas sim, toda uma rede complexa de inter-relações entre seus

⁶ No trabalho *The name and nature of Translation Studies*, Holmes sugere o nome para disciplina e mapeia as possíveis áreas de pesquisa.

textos e os outros textos do polissistema⁷ em que se encontram”, considerando que traduzir “[...] significa também utilizar suportes diferentes que influenciam o resultado final”, tais como os metatextos, outras traduções tomadas como referência, os textos críticos do próprio autor e de outros autores. Assim, entende-se que as estratégias de tradução, a natureza manipuladora e seus efeitos podem ser encaixados em um amplo cenário sócio-cultural e o estudo da tradução torna-se o estudo da história cultural, destaca Hermans (1999).

Antecedendo essas discussões e os pressupostos do mapeamento estabelecido para os ET, muitos teóricos perceberam a necessidade de conceder um enfoque sistemático às investigações na área da História da Tradução. Tal iniciativa foi proposta pela Federação Internacional de Tradutores no início da década de 1960, no intuito de gerar visibilidade e valorizar a profissão do tradutor, tal como apontam Delisle e Woodsworth (1995), na obra *Os tradutores na História*.

Do ponto de vista metodológico, por exemplo, Woodsworth (1998) considera que as pesquisas que se inserem na área da História da Tradução podem enfatizar tanto a prática quanto a teoria, ou a reflexão simultânea de ambas. A teoria busca salientar a reflexão dos tradutores sobre suas práticas, o modo como as traduções foram avaliadas em diferentes períodos e como essas reflexões se relacionam com outros pensamentos da mesma época. No que concerne à prática, evidencia-se o que foi traduzido, quem traduziu e em quais circunstâncias, considerando aspectos sociais, econômicos e políticos. Woodsworth (1998) ainda salienta que a teoria e a prática também poderiam ser investigadas simultaneamente por meio de discussões sobre o que determina a confiabilidade ou a relevância dos textos traduzidos⁸.

Os estudos voltados à história dos tradutores, ao exame de suas trajetórias e produções, permitem dimensionar a complexa tarefa do ato tradutório, bem como suas implicações no contexto sócio-cultural, desconstruindo assim a ideia de que a tradução é uma atividade mecânica ou de menor importância. Como acreditam os historiadores Burke e Hsia (2009), faz-se necessário observar a tradução como prática

⁷ Polissistema é um conceito cunhado por Even-Zohar para analisar a tradução literária como uma entidade relacional a partir dos eixos sincrônico e diacrônico.

⁸ A autora também se atém à distinção entre a *história*, entendida como acontecimentos do passado contados em forma narrativa, e a *historiografia*, como o discurso de dados históricos, organizados e analisados a partir de princípios estabelecidos. O termo *historiologia* refere-se à metodologia de como escrever a história, no entanto, o termo é frequentemente substituído por *historiografia*, podendo ter dupla significação (1998, p. 101).

cultural que contribui, sobretudo, para o agrupamento de recursos literários e científicos e para a transferência de valores culturais.

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, o prólogo manuscrito de Odorico Mendes suscitou o desejo de investigá-lo à luz das discussões acima apresentadas. Dessa forma, privilegiam-se reflexões de teóricos e estudiosos que enfatizam aspectos históricos, culturais e ideológicos ligados à atividade do tradutor, à obra traduzida e ao autor, entre os quais, Lefevere (1992), Delisle e Woodsworth (1995), Burke e Hsia (2003) e Bourdieu (1974). De forma sintética, serão apresentadas algumas ideias que emanam dessas concepções e que permitem estabelecer interfaces com os Estudos Culturais.

1.2 Estudos Culturais

Rompendo com a predominância do foco prescritivo e linguístico concedido às reflexões que envolvem a atividade do tradutor, Lefevere (1992) associa alguns princípios, do ponto de vista cultural, que permitem lançar olhares diferentes sobre a história dos tradutores e de suas traduções. Sua abordagem pertence ao que se postula como *cultural turn*, ou seja, a virada cultural nos estudos que envolvem a atividade tradutória, uma vez que o autor prioriza o pólo receptor e as inter-relações entre a tradução e a cultura-alvo. Lefevere (1992) defende que as questões de língua e linguagem constituem um dos problemas que se impõem aos tradutores. Outras restrições estariam enraizadas naquilo que ele chama de *Time – Place – Tradition* (TPT).

Partindo destes princípios, Lefevere (1992) também adota conceitos como *Patronage*, referindo-se aos poderes (instituições, classes sociais, classe empresarial e mídia) que determinam as ideologias e os interesses de uma época e que, por extensão, regulam o lugar e o papel da literatura em dado contexto histórico. Para o autor a tradução é, naturalmente, uma reescritura do texto original. Dessa forma, Lefevere (1992) observa que:

Todas as reescrituras, quaisquer que sejam suas intenções, refletem certa ideologia e poética e, como tal, manipulam a função da literatura em uma dada sociedade e de uma forma determinada. Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e seu aspecto positivo pode ajudar na

evolução da literatura e da sociedade. Reescrituras podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos dispositivos, e a história da tradução também é a história de inovação literária, do poder de formação de uma cultura sobre a outra. (1992, p. xi, tradução nossa).⁹

Lefevere (1992, p. 8) acrescenta que *cultura* ou *cultura receptora* não são “entidades monolíticas” ou isoladas, já que sempre há tensões entre diferentes grupos ou indivíduos que tendem a influenciar a evolução das culturas, tornando-as plurais. Com efeito, as traduções são realizadas no intuito de contemplar esse processo, pois através delas, abrem-se possibilidades para reexpressão e reflexão sobre as redes culturais e sociais de determinado período histórico, caso se leve em conta que

Elaborar uma história da tradução significa trazer à luz a trama complexa de trocas culturais entre os povos, as culturas e civilizações, através dos tempos. Significa retratar esses trabalhadores da importação e exportação e tentar descobrir as razões profundas que os levaram a traduzir uma obra em particular, e não outra. Significa descobrir porque seus patronos (monarcas, aristocratas, autoridades cléricas, etc.) lhes encomendaram a tradução de determinadas obras. Significa levar em conta o que os próprios tradutores escreverem sobre o seu trabalho, suas dificuldades e limites. (JOLY, 1995, p. 11).

Seguindo esses preceitos, é pertinente abordar a atividade do tradutor em consonância com o poder, o patronato, a ideologia e a poética, com destaque para as “várias tentativas de fortalecer ou enfraquecer uma ideologia existente ou até mesmo uma poética existente”, segundo Lefevere (1992, p. 10). Por isso, observa-se essa

⁹ *All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices, and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another.*

relação como forma de influenciar o *fazer*, isto é, o *modus operandi* do tradutor.

Bourdieu (1974) vai ao encontro desses princípios, pois busca na sociologia da cultura outras perspectivas para o entendimento da tradução em seu contexto social. Para tanto, o autor adota as noções de *campo* e *habitus*. *Campo* como o espaço simbólico, no qual as lutas dos agentes determinam, validam, legitimam representações e *habitus* como as representações sociais, estilo de vida, julgamentos morais e estéticos. Bourdieu (1974), assim como Casanova (2002), defende a vinculação do texto e do contexto, distanciando-se de uma abordagem voltada somente para a questão interna ligada à estética da obra. Essas discussões se aproximam das reflexões dos historiadores Burke e Hsia (2009). Os autores consideram que grandes intercâmbios culturais na história envolveram tradução, seja em relação a obras religiosas e científicas, políticas ou literárias. A tradução é uma atividade preponderante na disseminação do conhecimento, pois transpõe valores através das línguas. Além disso, os tradutores lidam com a complexidade de adequação de ideias e de termos de uma cultura para outra. Dessa forma, Burke e Hsia (2009) trazem à tona que:

Quando um texto é traduzido, ele é extraído da cultura que o criou e posto em um lugar novo. Isso pode nos mostrar que tipo de textos e idéias eram atraentes através de fronteiras culturais, e o que as pessoas no período moderno consideravam de valor em outras culturas. Podemos aprender algo importante sobre preocupações e problemas comuns e como eles podiam ser abordados. (2009, p. 117).

O exame de toda e qualquer produção, focalizando o espaço e o tempo em que foram geradas e a dinâmica que envolve o texto traduzido, pode remeter a questões como ideologia, patronato e restrições culturais. Tal perspectiva leva a crer que:

Os tradutores não se limitam a importar valores, transferindo-os unilateralmente da linguagem ou cultura-fonte para a linguagem ou cultura-meta. O que eles recolhem colocam em circulação. Seu trabalho inclui e induz transformações e manipulações. Além das prerrogativas dos patrocinadores, dos clientes e dos editores, além

da materialidade dos textos, além do custo do seu trabalho, os tradutores cruzam e esmaecem as fronteiras entre os valores culturais estrangeiros e aqueles da sua própria sociedade. Afinal, essas fronteiras são mais fluidas e menos circunscritas do que se pensa. (DELISLE E WOODSWORTH, 1995, p. 201).

Tendo em vista as reflexões apresentadas, destaca-se que no Brasil, embora os agentes envolvidos com a tradução literária tenham, via de regra, permanecidos às margens das discussões da história e da literatura, a importância que os tradutores e patrocinadores exerceram no desenvolvimento da língua e da cultura nacionais vem progressivamente sendo destacada e valorizada. Por mais essencial que tenha sido a participação do tradutor, sua atuação foi pouco discutida. José Paulo Paes (2008) observa que as bibliografias da literatura brasileira não dispõem de um levantamento histórico abrangente e sistemático das traduções literárias publicadas no país, mas que tal fato não suprime a importância dos tradutores na história cultural. Justamente por essa razão, o estudo pioneiro de Paes (2008) abriu vias para que novas abordagens se incorporassem à história da tradução brasileira, tal como corroboram Milton (1998) e Wyler (2003).

Sobre a evolução da atividade tradutória no Brasil, Wyler (2003) estabelece elos entre fatos até então desconsiderados. Segundo a autora, a tradução, de modo geral, teve sua origem a partir do achamento do Brasil, praticada de forma oral pelos *línguas*, tradutores que mediavam o contato entre os portugueses e os povos indígenas. Os encontros entre os povos recém-chegados da Europa com os silvícolas obedeciam a interesses ideológicos e econômicos. A tradução escrita, por sua vez, surgiu em 1549, com a vinda dos jesuítas, que procuraram adaptar o sistema alfabético à língua tupi. A partir daí, tendo em vista sua importância, a atividade começou a se desenvolver principalmente nos âmbitos escolares e burocráticos, tendo sido regulamentada apenas em 1808, com a fundação da Impressão Régia.

Conforme mencionado, somente na segunda metade do século XX os pesquisadores começaram a investigar, de modo sistemático, as intervenções dos tradutores nas atividades literárias e culturais, abrindo espaço para que a tradução se consolidasse como disciplina, oportunizando um estudo mais abrangente. Se, por um lado, os intérpretes sempre foram valorizados por seu papel instrumental,

estratégico, sobretudo no campo político e bélico¹⁰, por outro lado, em muitos casos, o tradutor literário dificilmente via seu nome reconhecido ou impresso na obra traduzida. A prática de omitir a figura do tradutor não desapareceu completamente até o presente.

Dessa forma, acredita-se que, ao retomar a atividade tradutória de Odorico Mendes e algumas tramas ligadas ao seu percurso como tradutor, lançam-se novos olhares que podem ampliar a reflexão sobre como *trajetória*, *tradutor*, *tradução* se correlacionam num universo social e cultural e quais são as influências dessas relações no seu processo de recriação.

O capítulo a seguir propõe um panorama do percurso político e intelectual de Odorico Mendes. Suas atuações refletem parte de um período híbrido da história da cultura brasileira, principalmente, no desenvolvimento da literatura.

¹⁰ A obra de Dee Brown, intitulada *Bury my heart at wounded knee* compõe um exemplo da valorização do intérprete como peça estratégica nos conflitos ocorridos durante a ocupação das terras da América do Norte (Cf. Dee Brown, 2003). Do mesmo modo, o explorador americano Hiram Bingham, em 1911, revela a existência de Machu Picchu para o mundo científico, destaca em seus relatos de viagem, o importante papel dos intérpretes (Cf. Waisbard, 1974).

2 ODORICO MENDES: DA POLÍTICA À TRADUÇÃO



Manuel Odorico Mendes

Retrato e assinatura de Manuel Odorico Mendes. Fonte: Leal (1987, p. 8).

2.1 O político liberal e o homem de letras conservador

Neste capítulo, com base nas palavras de Sebastião Moreira Duarte (1995), tenta-se representar como Odorico Mendes se revela um político liberal e homem de letras¹¹ conservador. Mas como menciona o autor, o jornalista que participa da emancipação política do Brasil é o mesmo intelectual atuante, que assiste ao início de um projeto de autonomia da literatura brasileira, destacando-se nas letras nacionais através da sua prática de tradução literária.

¹¹ Considera-se Odorico Mendes como homem de letras a partir das reflexões de Robert Darnton. Os filósofos iluministas que o autor define como homens de letras eram personalidades de uma elite social que faziam uso de suas ideias para tentar persuadir, propagandear e mudar a sociedade. “Não obstante a tendência niveladora no seu culto da razão, miravam apropriar das posições dominantes da cultura e iluminar do alto” (DARNTON, 2007, p. 21). O Iluminismo, movimento que marcou a Europa no século XVIII e que visava renovar as instituições, tradições filosóficas, sociais, políticas e atitudes religiosas, influenciou o engajamento de intelectuais como Voltaire, Immanuel Kant, Diderot e d’Alembert, cujos ideais repercutiram no Brasil, principalmente durante o período das atuações de Odorico Mendes.

Aspectos concernentes à vida particular de Odorico Mendes tornam-se significativos na medida em que conduzem à compreensão do contexto que gerou influências e possibilidades para sua atuação como tradutor. Portanto, considera-se que:

Nesse tempo e nesse meio vive Odorico Mendes, cúmplice comprometido, testemunha presencial, ou assistente desencantado dos (des) caminhos da política e das letras nacionais. Conhecedor profundo das humanidades clássicas e mais avançado nos anos, goza de prestígio junto às novas gerações, que o visitam e lhe antecipam as primícias de sua inspiração. (DUARTE, 1995, p. viii).

Possuir elevado grau de instrução no século XIX pressupõe algum tipo de inserção ou ligação com as elites do poder. A formação dos jovens de famílias abastadas era naquele século, em geral, realizada na Europa ou, quando em solo brasileiro, desenvolvida com base nos modelos de ensino europeus e voltada à formação superior. Odorico Mendes se situa em tal quadro. Ainda jovem, estudou em Coimbra. As incursões acadêmicas, os relacionamentos com o meio, as leituras de Voltaire, Rousseau, Camões, Filinto Elísio, Madame de Staël, Chateaubriand, foram preponderantes em sua formação literária e política.

Odorico Mendes nasceu em 24 de janeiro de 1799, descendente de família tradicional de São Luís do Maranhão. Em sua cidade natal, iniciou os estudos de retórica e de latim. Consta no estudo biográfico realizado por seu conterrâneo Antonio Henriques Leal (1987), que Odorico Mendes compôs seu primeiro soneto aos treze anos. Motivado pela indignação de ver um escravo sendo açoitado no pelourinho em cumprimento a uma sentença judiciária, produziu um poema singular para a sua idade:

Despido em praça pública, amarrado,
Jaz o mísero escravo delinqüente:
Negro gigante de ânimo inclemente
Na mão tem o azorrague levantado.

A rir em torno, um bando encarniçado
Ao verdugo promete um bom presente,
Se com braço mais duro ao padecente

Rasgando for o corpo ensangüentado.

Homens, não vos assiste a menor pena
Dos sentidos seus ais, d'angústia sua?
Rides, perversos, desta horrível cena! ...

A sua obrigação, oh gente crua,
Faz o reto juiz quando condena;
Tu, deplorando o réu, cumpres a tua.
(LEAL, 1987, p. 12).

As cenas representadas no poema retratam a escravidão e os rituais punitivos no Brasil durante o século XIX, tal como observa Filho (2005). Verifica-se que desde muito cedo, o jovem Odorico Mendes já manifestava suas preocupações com questões sociais, em paralelo a sua vocação literária.

Apesar de sua tendência para os estudos poéticos, Odorico Mendes concluiu seus primeiros anos de escolaridade no Maranhão e ingressou, em 1816, na Faculdade de Medicina de Coimbra, um importante centro de estudos superiores de Portugal, frequentado por brasileiros afortunados. Nesse período, completou o curso de filosofia natural, estudou filosofia racional e moral, e língua grega. Na universidade, Odorico Mendes conviveu e manteve amizade com Almeida Garret, liberalista português, cuja produção literária apresenta influência da estética clássica. Logo após o falecimento do pai e do padrinho, faltaram-lhe recursos para integralizar o curso de medicina. Retornou ao Maranhão na expectativa de conseguir um ofício que lhe permitisse angariar fundos para regressar a Portugal e concluir seus estudos.

Odorico Mendes retornou ao Brasil no final de 1824, num momento em que o Maranhão enfrentava graves tensões políticas decorrentes da guerra civil, instaurada durante o processo de adesão à Independência do Brasil, tendo sido uma das últimas províncias a aderir à iniciativa. Embora Hobsbawm (2010b, p. 191) considere que o Brasil tenha se separado pacificamente de Portugal, sendo, ao lado do Chile, uma exceção notável na América Latina por não ter regredido econômica e demograficamente depois da independência, é importante considerar os conflitos contraditórios, envoltos por guerras, escravidão, entre outras questões que compõem o cenário do país naquele momento. Inclusive no que diz respeito à expressão artística. Panorama que pode ser observado no estudo *Capítulos de história do império*, de Sérgio Buarque de Holanda (2010).

Os reflexos desse cenário, de certa forma, incidiram sobre a figura de Odorico Mendes, que se lançou na política, destacando-se como jornalista, ao fundar o jornal *Argos da Lei* que, sob título mitológico, foi publicado pela primeira vez em 25 de janeiro de 1825. Mesmo visto como defensor do pensamento livre, o periódico era acusado por seus adversários de estar atrelado ao governo. Ao contestar posições adversárias, Odorico Mendes certa vez proferiu:

Quero desafrontar os brasileiros, e mostrar claro aos meus queridos patrícios a falsidade dos argumentos de que se serve o Censor¹² e o seu amigo; quero, enfim, defender a causa da Pátria que me viu nascer, embora me ameacem com forcas e garrote: há muito que ardo por oferecer ao Brasil em honroso sacrifício a vida, que me será inútil, se a houver de viver em um país de escravo, que a portugueses entregam vergonhosamente os pulsos. (*O Argos*, nº 7, 28 de jan. de 1825, p. 1 apud JORGE, 2000, p. 46).

De acordo com Araújo (2007, p. 2), Odorico Mendes, através de pseudônimos, manifestava olhar crítico e reflexivo sobre questões nacionais. Sua forma de pensar o país era exposta através de artigos que incluem temas doutrinários, tais como reformas na administração, moral pública, constituição¹³, lei de imprensa, monarquia absoluta, direitos humanos, entre outros temas até então distantes da realidade da maioria da população maranhense, acrescenta Jorge (2000). O jornal assimilava ideias importadas da Europa através da transcrição de matérias extraídas de periódicos estrangeiros.

Uma das preocupações de Odorico Mendes era esclarecer o real significado da palavra *Constituição*, que teria se tornado sinônimo de união com Portugal. Em sua visão, para que o Estado se desvinculasse de Portugal era preciso criar bases constitucionais sólidas e estáveis. Tal ideologia estaria ligada a pensamentos que desenvolveram o Iluminismo e impulsionaram a Revolução Francesa, cujos princípios desafiavam a tradição e a autoridade, e incentivavam a liberdade de opinião, o progresso e a razão. No estudo de Hobsbawm (2010a), no qual o autor retrata a *era das revoluções*, entre os anos de 1789 a 1848, tem-se uma

¹² Refere-se ao jornal conservador *O Censor*, do português João António Garcia de Abranches.

¹³ A Lei de Imprensa foi instituída no ano de 1821 e a Constituição do Império em 1824.

noção de como essas forças políticas e ideológicas interagiram na constituição de várias nações.

No período que antecedeu o nascimento de Odorico Mendes muitas figuras importantes revolucionaram o cenário europeu. Montesquieu, por exemplo, publicou, em 1748, *O espírito das leis*, obra que propôs a divisão do governo em três poderes (executivo, legislativo e judiciário); Voltaire combatia a monarquia absolutista. Diderot e d'Alembert, em 1751, através da grande *Enciclopédia*, versaram sobre pensamentos progressistas de cunho político, social, científico e tecnológico. Tais influências projetaram as futuras nações, construídas, principalmente, em ligação com a orientação francesa. Nessa época, a França “[...] forneceu o vocabulário e os temas da política-liberal e radical democrática para maior parte do mundo”, difundindo o conceito nacionalista, “os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica” (HOBSBAWM, 2010a, p. 98).

Assim, incentivado por princípios liberais pela independência do Brasil e do Maranhão, o discurso de Odorico Mendes era “[...] áspero, destinado e insistente com o cumprimento da Lei” (JORGE, 1987, p. 53), fazendo com que se destacasse como “[...] o primeiro jornalista maranhense a acreditar na Liberdade de Imprensa, como instrumento de realizações das instituições democráticas” (1987, p.53). Suas manifestações lhe renderam reconhecimento e prestígio no meio político. Odorico Mendes elegeu-se deputado pelo partido moderado na primeira Assembléia Geral Legislativa do Brasil (1826-1829), tendo sido reconduzido para o cargo em outras legislaturas.

Segundo Leal (1987), Odorico Mendes participou ativamente nos acontecimentos que sucederam à abdicação de D. Pedro I, manifestando princípios republicanos. Todavia, naquele momento temia a fragmentação do país, julgando a instalação da República inviável devido à falta de educação industrial e agrícola. O maranhense defendeu a Regência durante a menoridade do D. Pedro II e trabalhou com entusiasmo em todas as legislaturas das quais fez parte, propondo projetos e emendas importantes. Paralelamente às suas atuações políticas, com frequência colaborava com vários jornais e revistas, escrevendo artigos polêmicos que aguçavam o interesse pelas questões políticas da época. Por conta de seu engajamento, também foi acusado de participação ativa na adoção da rígida lei marcial e de fraudes nas eleições de 1825, ano em que se elegeu deputado.¹⁴

¹⁴ Galves (2005) aponta para contrariedades dos princípios políticos de Odorico Mendes.

Partindo para a esfera literária, Odorico Mendes destaca-se por seu estilo neoclássico¹⁵, cujos interesses voltavam-se para a cultura greco-romana, no que diz respeito ao modelo estético erudito e aos valores como civismo e patriotismo. Suas ligações envolviam os poetas Araújo Porto-Alegre, Gonçalves Dias, entre outros autores, com quem circulava nas rodas literárias e na sociedade maçônica, constituída de intelectuais que propagavam os ideais de independência.

Wolf (1863) e os biógrafos Lisboa (1991) e Leal (1987), destacaram a militância política de Odorico Mendes e a importância de sua atividade literária para o desenvolvimento das humanidades clássicas. Com relação a este último ponto, Wolf menciona que:

O espírito da antiguidade reina não somente nas traduções de Odorico Mendes, mas também nas suas poesias originais, elas se distinguem igualmente por essa limpidez calma, essa precisão, essa dicção modelo que encontramos nos antigos. (1863, p. 196, tradução nossa).¹⁶

Antonio Candido (2008), por sua vez, reconhece no maranhense um político virtuoso, mas evidencia o homem de letras como alguém “sem critério estético”, o “ápice de tolice”, marcado pelo desejo de renovar a parcela intelectual da pátria. Candido seguiu os parâmetros críticos de Silvio Romero. Ambos são considerados os maiores difamadores de Odorico Mendes, por apontá-lo como um tradutor de mau gosto, criador de vocábulos e expressões “que tocam as raías do bestialógico”¹⁷, cuja política era sua preocupação central e a rotina neoclássica sua convenção literária.

¹⁵ No Brasil, o ideal neoclassicista dominou o final do século XVIII e o início do século XIX. O Neoclassicismo, tal como se concebeu na Europa, procurou combater o Barroco cultivando o racionalismo iluminista, os ideais de precisão, as normas clássicas e a imitação. Cf. Coutinho, 2003.

¹⁶ *L'esprit de l'antiquité règne non seulement dans les traductions d'Odorico Mendes, mais aussi dans ses poésies originales; elles se distinguent également par cette limpidité calme, cette précision, cette diction modèle qu'on ne retrouve que chez les anciens.* O estudo *Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne*, de Ferdinand Wolf, foi realizado em 1863 e dedicado a D. Pedro II. Os escritos biográficos sobre Odorico Mendes foram baseados nos dados encaminhados por seu amigo próximo Araújo Porto-Alegre, que considerava Odorico Mendes uma figura modesta, ilustrada, “o tipo do homem perfeito”.

¹⁷ O autor cita neologismos como *multimamante*, *olhicerúlea* e *albiniente*. Cf. Candido, 2008, p. 212.

Em relação aos juízos de valor expostos por Candido e suas prescrições sobre o que se deve ler ou rejeitar, Medina (1980, p. 20) expõe ideia contrária, ao reforçar que Odorico Mendes não deve ser relegado “ao pó do classicismo estafado” e acrescenta, indagando: “Como ignorar, porém, seu trabalho textual ou o serviço que prestou à literatura brasileira?”. Tais observações vão ao encontro da proposta desta dissertação, que é justamente a de acentuar a importância das atuações de Odorico Mendes, sobretudo como tradutor.

Coutinho (2004), em seu estudo sobre a evolução da literatura brasileira, situa Odorico Mendes entre os autores do início do Romantismo, que atuaram como diletantes ou marginais de seus recursos formais ou temáticos. A fase de transição do colonialismo para a autonomia, e do Neoclassicismo para o Romantismo¹⁸ constituiu um momento de transição política e estética, situado entre 1808 e 1836. Nesse período, as tendências, os temas e as ideias não se consolidaram como doutrina literária homogênea, pois se compunham de remanescentes neoclassicistas e de autores novos, ligados a grupos distintos como o fluminense, o paulista e o maranhense de Odorico Mendes.

No contexto cultural da época, a postura conservadora de Odorico Mendes refletiu no processo que buscava desenvolver o idioma nacional brasileiro. Suas iniciativas em cultivar a língua e enfatizar o estudo gramatical foram influenciadas pelos lusitanos, principalmente por Filinto Elísio¹⁹. Tal fato pode ser atestado no excerto do debate parlamentar de 1827, no qual Odorico Mendes defende a instituição dos clássicos portugueses no aprendizado da escrita:

Diz o projeto que os professores ensinarão a ler e escrever; acho bom determinar alguns livros por onde isso possa ser ensinado, a saber, a Constituição do Império e alguns dos clássicos da língua portuguesa... A utilidade de ler-se a Constituição é patente; quanto aos clássicos, ainda

¹⁸ Para Coutinho (2003), do século XVIII para o XIX há um período de transição em que se misturam o Neoclassicismo e Pré-romantismo, até que o Romantismo propriamente dito instaura-se em 1836. O ideal romântico buscava novas formas para atingir a sensibilidade dos modernos, em oposição aos modelos literários da antiguidade clássica preconizados pelos neoclássicos. A França passou a ser o foco principal de influência cultural, em vez de Lisboa e Coimbra.

¹⁹ Conhecido como Filinto Elísio, o padre Francisco Manuel do Nascimento foi um grande erudito, poeta e tradutor, representante do Neoclassicismo português. Entre os trabalhos realizados em tradução, verteu para o português as *Fábulas* de La Fontaine. Cf. Aguiar, 1955.

que os meninos não possam alcançar os seus pensamentos, contudo, como eles têm a memória fresca, facilmente decoram frases e termos os mais puros da língua, com o que para o futuro, virão a explicar as suas idéias com mais propriedade e sem misturar de língua alheia. Proponho que os livros, por onde os professores ensinam a ler os seus discípulos, sejam a Constituição do Império e os clássicos da nação portuguesa. (Annaes do Parlamento Brasileiro, Câmara dos Srs. Deputados, sessão de 11 de julho de 1827, p.115 apud COUTINHO, 2003, p. 339-340).

Segundo o autor, as sessões posteriores serviram para incorporar no sistema legal brasileiro a expressão *língua nacional*, com o sentido de língua portuguesa. Todavia, a lei resultante de 15 de outubro de 1827 aprovou o projeto sem menção aos clássicos portugueses, como se observa no seguinte fragmento:

Art. 5.º - Os professores ensinarão a ler, escrever... a gramática da língua nacional e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana... preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. (Annaes do Parlamento Brasileiro, Câmara dos Srs. Deputados, sessão de 15 de outubro de 1827 apud COUTINHO, 2003, p. 340).

A política linguística da elite de 1827, da qual Odorico Mendes fez parte, se prolongou até 1841. Somente a partir daí, pode-se considerar a intervenção dos românticos, “inclusive na postulação de uma literatura nacional apoiada em uma língua que lhe fosse própria” (COUTINHO, 2003, p. 338). Esse projeto também elucida que os princípios educacionais se constituíram com base na ideia de que o indivíduo deveria desenvolver apreço ao cristianismo, conforme o método pedagógico colonial, que se perpetuou até o século XX. Sabe-se que, a partir daquele momento, muitos fatores históricos e sócio-culturais estiveram – e ainda estão – presentes no processo de transformação do ensino público e da língua nacional brasileira.

No que se refere à militância política e literária de Odorico Mendes, é possível compreender alguns de seus traços característicos. O maranhense é apontado como liberal do ponto de vista político e

conservador no que diz respeito à manutenção dos clássicos portugueses, latinos e gregos, como Camões, Virgílio e Homero, e também em razão de suas propostas de estudos gramaticais e retóricos. Mas como sublinha Duarte (1995), naquele período novos ideais políticos se mesclaram com os antigos modelos estéticos. Logo, tanto na política quanto na literatura, a postura de Odorico Mendes advém da concepção que buscava integrar o Brasil ao instrucionismo, ao universalismo cultural e a razão, sob influência de ações progressistas que, de certa forma, foram ilustradas pelos pensamentos de Voltaire, cujos clássicos modernos *Méropé*²⁰ e *Tancredo*²¹ foram traduzidos pelo maranhense, durante o período de tensões políticas e éticas.

Ainda sobre o percurso político e intelectual de Odorico Mendes, enfatiza-se seus primeiros contatos com D. Pedro II. Para tanto, destaca-se um episódio mencionado por Leal (1987) sobre a ode que Odorico Mendes escreveu em homenagem ao aniversário do jovem imperador e que não chegou a ser recitada ao monarca na comemoração dos seus quatorze anos. Os organizadores da festa consideraram os versos democráticos em demasia, censurando-os. Mesmo sendo um poema destinado à bajulação, as palavras derivavam para discussão política. Os versos proferiam conselhos para que D. Pedro II não se deslumbrasse com “os encantos do poder”, nem se tornasse “mais brasileiro do que monarca”.²² Leal (1987) destaca que, impedido de prestar as homenagens, Odorico Mendes teria contado o fato ao imperador posteriormente, recitando-lhe os versos. Conforme menciona o biógrafo, D. Pedro II considerou que a poesia não continha nada que fosse contra as leis. Após o fato, o poeta maranhense teria comentado que “[...] os aduladores queriam ser mais monarquistas que o monarca do Brasil” (apud LEAL, 1987, p. 27), parafraseando a máxima de Chateaubriand *être plus royaliste que le roi*, fruto de suas leituras sobre o autor francês.

Em meados de 1843, Odorico Mendes se instalou no Rio Janeiro, integrando-se à equipe do *Jornal Minerva Brasileira*, importante órgão de difusão cultural mantido até 1845. Nesse jornal publicou a poesia

²⁰ Paralelamente a sua militância política Odorico Mendes desenvolveu a tradução de *Méropé*, tragédia em cinco atos de Voltaire, impressa, com 86 p., em 1831 pela Tipografia Nacional do Rio de Janeiro com as iniciais M.O.M.

²¹ A tradução de *Tancredo* foi impressa em versão bilíngue pela oficina de Henrique e Eduarda Laemmert, no Rio de Janeiro, em 1839, 169 p.

²² Sobre a ode reproduzida nos estudos de Leal, conferir Anexo C. O manuscrito pode ser visto no Anexo D. O manuscrito está disponível no acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis - RJ (Maço 101 - Doc. 4995).

*Hino à tarde*²³, composta quando estudava em Coimbra. Tal produção é considerada por Leal (1987) como um dos seus melhores trabalhos poéticos. São versos que retratam a pátria e a infância do autor.

Após campanha política mal sucedida em 1843, Odorico Mendes se afastou da vida pública. Durante essa fase ministrou aulas de latim. Depois de exercer seis legislaturas, decidiu retornar à Europa para se dedicar à atividade de tradutor, ao estudo dos clássicos, à literatura francesa e ao aprendizado de línguas. Aposentado e viúvo, partiu para o exterior com sua inseparável irmã D. Melitina Jansen Müller e com seus quatro filhos, por conta da suas desilusões políticas e em razão do declínio de sua popularidade, menciona Lisboa (1991). Em Paris, retomou as atividades literárias formando um grupo com Meneses de Drummond, Gonçalves Dias, Ferdinand Denis, entre outros. Mesmo longe do Brasil, mantinha seus ideais nacionalistas, refutando as críticas que escreviam sobre o país. Nos anos que viveu no exterior manteve correspondências frequentes com o mordomo imperial Paulo Barbosa e com sua esposa. Tal amizade foi estabelecida através dos seus contatos políticos, tendo em vista que Paulo Barbosa desempenhou três funções importantes na administração da casa imperial: a militar, a diplomática e a palaciana, tornando-se figura influente no período final da Regência e nos anos que seguiram à maioridade do imperador, conforme observa Lacombe (1994). Por isso, o mordomo ocupa lugar de destaque na trajetória de Odorico Mendes. A atenção e as influências políticas de Paulo Barbosa possibilitaram a manutenção dos proventos que o tradutor necessitava para garantir sua estadia na Europa, tal como se observará no último capítulo deste trabalho.

Obstinado, Odorico Mendes se dedicou à tradução da *Eneida* de Virgílio iniciada no Brasil. Posteriormente, trabalhou nas traduções das *Bucólicas* e das *Geórgicas* de Virgílio, da *Ilíada* e da *Odisseia* de Homero, realizadas durante sua permanência na Europa. Entre suas composições literárias se encontram publicados os poemas *O sonho*, *A morte*, o *Meu retiro* e os três sonetos em que condenava o procedimento opressor da França para com a Itália: *Luís Napoleão*, *Vitório Emanuel* e *Garibaldi*. Embora tenha atuado no cenário político e cultural e se dedicado à composição de poemas, foram as traduções dos grandes clássicos de Virgílio e Homero que firmaram seu nome no âmbito das letras nacionais.

²³ Cf. Anexo E.

Na sessão seguinte propõe-se a releitura de tramas que envolveram Odorico Mendes, D. Pedro II e Caetano Lopes de Moura. Reconstitui-se parte da rede de influências e de ideologias que envolveu os tradutores e seus trabalhos durante o Segundo Reinado.

2.2 Patronato, ideologia e tradução literária no império : Odorico Mendes, Lopes de Moura e D. Pedro II

O período que compreende a Regência até o Segundo Reinado, embora tenha sido conturbado, foi um momento importante que impulsionou o progresso econômico e cultural, tendo em vista a emancipação do país, decorrente do desenvolvimento político e industrial que marcou o ocidente na primeira metade do século XIX. Paralelamente à emancipação política se configura a nova estética do Romantismo e se desenvolve a vida literária no Brasil, observam Martins (1992) e Machado (2010).

Durante as intensas movimentações literárias desse período, expandiram-se as livrarias, as editoras e firmaram-se instituições que interagiam com as produções culturais. Entre elas, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Colégio Pedro II, a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal, situados no Rio de Janeiro.²⁴ Nesse contexto intelectual e elitista, um considerável número de obras traduzidas começou a surgir. Até porque, de acordo com Wyler (2003), depois da abolição da censura em 1821, a publicação de livros e o acesso a obras de autores estrangeiros abriram novas perspectivas para leitores, importadores, impressores, livreiros e tradutores.

Através de Gonçalves Dias, Pinheiro Guimarães, Antônio Augusto de Queiroga, Maciel Monteiro, Fagundes Varela, Bittencourt Sampaio, por exemplo, circularam traduções de Lamartine, Heinrich Heine, Lord Byron, Alexander Pope, Longfellow, difundindo gêneros como o romance-folhetim e os textos dramáticos do teatro romântico,

²⁴ As Faculdades de Direito e os cursos Médicos, assim como outras sociedades literárias que se consolidaram durante o Segundo Reinado exerceram papéis fundamentais na vida intelectual do país. O IHGB, por sua vez, fundado em 1838 no Rio de Janeiro, aos moldes do *Institut Historique de Paris*, se transformou num importante centro de pesquisa e preservação histórico-geográfica e cultural do Brasil, tendo como patrono D. Pedro II que presidiu várias sessões de reuniões. O IGHB reúne uma quantidade significativa de acervos e desde a época de sua criação, representantes da política, das artes, das letras, da magistratura, do magistério, entre outros, integram-se às atividades produtivas do instituto. Cf. Martins, 1992; Machado, 2010.

salienta Paes (2008). Em virtude da fase de configuração estética, os projetos de tradução dos autores românticos aos poucos se sobressaíam em relação aos clássicos greco-latinos, difundidos por José Bonifácio²⁵ e Odorico Mendes.

Enquanto o cenário político se desenvolvia sob o governo de D. Pedro II, o ambiente intelectual do país favorecia o amadurecimento de um público para a literatura. O imperador foi figura importante no incentivo e patrocínio a estudos, cursos, publicações e traduções. As principais obras de todos os gêneros dessa época foram dedicadas ao imperador pelo reconhecimento ao seu apoio e, naturalmente, por sua posição política. Além de patrocinar trabalhos no âmbito literário, D. Pedro II tentava influenciar a constituição de um cânone brasileiro. Fato que remete à polêmica que envolveu a obra *Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, considerado o precursor do Romantismo no país. Na ocasião, o jovem monarca insistia em consagrar a obra como a epopeia oficial do Segundo Reinado, épica da nacionalidade, cuja narrativa evocava a temática indígena. Na ocasião, alguns críticos foram de encontro à iniciativa do imperador que, depois de submeter a obra à apreciação de outros autores, mostrou-se convencido pelas críticas.²⁶

Realmente o que D. Pedro II mais prezava era o convívio com os homens envolvidos no universo das letras. Muitos romancistas e poetas brasileiros mantiveram contato direto com o imperador, cada qual com suas pretensões políticas e literárias. Contatos que também incluíram escritores estrangeiros renomados como: Alexandre Herculano, Vitor Hugo, Júlio Verne, Manzoni e Longfellow, como aponta o estudo de Carvalho (2007), bem como o diário manuscrito do imperador, consultado para esta investigação.

O fato de exercer cargo político importante, circular em ambientes privilegiados e demonstrar apreço pela cultura de modo geral,

²⁵ José Bonifácio de Andrada e Silva, mais conhecido como mentor intelectual da independência do Brasil por sua efetiva participação na política, traduziu clássicos de Hesíodo, Píndaro, Virgílio, entre outros. Segundo Paes (2008), o tradutor propôs equivalentes audaciosos para os epítetos compostos do grego. Os neologismos propostos por ele se assemelham aos de Odorico Mendes. A obra completa e alguns manuscritos das traduções de Bonifácio estão disponíveis em <<http://www.obrabonifacio.com.br/>>. Acesso em: 25 out. 2010.

²⁶ Através de cartas publicadas na imprensa em 1856, José de Alencar, por exemplo, sob o pseudônimo de Ig, submete o poema à análise rigorosa, discutindo pontos de gramática, métrica, composição, entre outros aspectos técnicos e formais. Também fez objeções sobre quais gêneros literários mais se adequariam à incorporação da natureza, dos costumes e assuntos brasileiros à literatura. Gonçalves Dias, Alexandre Herculano, Varnhagen e Lopes de Moura, também se pronunciaram contra. Cf. Martins, 1993. Esse episódio aponta uma das tentativas nacionais de epopeia.

também contribuiu para que o monarca fosse reconhecido por institutos de pesquisas e sociedades internacionais, o que se confirma pela quantidade expressiva de certificados arquivados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).²⁷ Dedicado à sua formação intelectual, D. Pedro II destinou muitas horas de seu governo à leitura, ao aprendizado de línguas e à tradução de obras em grego, hebraico, árabe, alemão, francês, italiano, inglês, na intenção de socializá-las com amigos e familiares, como se observa nos registros do diário do imperador que seguem abaixo:

13 de julho de 1887 (4a fa.) - Antes do jantar traduzi a Odisséia com o Seibold comparando-a à tradução alemã.

5 de novembro de 1891 (5a fa.) - 10h 10' Odisséia comparada às traduções de Odorico e de Leconte Delisle, que não era má desta vez. Gostei de ver que me lembro bem do grego. Vou deitar-me, ouvir ler e dormir. 11 ¼ Vou dormir.²⁸

Os escritos de D. Pedro II retratam o seu envolvimento com tradução e a preocupação em comparar suas produções com versões em outras línguas. O registro também atesta seu interesse pelas produções de Odorico Mendes. Em relação a atividade tradutória do monarca, Holanda (2010) também se atem para o fato de que o imperador traduziu a *Canção do Sino*, de Friedrich Schiller, durante a viagem ao exílio. Paes (2008) registrou que talvez poucos soubessem dos dons do poliglota D. Pedro II, que chegou a estudar árabe para ler e traduzir *As Mil e uma noites*. Tal fato foi comprovado através do estudo realizado por Souza (2010) no qual expõe o profícuo envolvimento do imperador, detalhando a complexa tarefa por ele empreendida ao verter a referida obra direto do árabe para o português.²⁹

Nos meios políticos e literários do Segundo Reinado, entre os brasileiros envolvidos com tradução, figuravam Caetano Lopes de

²⁷ A pesquisa nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - RJ foi realizada nos dias 27 e 28 de abril de 2010.

²⁸ Excertos do diário de D. Pedro II - 1840-1891 . Cf. Begonha, 1999.

²⁹ Atualmente o projeto *D. Pedro II: análise do processo criativo*, do núcleo de pesquisas (NUPROC) vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pelo Professor Sergio Romanelli, investiga e divulga as atividades tradutórias de D. Pedro II a partir de seus manuscritos, disponíveis no Museu Imperial de Petrópolis e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro.

Moura e Odorico Mendes. Para Wyler (2003), Lopes de Moura pode ser reconhecido como o primeiro tradutor brasileiro profissional, tanto pelo número de traduções realizadas, quanto pelo fato de ter sido remunerado por seu trabalho. Odorico Mendes, embora tenha sido julgado às avessas por Candido e Silvio Romero, é considerado o patriarca da tradução criativa no Brasil, por intermédio das apreciações de Haroldo de Campos (1970), que concebe a tradução poética como recriação, tendo em vista as peculiaridades inerentes à transposição do gênero.

Em razão das estreitas relações literárias entre D. Pedro II, Odorico Mendes e Lopes de Moura e levando em consideração suas contribuições para o fortalecimento da atividade tradutória no Brasil, torna-se necessário fazer referência a este último, devido aos laços que os unem e que permeiam suas obras.

Médico, escritor, editor e tradutor, o baiano Lopes de Moura só se tornaria referência nas letras nacionais através da tradução do romance *Talismã* de Walter Scott (1771-1832), publicado em 1837, quase quarenta anos depois de ter deixado a Bahia para viver na França napoleônica, onde atuou como soldado-cirurgião do exército francês. Em 1938, foi contratado como tradutor pela Editora Bossange e Aillaud, realizando quantidade expressiva de traduções. Segundo Veiga (1979), Lopes de Moura se lançou como escritor para garantir sua subsistência quando já tinha 57 anos. Com a pensão concedida por D. Pedro II, entre 1837 e 1847, passou a trabalhar de modo mais moderado, pois viveu um período de intensa produção. Comprovadamente, traduziu do francês, do inglês e do alemão. A maior parte de suas produções são traduções, porém, organizou edições, realizou prefácios, críticas literárias e revisões³⁰. Praticamente todos os seus trabalhos foram escritos e impressos na França, em razão de seu exílio voluntário naquele país. Lopes de Moura fazia questão de registrar no frontispício de seus livros – *Natural da Bahia*. Entre suas traduções se destacam obras de Walter Scott, romances de Fenimore Cooper (1789-1851), de Chateaubriand (1768 -1848) e de Juan Francisco Marmontel (1723-1799)³¹.

De autoria pessoal de Lopes de Moura, entre os textos mais conhecidos, destacam-se a *História de Napoleão Bonaparte* e *Harmonias da Criação*. Lançou também várias obras didáticas, como o *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*. Há

³⁰ Sobre a bibliografia de Lopes de Moura, consultar Yee e Lima, 2010.

³¹ O grupo de escritores do Romantismo brasileiro, que se estabeleceu entre 1840 e 1860, recebeu fortes influências dos trabalhos de Fenimore Cooper, Chateaubriand, Walter Scott, além de Eugène Sue e Balzac, cujos gêneros mais cultivados estão a poesia lírica e narrativa, a ficção, o teatro, a crítica, a história e o jornalismo. Cf. Coutinho, 2004, p. 21.

de se destacar ainda, *O livro indispensável*, trabalho curioso em razão dos ensinamentos que propõe, tais como *combater mosquitos e fabricar leite em pó*. Lopes de Moura também traduziu compêndios de medicina que foram adaptados para uso no Brasil (Wyler, 2003, p. 65). As contribuições do tradutor asseveram a importância de seus trabalhos nos intercâmbios culturais e científicos. Candido (2008, p. 440) destaca a qualidade de seu trabalho, todavia acredita que algumas de suas traduções foram possíveis “subprodutos” que influenciaram a formação do romance naquele período.

Consta em Veiga (1979) que tanto Lopes de Moura quanto Odorico Mendes, mantendo-se filiados diretamente ao império, chegaram a travar embates pessoais em decorrência da crítica à tradução da *Eneida* de Odorico Mendes, que Lopes de Moura submeteu ao imperador. Ainda no Brasil, enquanto trabalhava na tradução de Virgílio, Odorico Mendes encontrou dificuldades para verter frases relativas à marinhagem. Diante de suas dificuldades, Lopes de Moura teria lhe emprestado o livro *Virgílio Náutico*³². Logo após os préstimos e depois de muito ter lhe assistido como médico, Lopes de Moura ficou aborrecido com o compatriota após a leitura de uma nota publicada na *Eneida Brasileira*, na qual Odorico Mendes se referia indelicadamente a vida pessoal do colega. Segue a nota referente ao Livro VI da qual trata Veiga (1979, p. 161):

759. – 781. – *Aprender por conhecer* he corrente nos classicos: Constancio o dá por antiquado; o que não admira, porque no seu conceito uma boa porção dos vocabulos deve ser esquecida. Modernamente o meu amigo Dr. Lopes de Moura usou deste verbo na sua traducção das obras de Walter Scott. O nosso illustre compatriota he riquissimo na linguagem; mas, segundo m’o tem dito muitas vezes, não poude corrigir os seus escritos, pela pressa com que trabalhava para acudir ás necessidades da vida. Hoje está elle mais folgado pela pensão que lhe dá do seu bolsinho o Snr. D. Pedro Segundo; mas infelizmente, quando a munificencia imperial o allivia, a velhice o alcança, e não lhe permite mais um trabalho

³² Veiga destaca que a obra *Virgílio Náutico* pertencia ao Visconde de Santarém. O Visconde também ficou aborrecido com Odorico Mendes porque o tradutor não fez nenhuma alusão aos empréstimos de obras de seu acervo, tampouco menção a dados extraídos de livros de sua autoria.

assíduo. Oxalá que este bello exemplo de generosidade fique aos vindouros, e que não herdemos dos nossos parentes Portuguezes, a par de louvaveis costumes e leis, o desprezo para com os escritores desvalidos da fortuna. (VIRGÍLIO. *Eneida Brasileira*, 1854).³³

A maneira peculiar de Odorico Mendes traduzir e expor comentários suscitou descontentamento por parte de Lopes de Moura, acentuando ainda mais as críticas encaminhadas a D. Pedro II. O que se observa em suas queixas, no fragmento abaixo:

Há não poucos anos que escrevo, Imperial Senhor, e não me lembra pegasse uma só vez na pena para defender as minhas obras, e ainda menos para censurar as alheias; porém ainda não me pude a tal ponto santificar-me que não sinta que me ferem e maltratam, e este meu compatriota do Maranhão houve-se comigo, e com o visconde de Santarém a quem a pedido seu o apresentei, por tal maneira que não tenho regresso senão o desabafar-me aos pés do Trono de Vossa Majestade Imperial a Quem Deus guarde muitos anos. (apud VEIGA, 1979, p. 161).³⁴

No que diz respeito à tradução de Odorico Mendes, as críticas de Lopes de Moura referem-se à redução do número de versos em relação ao original, a latinização, entre outros aspectos que, no seu ponto de vista, caracterizam a versão odoricianiana como cansativa e de difícil leitura. O imperador considerou a crítica um pouco exagerada e fez questão de registrar observações às margens dos escritos de Lopes de Moura, tais como: “*concordo*”, “*justo*”, “*o modo por que se exprime o censor me parece um pouco apaixonado*” (apud VEIGA, 1979, p. 162).

As traduções de Odorico Mendes também são reconhecidas por suas importantes notas sobre questões linguísticas, literárias e históricas,

³³ O excerto referenciado por Veiga é parcial. Para uma exposição completa da nota buscou-se o texto direto na tradução. Cf. Virgílio, *Eneida Brasileira*, 1854.

³⁴ O manuscrito da crítica da tradução de Odorico Mendes encontra-se disponível no arquivo Grão-Pará, no Museu Imperial de Petrópolis. O documento pertence à coleção particular dos herdeiros de D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, e foi acessado *in-loco*, em pesquisa realizada em 26 de abril de 2010. Veiga apresenta alguns excertos, pois também acessou tais registros. Para essa pesquisa, o manuscrito não foi transcrito, porque as fotocópias não foram autorizadas, inviabilizando o trabalho.

que dimensionam tanto sua poética, quanto seu perfil como tradutor. Pertinente destacar que durante seu processo de tradução, por muitas vezes utilizou as notas para expor assuntos políticos e até mesmo questões de âmbito particular, como no caso do exemplo anteriormente mencionado, no qual Odorico Mendes faz menção à generosidade do “bolsinho” do imperador, tecendo elogios a D. Pedro II em relação ao seu apoio ao desenvolvimento cultural do país. Época em que “[...] muitos brasileiros estudaram no exterior à custa do bolsinho imperial”, lembra Carvalho (2007, p. 98).

Como se pode constatar, as informações extratextuais expostas por Odorico Mendes geram o deslocamento do leitor para elementos que, a princípio, parecem não se relacionar com o texto traduzido, mas que, no entanto, dimensionam a complexidade do seu trabalho, bem como a noção de que em tradução literária, por vezes, se sobrepõe o confronto travado entre tradutor e texto, entre tradutor 1 e tradutor 2, uma vez que engloba peculiaridades advindas da sua postura política e do contexto sócio-cultural. Nesse sentido, investigando a tradução como fenômeno social, observando-a pelo viés de Bourdieu (1974), entende-se como se constitui histórica e socialmente a posição dos agentes envolvidos com a atividade tradutória, pois, enquanto produto da cultura, a prática reflete as influências, as representações políticas, econômicas e sociais, além de estilos de vida e os julgamentos morais e estéticos. Os percursos de Odorico Mendes e Lopes de Moura se cruzaram em vários momentos através de seus escritos, muitas vezes confrontados e intermediados nas salas do Palácio Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

A atividade tradutória, nesta perspectiva, está ligada aos conceitos de *patronato* e *ideologia* estabelecidos por Lefevere (1992), uma vez que os grupos que operam no campo literário definem a ideologia do sistema e sua poética. *Patronato* é entendido aqui como o poder das pessoas e das instituições. *Ideologia*, por sua vez, definido como a relação entre a literatura e os sistemas sociais. Explicitando os elos que se estabelecem, é pertinente refletir sobre os jogos de poder vigentes do século XIX, pois D. Pedro II manifestava interesse pelos projetos que envolviam tradução, tendo consciência de que a atividade favorece a formação em literatura, pois permite o cotejo entre diferentes culturas, contribuindo para a disseminação de conhecimentos e valores. Naturalmente, as pretensões literárias do imperador também respondiam a seus interesses particulares, cuja formação enfatizava o estudo de idiomas antigos e modernos.

Vale lembrar que mesmo com o frequente amparo oficial de D. Pedro II, o Brasil foi ao mesmo tempo marcado pela prática de um “[...] mecenato por meio da prebenda e do favor imperial, que vinculavam as letras e os literatos à administração e à política”, alerta Candido (2010, p.93). Ainda assim, não se pode desconsiderar que o apoio do imperador,

[...] à ciência, às letras e às artes, à educação e à técnica foi um exemplo importante num país de 80% de analfabetos. O pouco que se fez no Brasil no século XIX nesses campos deve muito a ele. Serviu também para projetar no exterior a imagem de um chefe de Estado culto e mecenas, em contraste com as dos generais e caudilhos toscos que povoavam a política da América Latina. (CARVALHO, 2007, p. 230).

Sobre incentivos aos projetos em tradução acentua-se que muitas obras traduzidas foram patrocinadas por monarcas que também visavam fortalecer as línguas nacionais. Como constatado, D. Pedro II praticava e estimulava essa atividade no Brasil. Tal como ele, Delisle e Woodsworth (1995) destacam o rei inglês Alfred de Wessex (849-99) que teria empreendido um programa de traduções para impedir o declínio cultural do país. Elis (2008), numa abordagem mais ampla, observa como se deu na literatura inglesa a questão do mecenato e do patrocínio, mencionando as contribuições de Alfred de Wessex, cujos projetos, que incluíam a tradução, ajudaram a definir a cultura literária num momento em que o latim era a língua dominante. Nesse estudo, o autor destaca as contribuições do rei como professor, tradutor e teórico, salientando que suas propostas de inovação literária e educacional aconteceram enquanto a Inglaterra se defendia das investidas vikings.

A tentativa de Alfred para ressuscitar uma época de ouro da aprendizagem do inglês estabelecendo a criação de um novo sistema educacional e adotando um ambicioso programa de tradução, estreitaram ligações com as circunstâncias atuais. Afinal, as reformas de Alfred não foram totalmente conservadoras ou nostálgicas, pois envolveram a criação de uma cultura bilíngue totalmente nova, em que o domínio funcional do

inglês foi substancialmente ampliado. (ELIS, 2008, p. 119, tradução nossa)³⁵.

Sabe-se que é considerável o distanciamento temporal e cultural entre o reinado de Alfred de Wessex e o de D. Pedro II, assim como os projetos arquitetados por cada um deles. No entanto, tal ligação é pertinente, pois permite compreender que o incentivo e as práticas tradutórias dos monarcas foram importantes para o desenvolvimento literário de suas nações. A releitura dos acontecimentos que envolveram D. Pedro II, Odorico Mendes e Lopes de Moura reconstitui parte de uma rede de influências na qual se envolveram tradutores e traduções no Brasil durante o Segundo Reinado. Entende-se que os três priorizaram a importação de grandes obras literárias, deixando suas marcas na história cultural no Brasil como agentes envolvidos com a disseminação de conhecimento e a difusão de valores.

Burke e Hsia (2009) reforçam que, em qualquer história de intercâmbio cultural, a tradução entre línguas é importante. Dessa forma, no que diz respeito especificamente à tradução literária no Brasil durante o Segundo Reinado, torna-se imprescindível observá-la em função da história política. Até porque, principalmente nas regiões pouco dotadas de recursos literários, como o Brasil naquela época, a tradução literária estava, de certa forma, atrelada aos poderes vigentes. A tradução exerceu papel fundamental no agrupamento desses recursos com a importação de textos universais, além de ter sido utilizada, no caso de Odorico Mendes, como prática de discurso ideológico. Percebe-se então que:

A tradução não é, e talvez nunca tenha sido, uma atividade isolada, executada independentemente das disputas de poder dentro da sociedade. Em sua maioria, os tradutores trabalham bem, e com segurança, dentro dos perímetros traçados pelos poderes políticos da sua época. Os relativamente poucos tradutores que violam as normas sociais o fazem porque são capazes de usar o poder delegado, porque podem explorar sua inserção

³⁵ *Alfred's attempt to resuscitate a golden age of English learning by establishing a new educational system and embarking on an ambitious translation programme involved a close engagement with the circumstances of the present. Alfred's reforms were not in the end wholly preservative or nostalgic: they involved the creation of an entirely new bilingual culture, in which the functional domain of English was substantially enlarged.*

entre forças contraditórias e porque suas formas de múltiplo emprego por vezes lhe permitem uma autoridade social maior que realmente lhes é estendida. (LEFEVERE, 1995, p. 164-5).

Retomando o debate levantado por Lefevere (1995) sobre tradutor como autoridade social, vale destacar outra passagem em que Odorico Mendes reforça essa questão, utilizando suas notas de tradução para, além dos esclarecimentos sobre interpretação, sintaxe e idiossincrasias estilísticas, tratar de aspectos de ordem política e social. O excerto abaixo foi extraído do Livro VII da versão odoricianiana da *Eneida*, e refere-se à passagem em que Enéas sepulta sua ama Caieta:

Tu não menos, Caieta ama de Enéas, Nossas praias morrendo eternizaste; Guarda o lugar teu nome, e se isto he glória, Na magna Hesperia os ossos te assinala. O pio alumno, exequias celebradas,	5
Túmulo erguido, assim que os mares jazem, A velejar prosegue e o pôrto larga. Auras á noite aspiram, nem seu curso Candida a Lua nega; o ponto esplende Ao trémulo clarão. Circéas terras	10
Costêam-se, onde lucos inacessos Com aturado canto a rica filha Do Sol atroa, e nos suberbos tectos Odoro cedro em luz nocturna queima, Corre com pente arguto as finas têas.	
(VIRGÍLIO. <i>Eneida Brasileira</i> , 1854).	

Sobre essa passagem o tradutor teceu os seguintes comentários:

Começa o poeta pela morte e exequias da ama de Enéas, cujo nome ficou á cidade e promontorio de Caieta, hoje Gaeta; e assim nos recommenda o amor e o respeito que nos cumpre consagrar ás mulheres que nutrem a nossa infancia com o sangue de seus peitos, ainda que não sejam as que nos geraram. O sensível coração de Virgilio se regozijava de as fazer lembradas, como se vê no livro IV com as de Sicheu e de Dido; como

tambem no V com Pyrgo, ama que fôra de muitos filhos de Priamo. Nisto deviam reflectir aquelles senhores que, depois de darem a seus filhos por amas as suas proprias escravas, as deixam ainda no captiveiro; e alguns, ingratos e inhumanos, continuam a usar com ellas de todo o rigor! Um homem de bem e dos melhores jurisconsultos que temos, Dr. Caetano Alberto Soares entre muitas medidas que propoz ás Camaras Legislativas para se ir acabando a escravidão, foi a da alforria das amas de baixo de certas regras; mas os seus bons desejos quebraram-se no escolho de inveteradas preocupações. O' meu paiz! quando serão livres todos os que respirarem no teu seio! (VIRGÍLIO. *Eneida Brasileira*, 1854)³⁶.

Os apontamentos de Odorico Mendes demonstram que, ao propor uma espécie de tradução comentada, ele apresenta ao leitor, por intermédio da benevolência da personagem Enéas, um contraponto entre o real e o ideal, associando-o ao cenário arbitrário da escravidão que assolava o país naquela época, ao qual desde sua juventude já fazia alusão.

Partindo dos exemplos apresentados nesta sessão, entre outros que acompanham as notas de suas traduções, entende-se que Odorico Mendes exprime concepções pessoais sobre a função da linguagem poética, bem como sobre o papel social do tradutor na difusão dos textos literários. A interferência dialógica do tradutor sobre seu trabalho pode ser vista por alguns teóricos como inadequada ou subversiva, ao empregar tal recurso como estratégia para registrar acontecimentos e posicionamentos pessoais que refletem o conturbado contexto social daquele período. Os propósitos de Odorico Mendes não estão ocultos. Tais constatações se fazem evidentes na observação e análise de seu discurso, pois a linguagem carrega consigo fortes cargas ideológicas, bem como deriva em função de motivações diversas.

O capítulo que segue apresentará alguns apontamentos sobre as traduções dos poemas homéricos, considerando suas representatividades

³⁶ Caetano Alberto Soares, citado nessa nota, foi sacerdote católico e jurista, membro da comissão que analisou o esboço do Código Civil brasileiro. Informação consultada no artigo *Ser advogado no Brasil : uniformização e disciplina no discurso jurídico de formação*. Tuiuti (UTPR), Curitiba-PR, v. 23, p. 55-68, 2001. Disponível em: <<http://www.utp.br/.../art%2004%20ser%20advogado%20no%20brasil.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2010.

históricas. Enfatiza-se a importância de alguns tradutores no que diz respeito à transmissão dos textos clássicos, de valores sócio-culturais e das concepções tradutológicas. As discussões desembocarão no trabalho realizado por Odorico Mendes que, assim como outros tradutores, contribuiu para que as obras da antiguidade grega fossem disponibilizadas ao público leitor. O fio condutor recai sobre a versão da *Ilíada* odoricianiana; o recorte se estabeleceu em função do manuscrito encontrado, cujo prólogo constitui peça importante para tais conexões.

3 PANORAMA SOBRE AS REESCRITURAS DAS EPOPEIAS HOMÉRICAS

3.1 Reflexões iniciais

Já se tornou lugar-comum insistir sobre as interferências das obras de Homero na composição da cultura ocidental. A *Ilíada* e a *Odisséia* continuam, até o presente, gerando diferentes pontos de vista a cada novo estudo realizado sobre as heranças da cultura grega. A difusão das obras homéricas acontece, sobretudo, em razão de suas traduções e adaptações.

Tanto a *Ilíada* como a *Odisséia* são poemas que têm suas origens no século VIII a.C., resultados de uma tradição transmitida de forma oral pelos aedos, poetas que cantavam fábulas e tradições populares através de seus versos. Baseando-se nos estudos de Romilly (2001), sabe-se que esses poemas foram compostos numa época em que os gregos ainda não usavam a escrita alfabética. Tal asserção se pauta, principalmente, nos estudos realizados por Milman Parry, lançados em 1933. Seu trabalho revolucionou as reflexões acerca da constituição dessas obras. Até então se acreditava que os poemas haviam sido compostos em versão escrita.

Em função dos poemas terem sido recitados ao longo de vários anos, Romilly (2001) acena para a possibilidade de ter havido, depois desse período, adições, modificações e interpolações. Arranjos realizados na Grécia durante alguns séculos. Para a estudiosa, os mais de 15 mil versos hexâmetros datflicos, que compõem cada um desses poemas, divididos em 24 livros, foram elaborados a partir de outros cantos que antecedem Homero. Fato é que a partir do conhecimento dessas epopeias muitas indagações surgiram sobre suas origens, elaboração e autoria. Tais questionamentos suscitaram várias hipóteses, gerando a polêmica *questão homérica*. Com efeito, desde a época dos gramáticos alexandrinos, como Zenão e Helânico (III e IV a.C.), as opiniões a respeito da autoria da *Ilíada* e da *Odisséia* já eram divergentes. Alguns afirmavam ser Homero o autor das duas obras; outros lhe concediam paternidade somente da *Ilíada*. Houve também os que lhe conferiam a autoria dos dois poemas, mas que originalmente as obras não seriam tão extensas, sendo fruto de adaptações posteriores. Essas discussões começaram a repercutir, sobretudo, com a publicação da obra *Prolegomena ad Homerum* em 1795, do filólogo alemão

Friedrich August Wolf, precedida pela *Dissertation sur l'Iliade* do abade François d'Aubignac, realizada em meados de 1664, mas publicada somente em 1717, tal como salienta Romilly (2001). De acordo com a autora, Wolf, por exemplo, questionava as unidades dos poemas e acreditava que as duas epopeias não teriam sido escritas exclusivamente por Homero. Tais constatações, bem como estudos posteriores, suscitaram incertezas biográficas, provocando questionamentos sobre onde Homero teria de fato nascido e qual teria sido sua trajetória de vida. Para os antigos, Homero seria um poeta do século VIII a.C., autor dessas duas epopeias. Para os modernos, o poeta não passava de uma figura lendária. Entre os antigos, como Heródoto V a.C., predominava a ideia de que o autor nascera em Esmirna e vivera na cidade de Quios, próximo à atual Ásia Menor.

No entorno dessas problematizações, sabe-se que a *questão homérica* permanece sempre “no domínio do incerto”, tal como acredita Romilly (2001). Dessa forma, a tradição prossegue atribuindo ao cantador Homero a autoria da *Ilíada* e da *Odisséia*, entre outras obras, como a fábula *Batracomiomaquia* ou *Guerra dos ratos e das rãs*.

Os prolongamentos dos debates acima, de certa forma, se estendem até a atualidade, pois se sucedem discussões e estudos científicos sobre os poemas. Além das questões de ordem filológica, os estudos pontuam a natureza mítica, poética e ideológica, principalmente no que diz respeito às representações que emanam dos episódios dessas narrativas, repletas de significados simbólicos. Como apresenta Jaeger (1989), enquanto a *Ilíada* remete à guerra de Tróia e às diversas forças e/ou fragilidades que impulsionaram deuses e heróis³⁷, a *Odisséia* retrata o lado *humano* do herói, que depois de sangrentas batalhas experimenta a necessidade de refletir sobre sua própria existência. Embora os dois poemas ofereçam quadros diferentes, as discussões em torno da ira de Aquiles e das turbulências acerca das aventuras de Ulisses conduzem a inúmeras reflexões sobre a natureza humana. Dessa forma, levando em consideração a catarse que proporcionam esses textos poéticos, quaisquer que sejam as leituras que se façam deles, das eruditas às mais pueris, conduzirão a (re) pensar aspectos como moral e ética. Até porque “os homens de Homero são tão reais que poderíamos vê-los com os olhos e tocá-los com as mãos. A sua existência está em íntima conexão

³⁷ Sobre as representações da *Ilíada* ver ensaio *Epopeia e miséria humana*, de Paes (2008), no qual o autor se refere ao estudo *The Iliad or the poem of the force*, de Simone Weil, que foi escrito sob influência da Segunda Guerra Mundial. O estudo da autora está disponível em: <<http://www.people.virginia.edu/jdk3t/WeilTheIliad.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2010.

com o mundo exterior, pela coerência do pensamento e pela razão” (JAEGER, 1989, p. 57). O caráter nobre concedido à obra também conduz à reflexão sobre a ação educativa da poesia. Por conta disso, muitos autores consideram Homero um exímio educador, pois suas obras, como também observa Medina (1980, p. 55), se elevam à condição de *paidéia*, enciclopédia, “dada a excelência na formação da cidadania e do gosto poético”.

Cada novo olhar científico lançado ao estudo desses clássicos, seja com vistas à sua interpretação, à sua recepção, ou sobre seus impactos na formação cultural do ocidente, estende seus resultados sobre as mais diversas áreas do conhecimento, como a filosofia, a psicanálise, as letras, a política e o cinema.

No estudo de Manguel (2008), por exemplo, tem-se um panorama de como, ao longo dos tempos, as influências e a presença de Homero se manifestaram em Platão, Virgílio, Dante, Nietzsche, Cervantes, Joyce, entre outros. O autor evidencia como os poemas épicos geraram ideias e influenciaram na composição de outros clássicos da literatura. Desde que se teve ciência das epopeias, os trabalhos de Homero foram interpretados, adaptados, apreciados e até mesmo manipulados. Da poesia à prosa, das irreverentes histórias em quadrinhos às modernas produções cinematográficas, a essência das epopeias circula, até hoje, através do que Lefevere (2007) chama de *refração*, ou seja, quando uma obra se reflete em diversas adaptações e versões semióticas, intervindo em determinada cultura. Tal perspectiva também leva a pensar sobre a própria concepção dos poemas homéricos, uma vez que surgiram a partir da expressão oral, sendo transpostos para escrita posteriormente.

Independente das releituras e das recriações que se possam fazer, as variações das representações parecem responder às necessidades do público, tendo em vista o leque de propostas que oferece o texto canônico. O importante é que as diversas manifestações das obras de Homero continuam suscitando indagações críticas sobre o homem e o mundo. As refrações que emergem dos clássicos de Homero são realizadas principalmente a partir de suas traduções, pois, de certa forma, são as traduções que garantem a perpetuação da narrativa.

No que se refere à importância da tradução na difusão dos textos clássicos, discussão que aqui mais interessa, Oliva Neto (2010) corrobora com a reflexão salientando que os textos se tornam clássicos não somente em razão dos seus valores intrínsecos, mas também em função das traduções realizadas. Sendo assim, o estudioso acrescenta que, se a manutenção das obras fosse função única de leitores do original, estes não poderiam sozinhos assegurar a importância que

preservam os clássicos como os de Homero e Virgílio. Por conseguinte, não se tornariam o paradigma que são, até por conta da própria cristalização dos idiomas. Se não fosse a tradução, não haveria hoje textos clássicos da Antiguidade greco-romana. Por isso, Oliva Neto reconhece a importância do trabalho precursor de Odorico Mendes no contexto brasileiro, como tradutor e teórico.³⁸

Seguindo essa discussão, entende-se a afirmação de Manguel (2008) de que realmente pouco se sabe sobre Homero, mas que o contrário acontece com as obras *Iliada* e *Odisséia*, que se perpetuaram nos meios literários. Como o autor, acredita-se que:

[...] exceto por um grupo cada vez menor de intelectuais aos quais foi concedida a graça de conhecer grego antigo, o resto de nós não lê Homero, mas uma tradução de Homero. (2008, p. 10).

No que concerne às traduções desses clássicos, existem especialistas preocupados com aspectos técnicos e estruturais dos poemas, remetendo-se ao paradigma da fidelidade. Nos apontamentos de Borges (1957, p. 105) sobre *Las versiones homéricas*, o autor exemplifica as opções de alguns tradutores ingleses como George Chapman, Alexander Pope e Thomas Buttler, evidenciando seus estilos. Ponderando sobre o fato de haver versões mais literais e arcaizantes, textos conservadores e outros informativos, Borges (1957) polemiza sobre qual das versões poderia ser considerada *fiel*. Finalmente conclui que “nenhuma delas ou todas”, pois as traduções homéricas, sob sua ótica, podem ser consideradas “sinceras, genuínas ou divergentes”. Vasconcellos et al. (2008, p. 16) também corrobora com a discussão ao acreditar que a questão de fidelidade em tradução é relativa, posto que suscita a pergunta: “fiel a quê?”. Com efeito, a forma, a semântica, as particularidades do par de línguas, a cultura-alvo, remetem a um dos pontos que envolvem tradução poética, ou seja, a questão da

³⁸ As reflexões do Prof. Dr. João Ângelo Oliva Neto foram extraídas da entrevista concedida ao Programa de Pós - Graduação em Estudos da Tradução - PGET, na qual ele se refere à importância da tradução na difusão dos textos clássicos. Cf. Oliva Neto, 2010. Discussão que também foi levantada pelo autor na palestra *O bom senso: quem foi quem na tradução de epopeia clássica para o português?*, durante o II Simpósio de textos clássicos e tradução. Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução - PGET, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, em 09 de agosto de 2010.

intraduzibilidade. Assim como enfatiza Vasconcellos et al. (2008), entende-se que, na verdade, “tudo é intraduzível”, pois as palavras ou expressões numa determinada língua não podem ser reproduzidas da mesma maneira em outra língua. Essa questão se torna ainda mais acentuada quando se trata de tradução poética, pois como expõe Haroldo de Campos (1970), traduzir um texto poético é *recriar*.

Retomando a questão, Borges (1974) observa que o fato de desconhecer o grego e o árabe lhe permitiu ler a *Odisséia* e *As Mil e uma noites* em muitas versões diferentes, de modo que essa *pobreza* lhe trouxe certa riqueza.³⁹ Como traduzir não é apenas transferir textos completos de uma língua para outra, a “[...] sua verdadeira função consiste em transmitir processos estilísticos, novas formas poéticas, modelos e métodos narrativos, até mesmo critérios de verdade e beleza”, destacam Delisle e Woodsworth (1995, p. 103).

Sobre a fidelidade em tradução, Bassnett e Lefevere (1990) mencionam uma passagem da obra de Proust, na qual a personagem faz reflexões sobre tradução. A avó, certa vez, seguindo seus parâmetros de raciocínio, distinguira uma *boa* tradução de uma *má* tradução sem que esta distinção estivesse relacionada com a ‘qualidade’ da tradução e sim com questões como a latinização dos nomes das personagens Odisseu e Atena em versões modernas para Ulisses e Minerva. “Outros Odisseus, ou melhor, outros textos considerados para representar o Odisseu de Homero, simplesmente não funcionam, eles são impostores”, assim como os nomes alterados nas traduções das *Mil e uma noites*. (BASSNETT E LEFEVERE, 1990, p. 02, tradução nossa).⁴⁰

As traduções, como reescrituras, suscitam reflexões que recaem sobre as opções do tradutor. Suas interferências sempre gerarão reações plurais. Aceitas ou criticadas negativamente, em todo caso as traduções promovem a manutenção das obras ao longo da história, além de servir

³⁹ *El hecho de desconocer el griego y el árabe me permitía leer, digamos, la Odisea y Las mil y una noches, en muchas versiones distintas, de suerte que esa pobreza me llevaba también a una suerte de riqueza* (BORGES E SORRENTINO, 1974, p. 71).

⁴⁰ *Yet Proust's grandmother clearly distinguishes between what are, to her, 'good' and 'bad' translations. It should be noted, however, that 'good' and 'bad' have, for her, no bearing whatsoever on the actual 'quality' of translations, since that is precisely a feature of translation she is utterly unable to judge. Rather, Proust's grandmother likes the translations she has grown up with. "The" *Odyssey* for her is a translation in which the hero is still called by his Latinized name: *Ulysses*, and in which the goddess *Athena* is likewise still called *Minerva*. Other *Odysseys* or rather, other texts deemed to represent Homer's *Odyssey*, simply will not do, they are impostors, as are translations of *The Thousand and One Nights* that change the very names of the protagonists.*

como instrumento para discussões nas mais variadas perspectivas teóricas.

De fato, as traduções dos poemas homéricos continuam exercendo influências importantes na história cultural e literária e, por extensão, na imaginação coletiva, possibilitando aos leitores representações da antiguidade clássica, especificamente do universo grego. Uma composição como a *Ilíada*, “[...] consegue sobreviver, às vezes, às traduções mais infelizes”, pois a ira de Aquiles remete algo comum à humanidade (MANGUEL 2008, p. 11). O autor compartilha da visão de Borges (1957), pois segundo ele, os tradutores, cada qual com suas pretensões, traduziram de modo singular a poesia de Homero. Além dos princípios poéticos, alguns tradutores também buscaram ser fiéis a seus princípios ideológicos.

Na perspectiva dos estudos históricos e culturais cabe considerar que muitos debates em torno dos poemas homéricos foram elaborados ao longo dos tempos por tradutores importantes, cujos trabalhos se tornaram referências no que diz respeito as suas concepções teóricas, ideológicas e tradutológicas. Por isso, continuam, até os dias atuais, constituindo fontes para a realização de diferentes estudos. Muito embora pouco se saiba, efetivamente, sobre Homero enquanto verdadeiro autor das obras que lhe são atribuídas, a influência destes trabalhos sobre a literatura é bastante significativa.

No intuito de estabelecer conexões com as concepções apresentadas acima, enfatizando os estudos propostos por Lefevere (1992), optou-se por destacar peculiaridades dos trabalhos da tradutora francesa Anne Dacier, do inglês Alexander Pope e do italiano Vincenzo Monti. Os tradutores foram escolhidos devido à repercussão histórica de seus empreendimentos e pelo fato de terem sido consultados por Odorico Mendes em sua versão da *Ilíada*.

3.2 Traduções da *Ilíada* no século XVIII e XIX

Ao dialogar com as reflexões de Burke e Hsia (2009), Simoni (2010) salienta que durante as intensas agitações do século XVIII que culminaram em revoluções políticas e culturais, e que se estenderam ao século XIX, se estabeleceram estreitos elos entre os movimentos literários, em razão das correntes que afetavam países como França, Itália e Inglaterra. O Neoclasicismo preconizava a contemplação e o interesse pela cultura clássica. As obras de autores como Homero se

cristalizaram como expressão máxima das cenas do mundo antigo que estava sendo redescoberto, paralelamente, pela arqueologia, pela sociologia, sobretudo por historiadores. Os trabalhos de tradução comportavam parcela importante de informações sobre o elemento clássico e irradiavam-se por toda a Europa, refletindo-se nas Américas. Na França destaca-se Anne Dacier, na Inglaterra Alexander Pope, na Itália Vincenzo Monti e no Brasil Odorico Mendes.

Anne Le Fèvre Dacier, mais conhecida como Mme Dacier, teria sido uma das poucas francesas proficientes em grego antigo. A estudiosa obteve notoriedade por conta de suas produções e debates, com destaque para a obra publicada em 1714, *Des causes de la corruption du goust - As causas da corrupção do gosto*, composta de seiscentas páginas na qual profere críticas ao romance, sobretudo pela maneira como o amor é expresso na literatura. Essas reflexões e parte de suas traduções literárias fizeram parte da disputa conhecida como *querelle des anciens et des modernes*, batalha intelectual perpetuada durante cem anos na qual os chamados antigos e modernos sustentavam suas opiniões sobre diversos campos do conhecimento, destaca Manguel (2008).

Mme Dacier, por exemplo, ao lado dos antigos, supervisionou uma série de textos gregos e latinos podados e expurgados para uso do *Delfim*, o filho mais velho de Luís XIV. A partir deste trabalho, a expressão *ad usum Delfini* tornou-se uma espécie de *syllabus* para fazer referência às obras expurgadas e sujeitas a correções ou censuras. Por sua vez, as traduções de Mme Dacier também seguiram esses preceitos. As versões da *Iliada* (1699) e da *Odisséia* (1708) renderam-lhe fama em toda a Europa, particularmente entre personalidades das letras francesas. Suas traduções suscitaram discussões, pois a tradutora seguiu a corrente de pensamento que marcou o período das *belles infidèles*.⁴¹ Momento em que os tradutores adaptavam o original ao gosto de sua época, inclusive eliminando elementos que pudessem chocar ou desagradar seus leitores.

Como observa Oseki-Dépré (1999), Mme Dacier ao traduzir o épico de Homero optou por transformar o gênero poético em prosa, suprimindo e amenizando passagens que poderiam causar impacto para a língua e a cultura-alvo. Oseki-Dépré (1999) traz o exemplo da cena amorosa entre Paris e Helena, expressa no final do Livro III da *Iliada*,

⁴¹ Expressão mencionada por Ménage (1613-1664) sobre as traduções de Perrot d'Ablancourt (1606 -1664): *Elles me rappellent une femme que j'ai beaucoup aimée à Tours, et qui était belle mais infidèle*. Elas me lembram uma mulher que me agradou muito na cidade de Tours, e que era bela mas infiel (MÉNAGE apud LARZUL 1996, p. 20). Tradução nossa.

comparando a tradução de Leconte de Lisle (1866) com a de Mme Dacier (1699), respectivamente:

Viens ! Couchons-nous et aimons-nous. Jamais le désir ne m'a brûlé ainsi même lorsque naviguant sur ma nef rapide, après t'avoir enlevée del'heureuse Lakedaimôn, je m'unis d'amour avec toi dans l'île de Kranaé, tant que j'aime maintenant et suis saisi de désirs. Il parla ainsi et marcha vers son lit, et l'épouse le suivit, et ils se couchèrent dans le lit bien construit (Leconte de Lisle, 1866 apud OSEKI-DÉPRÉ, 1999, p. 37).⁴²

Et ne pensons plus qu'aux plaisirs... A l'île de Kranaé, vous voulûtes bien consentir à me prendre pour mari... Et en parlant ainsi, il se leva pour aller dans une autre chambre, et Hélène le suivit. (Mme Dacier, 1699 apud OSEKI-DÉPRÉ, 1999, p. 37).⁴³

O excerto de Mme Dacier mencionado no estudo de Oséki-Dépré difere de outra versão da tradutora francesa, que revisou e corrigiu seu trabalho em outras ocasiões. Segue abaixo:

[“...】 Jamais l'ámour ne m'á fait sentir son pouvoir comme dans ce moment, et jamais je n'ai eu pour vous une passion si violente, non pas même le jour que, vous ayant enlevée, je montai sur mes vaisseaux et partis de Lacédémone; ni le jour où, dans l'île de Cranaé vous volûtes bien vous unir avec moi”. En parlant ainsi il se dirigea le premier vers son lit, et Hélène le suivit. (Mme Dacier. Cf. HOMÈRE. *L'Iliade*, s/d, p. 61).⁴⁴

Os comentários que seguem tomam por base o primeiro texto, embora constata-se que a tradutora parece recuar em sua decisão de censurar a exposição da cena amorosa. Para contrapor a ação

⁴² Venha! Deitemos e façamos amor. Nunca o desejo me queimou assim, mesmo quando navegando sobre minha ligeira nau, depois de ter sido levada ao prazer em Lacedemônia, eu me uno de amor contigo na ilha de Cranaé, tanto que amo agora e estou pleno de desejos. Ele falou assim e caminhou para sua cama, e a esposa o seguiu, e deitaram-se sobre o leito bem arrumado. Tradução nossa.

⁴³ E não pensemos senão nos prazeres... Na ilha de Kranaé vós bem quísestes consentir em me tomar por marido... E assim me falando, ele se levantou para ir a um outro quarto, e Helena o acompanhou. Tradução nossa.

⁴⁴ [“...】 Jamais o amor me fez sentir seu poder como neste momento, e jamais tive por você uma paixão tão violenta, nem mesmo no dia, que lhe tendo sequestrado, subi em minha nau e parti da Lacedemônia; nem no dia em que, na ilha de Cranaé, você desejou se unir a mim. Assim falando, Paris se dirigiu pra seu leito e Helena o seguiu. Tradução nossa.

protagonizada pelas personagens, compara-se as versões de Mme Dacier e de Leconte de Lisle com as traduções para o português brasileiro, realizadas pelos tradutores Odorico Mendes (1874), Haroldo de Campos (2001), Carlos Alberto Nunes (2001) e a versão do inglês Alexander Pope (1720).

*Vamos em nossa cama congregar-nos:
Tal ardor nunca tive e tais desejos;
Nem quando, arrebatada à meiga Esparta,
Velejava contigo, e a vez primeira
Na ilha Cranaé do amor gozamos; 380
Hoje mais te apeteço e mais te anelo.
Então sobe adiante, e o segue a esposa;
No entalhado seu leito adormeceram.*
(Odorico Mendes. Cf. HOMERO. *Ilíada*, 2008, p. 149)

*Vamos gozar, agora, do amor, dos prazeres
da cama, que Eros, nunca, tanto me enublou
de paixão os sentidos; mesmo na ocasião
em que te arrebatei e da Lacedemônia
em transmareante nau comigo te levei,
e de alma e cama unimo-nos nas ilhas de Crânae; 445
mesmo então não te ameï tanto. Um doce delírio
me toma.” Disse. E ao leito subiu, secundado
pela esposa. Na cama bem- torneada deitam-se.*
(Haroldo de Campos. Cf. HOMERO. *Ilíada*, 2001, p. 145)

*Ora, concordes, gozemos de amor as carícias, no leito,
pois nunca tive os sentidos tomados por tanta ebriedade,
nem mesmo quando em navios velozes te trouxe da pátria,
Lacedemônia querida, no tempo em que foste raptada
e de uma ilha rochosa o primeiro conúbio gozarmos.
Hoje, mais doce da paixão, por tua casa, de mim se apodera.
Tendo isso dito, subiu para o leito; seguiu-o a consorte.
Enquanto os dois, no belíssimo leito, do sono fruïam,
o louro filho de Atreu, Menelau, percorria as fileiras,
como uma fera, à procura de Paris, de formas divinas. 450*
(Carlos Alberto Nunes. Cf. HOMERO. *Ilíada*, 2001, p. 116)

Observando o trabalho dos três tradutores brasileiros, percebe-se que eles diferem quanto às peculiaridades inerentes às formas dos versos decassílabos, dodecassílabos e dos versos de dezesseis sílabas, respectivamente. Todavia, quanto ao conteúdo referente à cena amorosa, parece que todos fazem questão de explicitá-la. Cada um dos tradutores manifestou estilo característico, sem gerar, no entanto, disparidades em relação à cena protagonizada pelas personagens. O contrário aconteceu com a versão de Mme Dacier que evitou acentuar a cena, se comparada também ao excerto de Leconte de Lisle. O inglês Pope também optou por manter a ousadia da passagem. O que se percebe no excerto correspondente do tradutor:

*Not thus I loved thee, when from Sparta's shore
My forced, my willing heavenly prize I bore,
When first entranced in Cranae's isle I lay,
Mix'd with thy soul, and all dissolved away!"*
*Thus having spoke, the enamour'd Phrygian boy
Rush'd to the bed, impatient for the joy.
Him Helen follow'd slow with bashful charms,
And clasp'd the blooming hero in her arms.
While these to love's delicious rapture yield,
The stern Atrides rages round the field:
So some fell lion whom the woods obey,
Roars through the desert, and demands his prey.⁴⁵*
(Alexander Pope. Cf. HOMER. *Iliad*, 1720)

Para Lefevere (2007, p. 158) a proposta de Mme Dacier era tentar “diminuir a violência do original”, seguindo as regras do *script* cultural que a envolvia. Além de recriar o gênero traduzido, a tradutora também enriqueceu seu trabalho registrando suas impressões sobre Homero, discutindo questões que envolvem a complexidade da obra, o par de

⁴⁵ Não foi assim que eu te amei, quando da costa de Esparta,
Suportei forçado, meu prêmio celestial desejado,
Quando eu primeiro, em transe na ilha Cranae jazia,
Misturado com tua alma, tudo se dissolveu!"

Assim, tendo falado, o rapaz da Frígia enamorado
Correu para a cama, impaciente por prazer.
A ele Helena seguiu devagar com charmes ousados,
E abraçou o herói florescente em seus braços.
Enquanto esses nas delícias do amor se emaranhavam,
O austero Atrides se enfurecia em volta do campo:
Então como um leão que as matas obedecem,
Ruge pelo deserto, e exige sua presa". Tradução nossa.

línguas trabalhado (grego-francês), os gêneros literários e as características poéticas e morais dos textos e das culturas (Cf. Moore, 2000). Debates que se prolongam até os dias atuais.

Em relação ao exposto, é importante retomar as conexões literárias entre Odorico Mendes e D. Pedro II. Além de seus contatos pessoais, ambos foram leitores dos trabalhos da tradutora francesa. Na ocasião do exílio em Paris, enquanto o imperador traduzia a *Odisséia*, fez a seguinte menção em seu diário: “Traduzi a Odisséia comparando o original com a versão de Mme Dacier. Podia essa *bas-blue*⁴⁶ empregar melhor o seu tempo”.⁴⁷ D. Pedro II e Odorico Mendes tinham opiniões críticas em relação ao trabalho da tradutora. Ambos fizeram questão de registrar suas avaliações. Odorico Mendes, em excerto abaixo reproduzido, parece julgar autoritária uma passagem vertida pela francesa. Em nota ao Livro XVIII da *Ilíada*, Odorico Mendes menciona:

Diz Mme. Dacier que o prêmio não era para os juízes, mas para que o melhor se defendesse. O texto, porém é imperioso, e à letra significa para o que entre eles desse a mais justa sentença; ora as partes não proferem sentenças, limitam-se a mostrar o seu direito. Vou, pois com Rochefort, que assim discorre: “Pretende Mme. Dacier, com Eustatio, que o prêmio era para quem vencesse a demanda; o que é pouco verossímil; pois, nos tempos antigos pela história conhecidos, vemos uma certa paga aos juízes, módica sim, mas dada sempre no fim da audiência; e não conhecemos na antiguidade prêmio algum particular concedido aos litigantes que vencessem a demanda”. (HOMERO. *Ilíada*, 2008, p. 899).

Considerando o discurso odoriciano e do imperador não seria improvável ligá-los aos comentários que emergem dos pensamentos *progressistas* de Immanuel Kant (1724 - 1804) que, de certa forma,

⁴⁶ A expressão *Blas-Blue*, também conhecida como *Blue-stocking* (meia - azul) teria se originado na Inglaterra na segunda metade do século XVIII para fazer referência às *ousadas* mulheres de letras. O termo foi inclusive registrado por Gustave Flaubert em seu *Dictionnaire des idées reçues* (1913) e também por Jules Barbey d'Aurevilly (1860-1909), de forma pejorativa, em sua obra *Les Oeuvres et les hommes* (1860-1909).

⁴⁷ Excerto do diário de D. Pedro II, 1840-1891. Volume 31, 19 de abril de 1880 - Sábado. Cf. Begonha, 1999.

também dirige críticas à tradutora, como se constata no trecho que segue:

A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave profundas discussões sobre mecânica, como a Marquesa de Châtelet, só pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram. (KANT, 2000 apud BORGES, 2005, p. 668).

Kant refere-se a algumas mulheres ousadas do século XVIII, Mme Dacier e Gabrielle Emilie (1704–1749), a marquesa de Châtelet, tradutora da obra *Princípios*, de Isaac Newton.

As decisões de Mme Dacier são destaques nas abordagens tradutológicas atuais. Sua versão da *Ilíada*, principalmente, parece ter provocado mudanças efetivas nos modelos que buscavam manter o estilo do original, sobretudo quanto à forma. Mme Dacier, paralelamente, abriu vias para que se colocasse em foco a importância de sua atividade tradutória, numa época em que predominavam os posicionamentos masculinos.

A postura da tradutora francesa difere, por exemplo, das concepções do tradutor inglês Alexandre Pope. Pope é considerado um dos maiores poetas do início do século XVIII. Nasceu em uma família abastada. Começou a escrever aos 12 anos e foi considerado um poeta prodígio. Em 1710, o dramaturgo Wycherley o introduziu nos círculos literários londrinos. Ficou conhecido por sua habilidade com estilo dístico heróico. Destacou-se pelo poema satírico *The Dunciad* (1743), e pelas traduções da *Ilíada* (1715) e da *Odisséia* (1725) de Homero. Durante sua trajetória de vida enfrentou sérios percalços. Além de perseguido por sua conversão ao catolicismo, enfrentou doenças físicas e psicológicas, que se agravaram em razão das frequentes crises decorrentes de sua participação nas *querelles* literárias londrinas. Seus trabalhos são citados tanto no campo literário geral, quanto na área dos estudos da tradução, como se pode perceber nos estudos de Lefevere (1990) e dos autores France e Haynes (2008).

Quando Pope começou a traduzir a *Ilíada* nada sabia do grego, mas começou a estudá-lo de forma autodidata. Desde cedo se envolveu com autores antigos, com os quais aprendeu sobre retórica e suas temáticas. De acordo com Manguel (2008), Pope, em 1715, aos 27 anos, publicou sua tradução da *Ilíada*, empreendimento, para ele, quase

inatingível, principalmente porque seu maior obstáculo consistia na dificuldade com o idioma grego. Por isso, trabalhou a partir de traduções de George Chapman, John Ogilby, Thomas Hobbes e outros. Para dar conta das questões que envolviam seu projeto de tradução, Pope adotou a estratégia da tradução colaborativa, convidando amigos para auxiliá-lo. Por suas iniciativas, ocupa papel de destaque na história da tradução em língua inglesa. Foi um dos poucos tradutores de sua época a receber uma quantia financeira significativa por seus trabalhos, tendo dividido os proventos com seus colaboradores.

No que se refere às iniciativas do tradutor inglês, Milton (1998) observa que seus projetos refletem o período conhecido como *Augustan*⁴⁸, que se estendeu do final do século XVII ao século XVIII, e marca as primeiras tentativas inglesas de teorização sobre a prática tradutória. Nessa época, os tradutores não consideravam o original como texto sagrado, ou seja, que não admitia alterações. Embora Pope acreditasse que a tradução envolve recriação, não apoiava iniciativas como as de Mme Dacier e de Perrot d'Ablancourt, cuja liberdade excessiva permitia que os tradutores adaptassem o original ao gosto de sua época, como se observou no exemplo exposto anteriormente referente à versão da tradutora francesa.

De acordo com os escritos sobre o tradutor inglês consultados para esta investigação, sabe-se que, apesar de a tradução de Pope ter sido reconhecida pelo público leitor, alguns críticos não se mostraram entusiasmados com seu trabalho. O poeta John Keats, por exemplo, considerava o trabalho de Pope artificial. As opiniões dos críticos em relação ao trabalho do tradutor são divergentes. Para Steiner os detratores de Pope foram justamente aqueles que não o leram atentamente, lembra Manguel (2008). Buckley (s/d.), por sua vez, destaca a tradução de Pope por sua cadência métrica e fluência agradável, lembrando que a recriação para a língua inglesa tem tanta excelência quanto à própria obra de Homero. A versão da *Ilíada* realizada por Pope foi lida com bastante frequência. Entre 1791 e 1836, a reimpressão de seu trabalho havia superado a versão de William Cowper, publicada pela primeira vez em 1791. A partir da última década do século XVIII o número de reimpressões da tradução de Pope começou a declinar, por conta das versões posteriores.

Em seu prefácio à tradução da *Ilíada*, Pope considerou importante discutir questões técnicas referentes aos epítetos compostos, as

⁴⁸ Refere-se a época do imperador romano Augusto e ao período neoclássico da literatura inglesa.

redundâncias e as repetições de Homero. Em seu estudo sobre o tradutor inglês, Milton (2008, p.35) observa as recomendações de Pope no que diz respeito às frases de fundo moral e proverbial, que devem ser vertidas com concisão, evitando-se a paráfrase. Do mesmo modo, o tradutor conduz o leitor à universalidade do poema, remetendo-se às discussões que envolvem Mme Dacier. Com efeito, evoca os posicionamentos dos antigos e dos modernos. Como se pode observar no trecho que segue:

Deve haver uma estranha parcialidade com relação à antiguidade, pensar como Madame Dacier, “que aquela época e seus costumes eram muito melhores que os nossos, visto que são bem opostos.” Quem pode ser tão preconceituoso em favor de uma era, a ponto de enaltecer a felicidade de tempos em que o espírito de vingança e crueldade, em conjunto com a prática de saques e roubos, reinava sobre o mundo: quando não havia misericórdia, exceto almejando-se recompensa; quando os melhores príncipes eram mortos pela espada, e suas esposas e filhas transformadas em escravas e concubinas? (HOMER. *Iliad*, 1720, tradução nossa).⁴⁹

Seguindo as discussões sobre as contribuições dos tradutores na difusão da narrativa de Homero, destaca-se outro tradutor presente nos apontamentos de Odorico Mendes. Trata-se do escritor italiano Vincenzo Monti, conhecido pelos seus poemas que louvam Napoleão Bonaparte, por seu papel de poeta da corte e, sobretudo, por sua tradução da *Ilíada* (1810). O trabalho de Monti não partiu do original em língua grega, mas da versão latina. Segundo Babini (2007), sua iniciativa lhe rendeu o apelido de “traduttore dei traduttori” - tradutor dos tradutores-, que lhe foi atribuído por Ugo Foscolo (1778-1827). Foscolo considerava o compatriota o melhor tradutor da *Ilíada* e registrou que o fato de Monti não saber grego não interferiu na qualidade de seu

⁴⁹ *It must be a strange partiality to antiquity, to think with Madame Dacier, “that those times and manners are so much the more excellent, as they are more contrary to ours.” Who can be so prejudiced in their favour as to magnify the felicity of those ages, when a spirit of revenge and cruelty, joined with the practice of rapine and robbery, reigned through the world: when no mercy was shown but for the sake of lucre; when the greatest princes were put to the sword, and their wives and daughters made slaves and concubines?*

trabalho, tendo em vista suas habilidades poéticas e seus estudos realizados sobre as mais diversas versões, interpretações e explicações sobre os poemas. Para Foscolo, somente um tradutor que também fosse poeta seria capaz de traduzir um texto literário de forma tão harmônica, destaca Simoni (2010).

Madame de Staël (2004, p. 147), destaca que a versão da *Ilíada* do poeta Johann Heinrich Voss (*Ilíada*, 1793) é reconhecida como “a mais exata de qualquer língua”, pois o hexâmetro alemão segue quase palavra por palavra o hexâmetro grego⁵⁰. Todavia, ressalta que de todas as traduções da *Ilíada* disponíveis na Europa, a versão de Monti é “[...] a que mais se aproxima do prazer que o original mesmo poderia provocar”. Para a autora francesa, a tradução de Monti acumula “pompa e simplicidade”, pois:

[...] os costumes mais comuns da vida, a roupa, os banquetes são realçados pela dignidade natural das expressões e as maiores circunstâncias estão expressas pela verdade dos quadros e a facilidade do estilo. Doravante, ninguém mais traduzirá a *Ilíada* na Itália; Homero vestiu para sempre o traje de Monti, e me parece que, mesmo nos outros países da Europa, quem não pode se educar para ler Homero no original terá a idéia do prazer que ele pode causar através da tradução italiana. (2004, p. 147).

Ao se referir ao trabalho do italiano, Babini (2007) observa que a tradução de Monti teve uma repercussão bem sucedida, a ponto de continuar sendo adotada na atualidade nas escolas italianas. Além de traduzir, Monti elaborou o famoso ensaio *Considerazioni sulla difficoltà di ben tradurre - Considerações sobre a dificuldade de bem traduzir*, apontamentos que serão retomados mais adiante.

Neste capítulo, pôde-se ter uma ideia da importância dos tradutores na difusão dos textos clássicos e como suas recriações refletem suas posturas poéticas e ideológicas. Os tradutores são agentes engajados com a evolução cultural de suas nações. Odorico Mendes, por sua vez, destaca-se por suas contribuições no cenário brasileiro, principalmente, por suas atuações como tradutor e teórico. O maranhense não se manteve indiferente às discussões tradutológicas,

⁵⁰ Odorico Mendes não faz alusão a tradutores alemães. Menciona não possuir proficiência em alemão, língua que ele “nada pesca”. Cf. Homero, *Ilíada*, 2008, p. 874.

levando em consideração suas dificuldades e limites. Sua tradução da *Ilíada* é resultado de diálogos com tradutores da mesma obra, em outros idiomas.

O capítulo seguinte destaca algumas impressões sobre a atividade tradutória odoricianiana, sobretudo, em sua relação com a versão da *Ilíada*. O objetivo é apresentar o tradutor como crítico de seu próprio trabalho, uma vez que Odorico Mendes, ao comentar suas decisões, conduz o leitor à cena de suas reflexões.

4 A *ILÍADA* POR ODORICO MENDES

4.1 Impressões sobre a atividade tradutória⁵¹

Seguindo as tendências neoclássicas da época, Odorico Mendes foi o primeiro brasileiro a verter integralmente as obras de Homero, bem como as de Virgílio. Sobre a difusão da tradução da narrativa da *Ilíada* no Brasil muito se deve ao trabalho do maranhense, responsável pela primeira versão, publicada em 1874. Seu trabalho precede outras traduções expressivas como a do padre Dias Palmeira (1957), de Carlos Alberto Nunes (2001), de Haroldo de Campos (2001) e de Frederico Lourenço (2005). Pelo que consta, existe um período de mais de 80 anos entre a tradução odoricianiana e as iniciativas posteriores, revelando que a circulação de sua versão predominou durante várias décadas.

Traduzir a epopeia grega para o português representou tarefa de grande envergadura para Odorico Mendes. O tradutor teve que superar as dificuldades da tradução com o pouco conhecimento que afirmava possuir da língua grega, além de restrições pessoais durante a fase de trabalho, que serão apresentadas no último capítulo deste estudo.

Tendo como referência a tradução da *Ilíada* em seu conjunto, percebe-se que, atento aos detalhes, Odorico Mendes seguiu sua empreitada, registrando minuciosamente no prólogo e em notas seu processo de tradução, assumindo a responsabilidade de suas escolhas. O tradutor propôs recriar a obra de Homero com base em outros tradutores. Em seus escritos, confessa suas limitações com o idioma grego e o seu empenho em estudá-lo, fazendo alusões frequentes aos trabalhos de Mme Dacier, Pope, Monti, entre outros.

Consta no prólogo da *Ilíada* que a motivação inicial para Odorico Mendes ter assumido o trabalho partiu de sua irmã, que lera em francês a obra de Homero. Sobre este fato, assim se refere o tradutor:

⁵¹ No dossiê *O processo criativo de Manuel Odorico Mendes através dos manuscritos da tradução da Ilíada* foram expostas considerações incipientes sobre a atividade tradutória odoricianiana. O trabalho foi elaborado para a disciplina Processo Criativo e Tradução, ministrada pelo Prof. Dr. Sergio Romanelli no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC durante o semestre 2009/2. Nessa dissertação, utilizaram-se algumas reflexões apresentadas no dossiê, com reformulações e correções. Cf. Yee, 2010.

Acabada a publicação do meu Virgílio, cogitei a maneira de não ficar ocioso. He mui provavel que não me lembrasse da Iliada se minha irmã do lado materno D. Melitina Jansen Müller, apaixonada de Homero que lera em francez, assim não me dicesse: “Depois de teres traduzido Virgilio, ou compõe obra tua, ou traduzes a Iliada.” Quanto a compor obra minha, sei bem que a um homem de sessenta annos já falta imaginação, e que tudo que eu produzisse, a não ser inteiramente insípido, seria medíocre; e de poesias medíocres ha excessiva quantidade. (HOMERO. *Iliada*, 1863? Cf. Apêndice - Fólio 1).

Sobre seu método, Odorico Mendes registra que teria sido guiado pela versão latina. As dificuldades encontradas faziam com que ele trabalhasse lentamente. Houve dias em que vertia de oito a dez versos. Depois de ter traduzido os três primeiros livros, Odorico Mendes os encaminhou ao helenista Joaquim Caetano da Silva para apreciação. Tal como registra o maranhense, teriam sido os incentivos do amigo que fizeram com que continuasse a empreitada.

No prólogo manuscrito o tradutor concede um espaço para seus apontamentos sobre a questão homérica, optando por intitulá-la: “Brevíssima notícia de Homero”. De acordo com suas palavras, discutir esse tema polêmico em demasia não seria prudente, pois tornaria o trabalho volumoso. Além do mais, Odorico Mendes menciona não ter intenção de ostentar erudição por meio da reprodução de trabalhos alheios. No entanto, o tradutor julgou importante tecer breves comentários, posto que para os leitores seria a primeira vez que Homero se apresentaria no Brasil sem ser em fragmentos. Para tanto, evocou seus estudos sobre a referida obra e seu autor.

Para contestar a opinião de alguns autores em relação à inexistência de Homero, Odorico Mendes recorre ao historiador Heródoto para salientar que “são fúteis e meros jogos de espírito” os argumentos que buscam provar que o poeta não existiu, “que se enganaram todos os que até lhe ergueram templos e altares; que toda antiguidade esteve no erro”, pois, segundo ele,

Os modernos, com presunção de saber tudo e emendar e destruir opiniões recebidas, entraram (em liça): Franceses, Inglezes, Italianos, Alemães e outros, cada um lhe criou uma pátria e Homero

começou a ser do Egipto, de Nápoles, da Escócia e de Nenhures. Eu porém sou de voto que ele existiu e que provavelmente nasceu em Smyrna: Chio, que ao depois tem mais direito de reclamá-lo, finda-se em dizer Homero, em um dos hynnos que erão habitantes daquela ilha; mas um homem pode habitar num paiz sem ter ali nascido, e o mesmo texto he contra producentem, porque, dali fosse, diria Sou de Chio e não Habito em Chio. Ha uma objecção a Smyrna, e he que, se fosse desta cidade, era Asiatico, e não decantaria a guerra de Troia, que he na Ásia e foi vencida pelos Europeus. Ao que se responde que no tempo de Homero Smyrna era colônia de Athenas, e ele se considerava como Grego. O certo he que, no catalogo dos que ajudavam Troia, não se fala de Smyrna: a guerra não era propriamente entre Europeus e Asiaticos; era entre os Gregos e os Troianos com seus aliados. (HOMERO. *Ilíada*, 1863? Cf. Apêndice - Fôlio 3, grifos do autor)

Os debates sobre a figura de Homero geraram muitas controvérsias entre antigos e modernos. Odorico Mendes se vê diante das várias possibilidades argumentativas e sustenta sua posição. O maranhense considerava o poeta da antiguidade clássica um ser histórico, excluindo as posições mais céticas. O tradutor segue mencionando que em relação à época de nascimento de Homero nada se pode afirmar com certeza, referindo-se a testemunhos que consideram que o poeta teria vivido pouco menos de três séculos depois da discutível guerra de Tróia ou teria sido contemporâneo à guerra. Para Odorico Mendes algumas opiniões são insustentáveis se comparadas aos argumentos do tradutor Pope. Em relação aos polêmicos debates que envolviam a história da vida do poeta, Odorico Mendes, numa provável alusão ao pensamento darwinista eminente no século XIX, destaca outros argumentos:

Um desses argumentos he que o poeta na *Ilíada*, invocando as Musas, pede que o inspirem, porque elle nada sabe senão pela fama e pela tradição; prova de que nem em menino tinha conhecido um velho do tempo da mesma guerra. Outro argumento he dizer na *Iliada* que Ajax atirou facilmente uma pedra que nem dous homens do

tempo do poeta poderiam mover: ora, se he que a raça humana degenera e diminue de forças, he gradualmente, e a diminuição de que se trata he tal, que suppõe o intervalo de alguns séculos. Bem que a época apontada pareça mais provável, estou que a dúvida continuará sempre a este respeito. (HOMERO. *Ilíada*, 1863? Cf. Apêndice - Fólio 2, grifos do autor).

De forma a evidenciar textos empregados por Odorico Mendes para tratar de questões envolvendo a vida de Homero, destaca-se uma passagem de *Os Lusíadas* de Camões evocada pelo tradutor, ao fazer referência às sete cidades que disputavam o título de terra natal do poeta, referindo-se a um trecho do verso 87 do Livro V⁵², que segue abaixo:

Esse que bebeu tanto da agua Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia
Athenas, Chios, Argo e Salamina.
(HOMERO. *Ilíada*, 1863? Cf. Apêndice - Fólio 3).

As alusões a Camões são recorrentes nas notas do tradutor. A leitura deste poeta seminal ocupa lugar de destaque na produção de Odorico Mendes que, de forma expressa, manifesta suas imbricações com as fontes que definiram a língua e a literatura portuguesas. Os versos traduzidos pelo maranhense sofreram influência direta com interpolações do estilo camoniano. Embora aqui não se privilegie esta análise pontual é possível perceber as inter-relações textuais.

Ainda, no entorno da discussão filológica sobre a autoria das obras *Ilíada* e *Odisséia*, Odorico Mendes destaca ser impossível que os poemas fossem de mais de um autor, tendo em vista a coesão do conjunto. Para ele, apesar da diferença dos assuntos, o “grau de parentesco era inegável”, pois:

As repetições, de que se tem querido tirar prova contra a unidade de tals obras, nada servem ao intento: os Asiaticos (notem-se os mesmos do Velho testamento e ainda do Novo) gostavam de

⁵² Cf. Camões, 2005, p. 159.

repetições; nesta, que hoje nos parece imperdoável defeito, não o era naquelles tempos. Se ha um progresso entre a *Ilíada* e a *Odysséa*, isso não admira, porque uma foi parte da mocidade e outra da velhice; e Homero, que tinha o habito de observar e adquirir conhecimentos, foi sempre argumentando os seus e enriquecendo a sua razão. Não me quero estender; basta-me declarar o que sinto sobre este ponto: a matéria tem sido ampla e doutamente ventilada por muitos, cujos livros comporiam uma não pequena bibliotheca. (HOMERO. *Ilíada*, 1863? Cf. Apêndice - Fólio 8).

Como é possível notar, as incursões de Odorico Mendes revelam um conhecimento apurado sobre a questão. As informações sobre o lugar de nascimento de Homero, sobre sua vida, sobre seus escritos, teriam sido guiadas por suas leituras e pesquisas aos mais variados autores, principalmente Pope, Cesarotti, Mr. Bigman e o Marques de Fortia d'Urban. Em seus escritos sugere essas referências, bem como dicionários históricos para facilitar a consulta biográfica do poeta.

Considerar questões periféricas à obra e ao autor traduzido é imprescindível, pois remete o leitor ao universo homérico, às concepções críticas do tradutor e a sua postura ideológica. Por isso, essas reflexões são recorrentes nos prefácios da maioria dos tradutores. O que contraria a exposição de Nienkötter (Cf. Homero, *Ilíada*, 2008), ao afirmar que Odorico Mendes sequer toca na *questão homérica* em seus comentários, provavelmente por não ter tido acesso ao prólogo manuscrito aqui apresentado. Odorico Mendes, ao contrário de tradutores como Pope, Mme Dacier e Monti, reservou o espaço de suas notas para expor seu método de tradução e esclarecer questões tradutológicas. Suas discussões aparecem a cada livro traduzido, característica recorrente que pode ser observada em outras traduções do maranhense. Embora suas reflexões se apresentem de forma fragmentada, o tradutor é reconhecido como um dos primeiros brasileiros a teorizar sobre tradução poética, em meados do século XIX.

No que concerne à versão da *Ilíada*, no que tange aos aspectos ligados à atividade tradutória odoriciano, é importante focar outras questões levantadas pelo tradutor. Ao consultar trabalhos de outros tradutores, Odorico Mendes registra que alguns deles parecem ridicularizar o estilo do original, outros não são claros em suas posições. Alguns suprimem passagens ou são mais fiéis. Nas notas apresentadas,

discute cada um dos aspectos que destaca, revelando preocupações, por exemplo, com as correspondências lexicais, seja referente à significação de palavras e expressões, seja referente a parâmetros que ultrapassam a própria estrutura da língua. Em outras ocasiões, remete-se a questões de ordem pragmática, prosódica e conceitual. Seus comentários constituem material adicional e trazem informações tanto sobre tradução de modo geral, quanto apreciações específicas ligadas à obra traduzida provenientes de seus conhecimentos em literatura e de sua formação cultural. Ademais, o tradutor também realiza digressões sobre moral pública e privada, como observado anteriormente em sua versão da *Eneida*. O que leva o leitor a refletir sobre seu discurso ideológico.

Em outras discussões propostas no campo da linguística e da estilística, percebe-se que Odorico Mendes faz comparações lexicais com várias outras línguas, além de constantes buscas por equivalentes na própria língua portuguesa. De modo a ilustrar uma provável intertextualidade que emerge dos diálogos estabelecidos entre os tradutores consultados, evoca-se, no parágrafo que segue, as palavras do italiano Monti.

Em seus apontamentos sobre as *Considerações sobre a dificuldade de bem traduzir*, o tradutor italiano destaca que era de praxe, entre os gramáticos gregos, propor, como abertura aos discursos, o primeiro verso da *Ilíada*, pois consideravam “mau presságio para os exercícios escolásticos se não comesçassem religiosamente por Homero”. Monti menciona que optou por seguir a antiga tradição, discorrendo sobre o tema único da *Ilíada*, ou seja, a ira de Aquiles. O tradutor salienta que “[...] o vocábulo *ira* é o primeiro que se apresenta, que abre, majestoso, esta grande ode, que prende com força a atenção do ouvinte; e, na versão, *ira* deveria ser a primeira palavra a ecoar” (MONTI, 2005, p. 75). Tal fato remete a Manguel (2008) ao lembrar que diferentes tradutores verteram, de diferentes formas, os primeiros versos da *Ilíada*. Como se observa nos exemplos correspondentes aqui selecionados:

*Canta-me a Cólera – ó deusa!- funesta de Aquiles Pelida..*⁵³
(Carlos Alberto Nunes);

*A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles...*⁵⁴
(Haroldo de Campos);

⁵³ Cf. Homero, *Ilíada*, 2001, p. 57. Tradução Carlos Alberto Nunes.

⁵⁴ Cf. Homero, *Ilíada*, 2001, p. 31. Tradução Haroldo de Campos.

*Déesse, chantez la colère d'Aquille, fils de Pélée...*⁵⁵
(Mme Dacier);

*Achilles' wrath, to Greece the direful spring... Of woes unnumber'd,
heavenly goddess, sing!...*⁵⁶,
(Alexander Pope);

*L'ira, o Dea, canta del Pelide Achille...*⁵⁷
(Vincenzo Monti).

Sobre a alocução ao primeiro verso, Odorico Mendes propôs suas reflexões. Em nota ao Livro I, o tradutor brasileiro discorre sobre o fato de adotar a expressão *ira tenaz* que aparece no início do poema.

Livro I

Canta-me, ó deusa, do Peleio de Aquiles
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem 5
O de homens chefe e o Mirmidon divino.
(HOMERO. *Ilíada*, 2008, p. 45, grifo nosso)

O tradutor registra a necessidade de juntar ao nome *ira*, o adjetivo *tenaz*, pois a referida unidade lexical exerce papel de suporte para os componentes semânticos a serem atribuídos à *ira*. Para ele, desacompanhada de *tenaz*, a palavra *ira* não bastaria para exprimir o sentimento do guerreiro Aquiles. Odorico Mendes enumera uma sucessão de possibilidades, tal como *rancor*, *cólera*, *ressentimento*, *despeito*, *raiva*, *furor*, *sanha* que, em sua visão, também não contemplariam o sentido desejado. Seguem, pois, suas próprias reflexões a respeito da questão:

⁵⁵ *Deusa, cante a cólera de Aquiles, filho de Peleio*. Cf. Homère. *L'Ilíade*, s/d, p.1. Tradução nossa.

⁵⁶ Esse excerto de Pope foi citado por Manguel (2008, p.59). O tradutor do seu livro, Pedro Maia Soares, optou pela versão: *A cólera de Aquiles, para a Grécia a fonte horrenda/de pesares incontáveis, a deusa celestial canta*. Manguel ao se referir à tradução brasileira cita Haroldo de Campos. O tradutor, por sua vez, faz menção à versão “conservadora” de Carlos Alberto Nunes e a tradução “ousada” de Haroldo de Campos. Ambos não mencionam a versão odoricianiana.

⁵⁷ *A ira, ó Deusa, canta do Pélide Aquiles*. Tradução Paulo Schiller. Cf. Monti, 2005, p. 75.

[...] Ménin, por onde principia o poema, é a ira tenaz, ira não passageira, o nosso termo desacompanhado não o verte cabalmente. Rancor é ódio encoberto, que não vai bem com a franqueza de Aquiles. Cólera é ira súbita com amarelidão no rosto; não indica a permanência da paixão do herói. Ressentimento, além de poder ser oculto, não exprime a constante irritação. Despeito, que em certo modo se lhe aproxima, tendo contraído uma acepção mais usual, carece da energia do grego. Furor, ou fúria, por impetuoso não é durável. Raiva é mais dos outros animais e pareceria dizer que estava como um cão danado. Sanha, segundo Fr. Francisco de S. Luís, é ira que se mostra nos gestos e nas contorções do rosto. Assim, posto que em dados casos qualquer desses vocábulos se possa aplicar a Aquiles, não o pode ser à paixão que nutriu longamente e às claras. Foi-me pois necessário ajuntar o adjetivo tenaz. (HOMERO. *Iliada*, 2008, p. 874, grifos do autor).

Percebe-se, no exame das notas, que Odorico Mendes registra seus percursos mentais em busca da precisão lexical. Sobre seu próprio método, observa que:

É uma regra já assentada que deve o traductor saber igualmente a língua original e a sua; mas eu opino que, se lhe basta saber a do original como um, forçoso lhe he saber a própria em dobro ou tresdobro. Quando se me apresenta, v.g., um trecho de versos, ainda que não conheça todas as palavras, posso buscal-as nos dictionarios, consultar comentadores, críticos etc.; mas os termos da propria língua, se não vem immediatamente á nossa memoria, como he que os havemos de procurar? Para bem traduzirmos em português, cumpre d'antemão e com afinco termol-o estudado, conhecer em grande parte os voccabulos; afim que nos ocorram immediatamente e sem custo. (HOMERO. *Iliada*, 1863? Cf. Apêndice - Fólio 2).

A partir das reflexões odoricianas e sob mediação de Passos (2007), entende-se que o tradutor no seu *modus operandi* realiza um ato de linguagem, na língua e com a língua:

[não] “A Língua” imaculada do dicionário, mas essa língua contaminada pela carga cognitiva do tradutor. Uma língua que seria o eco da língua do outro, refletida pelas vibrações de sua sensibilidade própria, de seu historicismo já contaminado pelas suas leituras, pelos autores que ele admira, em outros termos pelas influências [...] (PASSOS, 2007, p. 263).

Diante dessas constatações é possível notar algumas referências e influências que se fazem presente nos apontamentos do tradutor. Durante seu processo de tradução percebem-se os diálogos evocados e sua preocupação em registrar nomes de autores que admira ou até mesmo os que lhe causam repugnância, tal como se observa no excerto abaixo, no qual Odorico Mendes reflete sobre acepções verbais:

Certo crítico do meu amigo Lopes de Moura, não há muito falecido, em minha presença lhe censurou o verbo *arreiar* na acepção de *enfeitar*, *ornar*, ou *adereçar*; e, como aqui sou réu da mesma culpa, advogarei a nossa causa. *Arreiar* por *guarnecer de arnês* as bestas é em sentido restrito, sendo o mais antigo e genérico o de que ambos nos servimos. Constâncio, uma das boas autoridades para os afrancesados que desamam a genuína língua portuguesa, diz que *arreio* é verdadeiro sinônimo de *adereço*, por vir este de um radical arábico de significação idêntica a do verbo *arreiar*, o qual deriva do grego *aro*, isto é, *ornar*. Escreveu Barros: “Jóias de que se eles (os mouros) *arreiam*”. Escreveu Camões: “Mombaça que se *arreja* de casas suntuosas; – Escandinávia ilha que se *arreja* das vitórias”. Escreveu Diniz: “De preciosos rubis a fronte *arreja*”. Além destes exemplos, acham-se outros em Castanheda, em Fernão Alves do Oriente, em Fr. Luís de Souza, em Vieira, em Pinto Ribeiro, em Elpino Duriense, em Filinto Elíseo. Logo, apesar da crítica, possa eu usar aqui do verbo, e não fez mal o Dr. Lopes de Moura. (HOMERO. *Ilíada*, 2008, p. 884).

O tradutor faz questão de evocar e empregar seus posicionamentos em prol do estudo do léxico. Para tanto, discorre sobre problemas de conotação e associações, citando como exemplos autores contemporâneos, bem como outros situados na base da formação da língua portuguesa, como Camões e Filinto Elísio.

Ainda na tentativa de acompanhar as discussões tradutológicas levantadas por Odorico Mendes, a leitura das notas também evidencia sua preocupação em vincular o contexto cultural as suas decisões. Nas notas ao Livro XI, por exemplo, Odorico Mendes menciona a seguinte passagem: “Em Tróia era permitido o casamento do sobrinho com a irmã de sua mãe: omitindo vários tradutores que Cisseu era o avô materno de Ifidamas, desaparece a indicação daquele costume” (Cf. HOMERO. *Iliada*, 2008, p. 889). Supõe-se que a questão da moral do cristianismo, em relação ao incesto, pode ter influenciado os tradutores consultados por Odorico Mendes. Ao registrar tal fato, o tradutor demonstra sua preocupação em discutir questões que envolvem as omissões do tradutor em relação a aspectos ideológicos e culturais.

Percebe-se que a questão da fidelidade em tradução é recorrente nos apontamentos odoricianos. Na passagem que segue o tradutor assim se posiciona: “Se vertêssemos servilmente as repetições de Homero, deixava a obra de ser apazível como é a dele; a pior das infidelidades. Com isto não quero fazer apologia das paráfrases: aspiro a ser tradutor” (Cf. HOMERO. *Iliada*, 2008, p. 873)⁵⁸. Odorico Mendes se mostra crítico em relação ao dilema e, assim como Pope, recomenda que a paráfrase deve ser evitada no sentido de preservar as sutilezas do texto fonte, do mesmo modo que uma total sujeição ao texto traduzido pode caracterizar certa monotonia. Ou seja, de qualquer forma, a questão da fidelidade é um paradoxo e reúne todo um fórum de debates ligado a gênero, à língua e cultura-fonte e alvo, bem como às opções do tradutor.

Ao enfatizar peculiaridades de Odorico Mendes em relação a sua maneira pessoal de lidar com o texto traduzido, sublinha-se outro fator singular presente em suas notas de tradução. No que diz respeito à narrativa de Homero, o tradutor discute a posição dos deuses. Põe à prova os sentimentos das personagens e, por vezes, critica a postura de Aquiles e de Heitor. Algo curioso e comum em suas traduções é que, imbuído do caráter universal das temáticas do poema, suas digressões remetem o leitor a assuntos moralistas. Em nota expressa a seguir ele registra que:

⁵⁸ Excerto da nota ao Livro I.

[...] põe Homero na boca do herói o desejo de casar como uma que se acomode (*apta*), que se deleite (*delectari*) nas possessões de Peleu, e não com senhora de corte pomposa, como então era Argos e Micenas, a qual não se habituasse a uma vida simples e caseira. Na verdade, quem mora no campo, e mesmo em pequena povoação, faz mal em casar em grande cidade, e pior em corte: a boa consorte nunca está satisfeita em casa; suspira pelos teatros, *bailes mascarados*, passeios de carruagens de luxo, pelas bonitas lojas, pelo tumulto das ruas, e não cessa de inspirar ao marido a idéia de ir gastar em seis meses o poupado em dez anos. - Tenho, cá na Europa, notado que os nossos brasileiros ou portugueses, casados com francesas ou inglesas, e mesmo com alemãs ou italianas, não podem mais viver no Brasil ou em Portugal, em razão das instâncias de suas mulheres, que desfazem de tudo que há nas terras dos maridos, e choram pela sua Londres, Viena, Milão, Florença, e principalmente por Paris; e, o que é mais de lamentar, inspiram aos filhos a repugnância ao ninho paterno. Uma tal é que não desejava encontrar Aquiles. (HOMERO. *Iliada*, 2008, p. 887).

Na nota exposta acima, observa-se que o tradutor transfere o leitor do universo épico diretamente para a realidade de seu tempo. Traz à tona discussões morais e as relaciona com os conteúdos do poema. Odorico Mendes estabelece um movimento com a reescritura que evidencia sua manipulação consciente a partir das características das personagens. Para o maranhense traduzir implica refletir sobre a narrativa de Homero suscitando debates que caracterizam visões de sua época. Aliás, as intervenções apresentadas em suas notas ultrapassam as esferas do sentido do texto. Suas manipulações recaem também sobre aspectos formais, tal como se poderá constatar no parágrafo que segue.

Do ponto de vista de especialistas, Haroldo de Campos (1970) registra que a intenção de Odorico Mendes, ao traduzir a *Iliada*, envolvia a ideia de síntese, fazendo com que ele reduzisse o número de versos através de um quadro comparativo⁵⁹ que acompanha a sua

⁵⁹ Cf. Anexo F.

edição. Assim, os 15.674 versos foram reduzidos para 13.116.⁶⁰ Na visão de Campos (1970) essa postura revela que o tradutor optou por:

[...] demonstrar que o português era capaz de tanta ou mais concisão do que o grego e o latim; seja para acomodar os decassílabos heróicos, brancos, os hexâmetros homéricos; seja para evitar as repetições e a monotonia que uma língua declinável, onde se pode jogar com as determinações diversas dos casos emprestando sonoridades novas às mesmas palavras, ofereceria na sua transposição de plano para um idioma não-flexionado. (1970, p. 27).

Haroldo de Campos (1970) segue suas considerações afirmando que Odorico Mendes muitas vezes discute e refuta as soluções dos tradutores pesquisados em outras línguas. Ademais, adota a técnica da interpolação, incorporando versos de Camões, Filinto Elísio e outros. O tradutor também latiniza os nomes das personagens que representam os deuses. Para o crítico, embora algumas passagens traduzidas por Odorico Mendes sejam inaceitáveis, o tempo contribuiu para isso. Exemplifica que o epíteto *velocípede Aquiles* poderia ser vertido para *veloz* ou para *Aquiles de pés velozes*. Haroldo de Campos (1970) também registra que a prática de Odorico Mendes não está à altura de sua teoria, mas é possível verificar em suas notas aos cantos traduzidos, sua preocupação obsessiva em comentar suas opções, evocar leituras, além de fazer referências extratextuais quando propõe mesclar fatos de seu tempo às discussões que emanam do poema homérico.

Sobre a produção odoricianiana é pertinente registrar posições contrárias em relação à apreciação de seu trabalho. Schüller (2004), por exemplo, destaca que do Romantismo ao pós-modernismo existe uma distância de dois séculos. E entre a tradução de Odorico Mendes e a de Haroldo de Campos, o primeiro está “a quilômetros da espontaneidade jônica. Homero está bem mais próximo da literatura de cordel do que de Odorico Mendes” (2004, p.135). Para o autor, os versos brancos e decassílabos, os períodos que considera esdrúxulos e o vocabulário precioso do tradutor representam o racionalismo setecentista. O autor segue dizendo que:

⁶⁰ Manuscrito do quadro comparativo, conferir anexo F.

Não se confundam Homero e iluministas do século XVIII. As luzes de Homero foram outras. Ele ainda se deliciava com o sabor da literatura cantada. Como seus auditórios não eram freqüentados por eruditos sisudos, não se cansava de repetir. Incoerências, contradições e omissões não o afligiam. Cantava para agradar. Quem escutava versos de Homero sentia a presença de deuses. As pessoas ficavam tomadas de pasmo. Confundiam Homero com a vida. (2004, p. 135).

A apreciação de Schüller reforça as opiniões divergentes em relação ao nível de língua selecionado por Odorico Mendes para a realização de seu trabalho. Supõe-se que, em seu caso, sua formação clássica, as correntes literárias de seu século, o estágio de composição da língua portuguesa, as obras de referência, entre outros, contribuíram para definir o estilo de sua recriação.

Vasconcellos (2009), por sua vez, observa que:

Independentemente do que entendamos por tradução, não há como negar que nessa tradução extremamente concisa (por vezes, talvez, excessivamente concisa), atenta à palavra exata (às raias da obsessão: vejam-se as notas do tradutor sobre o nome das diversas peças de uma roda), latinizante (não apenas os nomes dos deuses têm a forma latina – Juno, não Hera etc. – mas o vocabulário é repleto de latinismos) e ao mesmo tempo helenizante (nos compostos à moda grega, como “dedirrósea”, “claviargêntea”, o tão difamado “velocípede”...), há inúmeros versos dignos de figurar em antologia de literatura, pelas qualidades estéticas: prodígios de som, ritmo e expressividade [...] (2009, p. 186).

De fato, há disparidades críticas no que diz respeito à recriação odoricianiana. Ainda que outras traduções como a de Haroldo de Campos e Carlos Alberto Nunes sejam mais fluidas em certas passagens, à ótica de um leitor moderno e não especializado, discordar de posições excludentes em relação à leitura da versão de Odorico Mendes equivale a conduzir o leitor a um amplo universo de discussões tradutológicas, culturais e literárias. Seguir a trajetória do tradutor implica entender a complexidade que envolveu sua atividade tradutória, principalmente em

meados do século XIX. Como se apontou anteriormente, traduzir não é apenas transferir textos completos de uma língua para outra, pois “[...] sua verdadeira função consiste em transmitir processos estilísticos, novas formas poéticas, modelos e métodos narrativos, até mesmo critérios de verdade e beleza” (DELISLE E WOODSWORTH, 1995, p. 103), levando em consideração tempo, lugar e tradição do tradutor, tal como pondera Lefevere (1992).

O projeto de Odorico Mendes fez com que o maranhense se destacasse como um importante tradutor de poemas clássicos, principalmente na perspectiva de autores e especialistas que levam em consideração o seu estilo criativo. Com efeito, acentua-se que a versão odoricianiana da *Ilíada* foi norteada por ideais que determinaram interesses de uma época. A intenção de Odorico Mendes ao aceitar verter os poemas da antiguidade grega, decorreu, sobretudo, em função de seu ideal de educação humanista e do valor intrínseco da obra de Homero.

O capítulo subsequente traz reflexões sobre aspectos que ultrapassam as complexidades linguísticas e literárias inerentes ao trabalho do tradutor. Complementam-se os bastidores da prática tradutória de Odorico Mendes, evocando outros esforços e dificuldades enfrentadas. Tais restrições abarcam desde suas motivações iniciais até a publicação de suas obras. Implicações que também vão ao encontro das discussões de Lefevere (1992) e Bourdieu (1974), uma vez que suas abordagens relacionam a atividade artística com as condições econômicas, sociais e culturais.

5 OUTRAS FACETAS ODORICIANAS: QUE FAREI COM ESTAS TRADUÇÕES?

Todas as coisas neste mundo têm o seu preço.
(Luís de Camões)⁶¹

5.1 Da motivação inicial à publicação

Na peça *Que farei com este livro?*, que José Saramago escreveu em 1980, o autor destaca a dificuldade de Camões para imprimir os manuscritos de *Os Lusíadas* em razão do desinteresse de D. Sebastião e das críticas do Santo Ofício. O texto dramático ilustra experiências similares possivelmente vividas por autores e tradutores ao longo de suas carreiras. Odorico Mendes se encaixa neste quadro, pois não deixou de insistir e reclamar de sua condição particular como tradutor, bem como das dificuldades que enfrentou para publicar parte de suas obras.

Como se verá a diante, o caminho percorrido por Odorico Mendes até a publicação de suas traduções foi longo. Seus esforços iniciaram quando ainda se encontrava no Brasil. O tradutor acabava de traduzir Voltaire e iniciava Virgílio, exercendo suas atividades literárias em um cenário de turbulências políticas. Na Europa, assumiu sua vocação literária atrelada às humanidades clássicas, ao mesmo tempo que envolto em questões tradutológicas. Atormentava-lhe a ideia de concluir a versão da *Ilíada*. Suas preocupações se revelavam intensas quando se tratava dos esforços concedidos à formação intelectual de seus filhos, sendo esta uma de suas metas mais importantes.

Lisboa (1991) e Leal (1987) destacaram as investidas de Odorico Mendes como tradutor. Todavia, parece que não dispunham dos registros mencionados no prólogo, nem de outras fontes que serão aqui mencionadas. Lacombe (1981), por sua vez, reuniu 31 cartas do maranhense em ordem cronológica, de 1846 a 1864. Segundo o autor, o epistolário odoriciano corrobora para acentuar os apontamentos destacados nas biografias acerca dos esforços do tradutor para verter e publicar suas traduções. Ademais, os escritos revelam peculiaridades

⁶¹ Cf. Saramago, 1998, p. 85.

sobre a vida na corte durante o segundo quartel do século XIX. Com efeito, o epistolário, o prólogo, as notas, bem como outras fontes periféricas, comportam fatos a serem destacados. Estes registros suscitam reflexões a respeito do trabalho do tradutor, oferecendo maior visibilidade ao seu projeto. De igual maneira, os escritos remetem a questões que ligam tradução ao patronato e a implicações dos bastidores de sua atividade tradutória. O tradutor expõe fatores que o motivaram a realizar a tradução da *Ilíada*, fazendo questão de destacar restrições inerentes ao seu trabalho. No entanto, pondera-se que a ênfase de suas asserções e reclames decorre em boa parte de seus interesses pessoais. Ademais, a proposta deste capítulo é oferecer um panorama da empreitada de Odorico Mendes.

Como mencionado no capítulo anterior, a motivação para o maranhense ter se lançando no trabalho de tradução da *Ilíada* partira de sua irmã, Melitina Jansen Müller, que lera em francês a obra de Homero. Muito embora tenha passado a maior parte de sua vida na Europa, em especial na cidade de Paris, Odorico Mendes registra que preferiu recolher-se à residência em Pisa para concluir sua versão. Diz o tradutor em seu prólogo que:

Para conseguir o meu intento, escolhi a residência de Pisa: nesta cidade quasi morta, onde em dous annos só convivi com a gente em cuja casa pagava a minha pensão, e com uma família cuja amizade era já de Paris, achando-me sem a menor distracção, tive tempo de meditar e escrever, e em quinze mezes obtive o dobro do que obtivera em Paris em dous annos e meio, concluindo a presente versão. (HOMERO, *Ilíada*, 1863? Cf. Apêndice - Fólio 1).

A opção por Pisa teria sido resultado de problemas de ordem financeira. Segundo declara, o custo de vida seria menor naquela cidade italiana. A Paris da época de Odorico Mendes já era uma cidade dotada de grandes recursos. Por possuir as bibliotecas mais organizadas da Europa, naturalmente seria o lugar mais adequado para a realização das pesquisas necessárias as suas traduções. Nem mesmo o imperador do Brasil, apesar das riquezas bibliográficas existentes no acervo da Biblioteca Nacional, talvez não possuísse tamanha diversidade de escritos e traduções das obras de Homero nas mais variadas línguas.

Ainda que a desilusão com a política no Brasil tenha sido um dos principais motivos para que Odorico Mendes se ausentasse do país, esse

distanciamento vai ao encontro daquilo que os autores Delisle e Woodsworth (1995, p. 205) sugerem como “hipóteses genéricas sobre a forma como podem deslocar-se os tradutores e as traduções”, ou seja:

Quando os tradutores fazem explorações, eles tendem a buscar valores que, mais cedo ou mais tarde, possam beneficiar sua cidade. E podem fazer isso de diferentes formas. Por exemplo, podem viajar para periferia, no sentido contrário de suas traduções, que alimentam centros urbanos de maior importância, como aconteceu com os tradutores estrangeiros na Espanha do século XII. Ou ainda podem aventurar-se nos grandes centros, beneficiando-se aí do influxo de novos valores, como no caso de Paris do fim do século XIX. (DELISLE E WOODSWORTH 1995, p. 205).

As incursões de Odorico Mendes por outros países da Europa ampliariam a formação que iniciara em Coimbra. Nas cartas enviadas da França ao Brasil para seu amigo Paulo Barbosa, percebe-se que o tradutor levou mais de oito anos para verter para o português os poemas de Homero. Suas declarações referem-se às suas dificuldades, entre as quais: o limitado conhecimento que mencionava possuir do idioma grego; as restrições financeiras e, naturalmente, o fato de viver afastado do Brasil e de seus amigos.

Diariamente das 6 às 21 horas, rodeado de mapas de viagens, de intérpretes e comentadores, Odorico Mendes trabalhava na tradução da *Ilíada*. Em suas próprias palavras “grandioso labor” que “exigia muita coragem”. A primeira carta em que aparecem notícias sobre seu projeto de tradução foi enviada de Paris, em 20 de abril de 1856. Nela o tradutor observa que só levaria a cabo sua tarefa caso tivesse lucros financeiros com a versão que preparava da obra de Virgílio. Seu objetivo era poder financiar viagens a locais importantes, indicados nas obras estudadas. Mesmo anunciando pouca esperança em concluir a *Ilíada*, o tradutor prosseguiu e não se limitou à tradução dos versos. Pelo contrário, assumiu o estudo geral da obra, tal como ele mesmo afirma em uma das cartas:

[...] a primeira cousa que vou fazendo não consiste em versos, mas no estudo geral da obra: para o que tenho consultado, não só os interpretes, mas os viajantes modernos, os críticos etc. Este

estudo preliminar he de summo interesse, para penetrar-se das idéias do autor, e saber o tom que me cumpre tomar em toda a traducção: ir traduzindo Homero verso por verso, não attendendo ao complexo da obra, fora notável imperícia. O mesmo estudo se acha agora interrompido pelo trabalho de concluir a versão do resto das obras de Virgílio, trabalho que toca o seu fim. (Paris, 29 de agosto de 1856 apud LACOMBE, 1989, p. 40).

O tradutor continuava a repetir as queixas sobre a baixa receptividade de seu trabalho. Mostrava-se preocupado com as impressões das obras de Virgílio.⁶² Lamentava-se, alertando que se não encontrasse subscritores suficientes no Brasil para viabilizar sua publicação, guardaria os manuscritos “para quando Deus quizer”. Machado (2010, p. 89) lembra que nessa época o sistema de distribuição de livros ainda era precário. Então, uma das maneiras de editar era recorrer à subscrição. Assim, os interessados em adquirir a obra deveriam assinar uma lista e pagar antecipadamente por seu exemplar. Quando o número de subscritores atingisse o número de exemplares previstos para a edição, a obra iria para o prelo. Mas nem sempre esse era o meio mais facilitado para publicar um livro, salienta Machado, referindo-se à empreitada mal sucedida de Odorico Mendes. Ao tentar adicionar a tradução de *Geórgicas*, o maranhense profere o seguinte comentário: “Ninguém se presta ahi a uma subscrição, principalmente para cousa que se leia”⁶³, proferindo queixas ao amigo Paulo Barbosa. Os idílios de Virgílio contêm, sobretudo, conhecimentos sobre o universo rural. Odorico Mendes considerava essa obra a mais acabada do poeta latino, tendo reservado os maiores cuidados com a sua tradução, através de minuciosa consulta à terminologia agrária, aos antigos e modernos.

⁶² *Eneida Brasileira, ou tradução poética da epopéia de P. Virgílio Maro*, Paris na Typ. de Rignoux 1854, 8º gr. de 392 pags, revisada em 1858. *Virgílio brasileiro, ou tradução do poeta latino*. Paris na Typ. de W. Remquet & C. 1858, 8º gr. de 800 pags. Contém uma notícia acerca de Virgílio e de suas obras, seguido da versão de *Bucólicas* e dos quatro livros das *Geórgicas*, cada qual com notas; e a *Eneida*, revisada pelo autor. A tradução da *Eneida*, publicada em 1854, foi reeditada com anotações de Luiz Alberto Machado Cabral, em 2005, pelas editoras Ateliê e Editora da UNICAMP. As traduções das *Bucólicas* e da *Eneida* de 1858 foram reeditadas em 2008, pela Ateliê Editorial e Editora da UNICAMP, realizadas pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Atualmente o grupo organiza a reedição da versão das *Geórgicas*. Cf. Vasconcellos, 2009.

⁶³ Excerto da carta enviada de Paris, em 24 de janeiro de 1857. Cf. Lacombe, 1989, p. 43.

No que se refere a seu hábito de compor extensas notas, seja para prestar esclarecimentos ao seu leitor, seja para demonstrar erudição, ou discutir assuntos diversos, uma passagem de suas cartas dimensiona o zelo de Odorico Mendes com as notas de suas traduções. Para concluir sua versão das *Geórgicas*, o tradutor se mostrou muito preocupado em remeter seu leitor ao universo das abelhas, tendo em vista que o Livro IV desta obra refere-se ao tema da apicultura. Odorico Mendes insistiu para que o amigo Paulo Barbosa e sua esposa lhe encaminhassem informações a respeito da introdução das abelhas no Brasil, sobre as espécies existentes e sobre os responsáveis por sua disseminação no país. Mas as informações não chegaram a tempo e a nota já teria sido impressa. Ainda assim, o tradutor destinou um extenso comentário sobre a questão. Entre outros esclarecimentos, ele menciona:

Entrando a governar o Sr. D. Pedro II, seu mordomo e gentil homem, o meu bom amigo Paulo Barbosa da Silva, apresentou-lhe um padre português (apesar das minhas diligências ignoro desse benemérito, escrito provavelmente nos livros da Casa Imperial) que transportara consigo não sei quantas colméias do velho continente. Sua majestade comprou as doze que restavam dando ao padre uma pensão do seu bolsinho e liberalizando-lhe outros benefícios. Mandou que na sua Quinta da Boa Vista se tratasse da criação para ser propagada pelo Brasil. O resultado superou a esperança: há hoje fazendeiro que possui milhares de enxames. (apud LACOMBE, 1989, p. 48).

Dando prosseguimento as suas reflexões, vê-se que, mergulhado em sua vocação de tradutor, Odorico Mendes não renunciara totalmente suas veias políticas. Aguardava nomeação diplomática por parte de D. Pedro II ou concessão de subsídios para financiar suas empreitadas literárias. Assim se expressa ao amigo:

[...] todos sam nomeados para servir sem onus; eu seria nomeado com o onus de traduzir a *Ilíada*. Hoje fiz 58 annos, e a *Ilíada* me levaria 8 ao menos, posto que a Pope, que era Pope, as obras de Homero levaram dez annos. Ora, na minha idade, posso affirmar que acabarei uma tal obra? He possível, se a vida não me desaparrar, mas

unicamente se eu puder executar o trabalho em toda a liberdade; e, se o não executar, não sou responsável a ninguém, nem mesmo ao público; porque não gostando elle ahi dos meus versos, como o demonstra a pouca extracção da minha Eneida (segundo me asseverou o Porto-Alegre), não tem o direito de exigir de mim trabalho algum, e eu não quero ser escravo – Á vista do exposto, rogo-lhe que não falle mais ao nosso Imperador sobre nomeação; e eu fico em descanso, *sem pender de esperança nem de medo*, segundo a expressão do meu poeta Ferreira. (Paris, 24 de Janeiro de 1857 apud LACOMBE, 1989, p. 43)

Como se percebe no fragmento acima, Odorico Mendes faz remissão ao empreendimento de Pope. O tradutor inglês, por sua tradução, ao contrário do maranhense, recebeu uma quantia financeira bem expressiva para sua época, que talvez tenha lhe permitido trabalhar com mais tranquilidade.

Odorico Mendes, além de mencionar suas limitações financeiras, lutava para melhorar seu estado de saúde, pois as restrições físicas afetavam seu desempenho no trabalho. “Não posso pagar sege nem onnibus; a pé vou consultar as bibliotecas, quando volto fatigado não posso trabalhar, além de ir perdendo a vista, cada vez mais”⁶⁴ [...], queixava-se em suas cartas. “Quanto à tradução de Homero, he impossível com os tristes meios que me restam: não se voa sem azas”⁶⁵.

Em outra passagem, de 21 de setembro de 1858, o maranhense reclama do cansaço e conta que um amigo lhe teria emprestado dinheiro para imprimir seus trabalhos. “Agora afflige-me a lembrança de que, se não me comprarem os livros, eis-me com uma dívida em paga de 10 annos, com poucas interrupções, de um estudo e acurada applicação”, menciona o tradutor, que segue dizendo: “Tenho quasi o primeiro livro da *Ilíada* traduzido, ainda que incorrectamente, mas, se eu ficar endividado, fecho a loja”⁶⁶, referindo-se à sociedade maçônica da qual era membro.

É interessante registrar que meses depois Odorico Mendes faz uma advertência sobre as traduções que enviou ao imperador e à imperatriz, solicitando a Paulo Barbosa que corrigisse alguns erros

⁶⁴ Paris, 25 de janeiro de 1858. Cf. Lacombe, 1989, p. 46.

⁶⁵ Paris, 25 de janeiro de 1858. Cf. Lacombe, 1989, p. 47.

⁶⁶ Paris, 21 de setembro de 1858. Cf. Lacombe, 1989, p. 52.

tipográficos “gravíssimos” na tradução das *Geórgicas* antes de entregá-los.⁶⁷

No ano de 1859, Odorico Mendes foi nomeado cônsul geral da Turquia, porém recusou o cargo por julgá-lo incompatível com suas pretensões de trabalho e seus interesses pessoais. Pelos seus cálculos a transferência para Turquia lhe acrescentaria despesas extras no orçamento. Segundo ele, os cônsules não poderiam residir em Constantinopla com os vencimentos que recebiam. Teriam que optar por “certas cidadinhas, onde os ódios contra os christãos mais reinam do que na Capital”⁶⁸. Observa ainda que, “depois de três mil annos, o Brasileiro que se propõe a traduzir a *Iliada*, fosse quasi um pedinte nos mesmos paízes onde esmolava o poeta grego”⁶⁹. Tal como acredita Lacombe (1989), supõe-se que o imperador, adepto das culturas do oriente, tinha a intenção de proporcionar a Odorico Mendes a oportunidade de conhecer as terras que inspiraram a composição dos espaços diegéticos dos poemas homéricos.

Em sua trajetória, Odorico Mendes parece que sempre esteve preocupado em manter um padrão de vida considerável para si e para os seus familiares. Em 25 de novembro de 1860 manifesta seu desejo de ir para Lisboa:

Perguntar-me-á porque desejo ir para Lisboa: respondo por ser muito mais barato que Paris, e porque lá pretendo imprimir a minha traducção da *Iliada*, que em dous annos cuido que será concluída; e, se a ambição de ser senador se apossar de mim, ficarei sem o ser e sem acabar a minha *Iliada*, a qual espero que faça honra a mim e á nossa literatura, se não me ilude o amor próprio. (apud LACOMBE, 1989, p. 77).

No ano seguinte, todavia, acaba instalando-se na cidade de Pisa, na Itália, declarando em suas cartas que se encontrava em situação financeira mais equilibrada, posto que o custo de vida em Pisa era inferior ao de Paris. Afirmava estar com o Livro 11 da *Iliada* quase concluído, queixando-se sobre sua progressiva perda de visão. Odorico Mendes novamente comenta ao amigo Paulo Barbosa que foi muita

⁶⁷ Paris, 28 de setembro de 1858. Cf. Lacombe, 1989, p. 53.

⁶⁸ Paris, 10 de janeiro de 1859. Cf. Lacombe, 1989, p. 57.

⁶⁹ Paris, 10 de janeiro de 1859. Cf. Lacombe, 1989, p. 58.

coragem para alguém de idade avançada investir no idioma grego, pouco sabendo; mas segundo ele, “tudo se vence com o bom querer”⁷⁰.

Nesse período, Odorico Mendes ainda publicou *Opúsculo acerca do Palmerim de Inglaterra*, impresso em Lisboa, em 1860, pela tipografia Panorama. O referido texto reivindicava a autoria do romance ao autor português Francisco de Moraes, que fora atribuída ao Espanhol Luís Hurtado.⁷¹

Odorico Mendes correspondeu-se pela última vez com Paulo Barbosa, em 26 de junho de 1864, em carta enviada de Paris. De acordo com Leal (1987), o tradutor teria finalizado sua versão da *Iliada* nos primeiros dias de janeiro de 1863, na cidade de Pisa. Concluída a tradução, partiu para Paris, iniciando a tradução da *Odisséia*, realizada em um ano. Uma vez terminadas as traduções, pretendia retornar ao Brasil e foi o que tentou, mas no trajeto, de volta à Pátria, em 17 de agosto de 1864 faleceu no interior do trem em Londres, ao lado de sua irmã Melitina Jansen Müller. O plano de viagem de Odorico Mendes incluía o encontro com o poeta Gonçalves Dias, para que, juntos, a partir de Lisboa, seguissem viagem para o Maranhão. Nenhum dos dois conseguiu retornar às terras brasileiras⁷².

Machado de Assis noticiou no Brasil a morte de Odorico Mendes, destacando-o como uma das figuras mais representativas da literatura brasileira, que cultuava a antiguidade e que, aos olhos dos modernos, foi um “intérprete perfeito”. Seguiu afirmando que o tradutor teria empreendido duas *Odisséias*: uma escrita em grego por Homero e outra pelas lutas políticas.⁷³ Para Leal (1987, p. 35) a morte roubou-lhe “[...] o prazer de gozar da justa avaliação desses relevantíssimos serviços prestados às letras e à língua vernácula [...]”.

Os originais da *Iliada* e da *Odisséia*, até então guardados pela irmã no baú do autor, foram encaminhados para o Brasil. A *Iliada* foi

⁷⁰ Pisa, 12 de novembro de 1861. Cf. Lacombe, 1989, p. 80.

⁷¹ Entre 1826-1827 criou-se uma polêmica em torno desse romance devido às dúvidas do bibliófilo espanhol Vicente de Salvá e seu filho Pedro Salvá que, equivocadamente, segundo Rodrigues Lapa, concluíram que a primeira edição da obra, de 1547, era espanhola e a escrita em português de 1567, que o “[...] texto português teria sido traduzido do espanhol e não o contrário, como se afirmava até então” (MORAIS, 1960, p. 4).

⁷² Gonçalves Dias, imortalizado pelo poema *Canção do Exílio*, estava na Europa para se tratar de tuberculose. Sentindo a morte de Odorico Mendes, decidiu retornar ao Brasil meses depois. O navio em que viajava naufragou na costa do Maranhão, sendo ele a única vítima do acidente. Faleceu em 03 de novembro de 1864. Cf. Cardim, 1971, p. 95.

⁷³ O excerto de Machado de Assis está disponível em: <[http://www.unicamp.br/iel/projetos/Odorico Mendes](http://www.unicamp.br/iel/projetos/Odorico%20Mendes)>. Acesso em: 10 set. 2010. Foi retirado da *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1937. Publicado originalmente no Diário do Rio de Janeiro, de 12/06/1864 a 16/05/1865.

publicada em 1874⁷⁴, financiada pela Assembléia Legislativa do Maranhão. A *Odisseia*⁷⁵, apenas em 1928, também com auxílio do governo do Estado.

Evidentemente, o que se percebeu é que Odorico Mendes trabalhou na tradução dos poemas homéricos até o final de sua vida. Parece que o intenso trabalho de pesquisa e os problemas específicos de tradução foram cerceados por uma série de dificuldades pessoais. Essa conturbada trajetória não impediu que o maranhense finalizasse seu trabalho, deixando suas produções para gerações posteriores.

Tendo em vista o que reserva a história dos manuscritos de Odorico Mendes e a polêmica suscitada na introdução deste trabalho, reproduz-se abaixo um trecho exposto por Leal (1989), no qual refere-se aos esforços dispendidos para subsidiar a publicação das obras do tradutor :

Pretendia o autor publicar esse trabalho de volta ao Brasil e para auxiliá-lo na impressão dele tinha a assembléia provincial do Maranhão na sua legislatura de 1864 decretado a lei de 14 de março (n.575), consignando fundos para esse fim. Não foi, porém, esse favor solicitado por ele. Gonçalves Dias, seu amigo e admirador, escreveu-me lembrando a idéia, e eu não descansei até que consegui de amigos prestadios e influentes, que tinha nessa corporação, uma remuneração aliás diminuta a quem tanto fizera pela pátria. [...] É com prazer que posso assegurar aos amantes das letras que os herdeiros do poeta vão em breve satisfazer a ansiosa curiosidade dos cultores da boa literatura e admiradores de Odorico, dando à estampa essas obras, cujo manuscrito fora examinado por Sua Majestade o Imperador que restituiu à irmã do poeta há mais de um ano. (1989, p. 53).

Leal anexa, ainda, uma nota do Jornal maranhense o *País* para reforçar suas considerações:

⁷⁴ Em 1992 essa versão recebeu edição anotada por Antonio Medina Rodrigues, pelas editoras Ars Poetica e EDUSP.

⁷⁵ A *Iliada* teve outras reedições. Em 2008 a versão odoricianiana foi reeditada pelas editoras Ateliê Editorial e Editora da UNICAMP, sob organização de Sálvio Nienkötter.

Homero brasileiro. – estarão lembrados que por ocasião da viagem de Sua majestade o Imperador pela Europa, ocorreu um boato de que deixaria ele a imprimir-se em Leipzig esse monumento erguido pelo ilustre poeta maranhense às letras pátrias. Não passou isso de pura invenção, como depois se verificou. Agora, porém, podemos afiançar que os herdeiros de Odorico Mendes estão mandando imprimir no Rio de Janeiro a tradução da *Ilíada* e da *Odisseia* [...] (*País* n° 14 de 1° de fevereiro apud LEAL, 1989, p. 53).

Outras implicações podem ser observadas no pedido que a irmã de Odorico Mendes, Melitina Jansen Müller, enviou ao imperador, em 13 de maio de 1871. Tal documento parece ser inédito no âmbito dos estudos odoricianos, uma vez que não consta nos principais estudos biográficos do tradutor. O extenso requerimento retrata as dificuldades acerca da publicação de suas obras, bem como as interferências de D. Pedro II em relação à edição dos trabalhos do maranhense.

Senhor

Permitti que em consequencia de meu natural acanhamento tome a liberdade de apresentar, por escripto, o motivo que me fôrça, neste momento a approximar-me da Augusta Pessoa de Vossa Magestade Imperial.

Senhor. Fallecendo, em Inglaterra meu irmão, Manuel Odorico Mendes, de tão saudosa memoria á sua familia, á patria e ás letras, pois que nelle perderão estas um esmerado cultor e aquella um de seus mais devotados membros, legou a seus filhos, como unica e preciosa herança, o fructo de suas lucubrações litterarias, comprehendendo-se entre estas os dois poemas do divino invento da poesia épica; quero falar Senhor da *Illiada* e da *Odyssea* de Homero, vertidas do grego para o verso portuguez por Manuel Odorico.

Esse legado, Imperial Senhor, recebido das mãos do nosso consul em França, para ser transmittido aos filhos de Odorico, passou, ao chegar ele ao Rio de Janeiro, as mãos de Vossa Magestade Imperial em satisfação do desejo que Vossa Magestade, mostrára em conhecer aquelle trabalhos.

Correrão-se largos annos e, como Vossa Magestade o sabe, os admiradores do genio de Odorico, reclamarão

por diversas vezes, quer nas folhas publicas, quer nas assembleas provinciaes, a impressão da Illiada e da Odyssea pois que, dizem os reclamantes, não serem aquelles manuscriptos propriedade unica da familia de Odorico, e sim também pertencente ao thesouro da litteratura patria. Também por diversas vezes virão-se obrigados os filhos de Odorico a declararem nos jornaes da corte que a demora que se dava na publicação alludida provinha de se acharem os manuscriptos em poder de Sua Magestade Imperial de quem se aguardava as ultimas determinações.

Hoje, porem, Imperial Senhor, que Vossa Magestade acaba de dar as mais exuberantes provas de haver completado a leitura d'aquellas versões poeticas, venho perante a sua Augusta Pessoa, pedir que, qualquer que seja o juizo formulado sobre os trabalhos de Odorico, me sejam restituídos os manuscriptos, porquanto havendo eu recebido aquelle deposito sagrado, tenho implicita obrigação de religiosamente entregal-o a quem de direito.

E pois, Senhor esperançada nos setimentos que nutre o coração de Vossa Magestade Imperial e no elevado criterio que o destingue, espera a supplicante obter facil deferimento á sua pretensão.

Beija a Augusta mão de Vossa Magestade Imperial a mais reverente súbdita

D. Melitina Jansen Müller

Rio de Janeiro, 13 maio de 1871.

Face aos fatos expostos, constata-se que D. Pedro II, mantendo o hábito de traduzir e analisar obras diversas, retardou a publicação da obra do maranhense, pois pelo que consta, a irmã de Odorico Mendes aguardava a apreciação do imperador e a devolução dos manuscritos para dar prosseguimento aos trâmites necessários.

Efetivamente, várias foram as tentativas para publicar as obras de Odorico Mendes. Os fatos refletem a intervenção do patronato, sobretudo, em relação ao monarca. No que diz respeito ao Prólogo da tradução da *Ilíada*, as indagações suscitadas na introdução deste trabalho ainda permanecem em aberto. O que se sabe é que a primeira edição da *Ilíada*, em termos materiais, era “feiosa” apesar da “linda introdução biográfica”, segundo as palavras de Medina (1980, p. 58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução, foi o encontro com um manuscrito desconhecido no universo literário, que conduziu, de forma explícita, ao interesse pelo estudo aqui apresentado, bem como à seleção das perspectivas teóricas de suporte às investigações. O prólogo da tradução da *Iliada* permaneceu por mais de cem anos destacado de seu conjunto. Tais páginas teriam, talvez, permanecido ainda por longos anos arquivadas entre os materiais de estudo de D. Pedro II como um adendo aparentemente sem conexões lógicas com aquele contexto, caso não tivesse sido examinado, identificado e publicado. Seu conteúdo histórico e literário representa fonte importante para a composição do cenário cultural do século XIX.

No caso específico dos Estudos da Tradução, os olhares se voltam para a singularidade de Odorico Mendes como tradutor. Seu engajamento literário, seu envolvimento com a ordem composicional, fizeram com que ele tratasse de questões de natureza não somente lexical, mas também histórica e cultural de seu tempo, bem como contemporâneas a Virgílio e Homero. Por isso, optou-se por trazer às discussões fatos ligados à vida política, social, cultural e até pessoal do tradutor.

Respondendo aos objetivos desse estudo, consideraram-se algumas razões para o fato de Odorico Mendes ter se dedicado às traduções dos clássicos. Seus trabalhos não parecem ter sido meros resultados de momentos de lazer, diante de suas desilusões políticas, isto é, não teriam sido realizados somente por interesses no exercício descompromissado de verter uma língua-cultura fonte para outra, mas de compartilhar suas traduções com os leitores, acreditando numa contribuição para as letras nacionais. Por isso se dedicou às pesquisas, à composição detalhada de suas notas e à luta para editar e publicar as traduções dos clássicos greco-romanos. O tradutor continua sendo até a atualidade o único a ter vertido para o português-brasileiro toda obra de Virgílio e Homero.

Jornalista, político, humanista e tradutor, Odorico Mendes desenvolveu boa parte de seu trabalho durante o governo de D. Pedro II. O imperador além de patrocinador, também praticava e estimulava a tradução no Brasil, mantendo afinidade com a cultura clássica. Ambos estabeleceram vínculos em função da movimentação político-literária e do tão almejado progresso cultural. O tradutor angariou apoio político,

recorreu aos amigos íntimos e aos colegas da maçonaria para atingir seus objetivos. Para defender seus interesses e seus projetos de tradução, recorreu, sem ressalvas, aos patrocinadores.

A trajetória do maranhense também sinaliza que, na intenção de manter suas concepções ligadas às tendências linguísticas e literárias de sua época, ele empreendeu um projeto de tradução para garantir a manutenção de valores culturais clássicos. Tal como fizeram muitos tradutores ao longo da história, Odorico Mendes acreditava que a tradução exerce papel importante na difusão dos textos. Ademais, seu propósito estaria atrelado à *ação pedagógica* que as traduções exercem sobre seus consumidores,

[...] apresentando-lhes os grandes autores de outras literaturas e colaborando assim decisivamente para educar-lhes o gosto, ao mesmo tempo que lhes forneciam pontos de referência para uma visão comparativa das obras originariamente escritas no seu próprio idioma. (PAES, 2008, p. 155).

Esses apontamentos ligados à perspectiva de Casanova (1992) retratam que Odorico Mendes, como tradutor, tinha intenção de estreitar as ligações entre leitores e o universo estrangeiro, agrupando recursos literários e retroalimentando a circulação dos textos clássicos. Por isso, o projeto odoriciano pode ser compreendido como uma tentativa de enfatizar e dar continuidade ao ensino das humanidades clássicas através da poesia épica, resgatando valores estéticos, morais e sociais por intermédio do estudo das obras greco-romanas, ressaltando sua convenção neoclassicista e progressista, cujos modelos apelam para a instrução, a razão, a erudição e a inteligência.

Levando em consideração essas reflexões e os trabalhos expressivos de Mme Dacier, Pope e Monti, entende-se também que traduções realizadas em momentos distintos são feitas de formas diferentes, satisfazendo o repertório de influências, os princípios ideológicos e poéticos do tradutor e de sua época. Talvez por isso Humboldt (2001) considere que:

[...] a tradução, sobretudo a dos poetas, é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura: em parte para fornecer àqueles que não conhecem a língua, formas da arte e da humanidade que de outro modo lhes

permaneceriam desconhecidas e pelas quais toda nação obtém ganhos significativos, mas em parte também - e sobretudo - para aumentar a importância e capacidade expressiva da própria língua. (2001, p. 93).

Assim, vincula-se a intenção de Odorico Mendes a um projeto nacional literário, pois o maranhense acreditava que podia ser original imitando os antigos, mantendo o gênero épico. Para Martins (1993) não seria fantasioso imaginar a influência indireta de Odorico Mendes entre as tentativas nacionais que projetavam uma *Ilíada* brasileira. É interessante recorrer ao comentário do tradutor numa das notas da versão das *Bucólicas*, no qual retrata a literatura brasileira naquele período, dividindo os naturais do Brasil em *civilizados*, *selvagens* e *sertanejos*. Em sua visão,

Quem descrever os primeiros, descreve os da Europa com poucos rasgos diferentes: é a divisão que oferece mais largas à sátira e à comédia. Os selvagens, rudes e de costumes quase homéricos, podem prestar belos quadros à epopéia: Chateaubriand, melhor que ninguém, mostrou o como; e nossos Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães, deles tiraram o *Uruguai*, o *Caramuru* e a *Confederação dos Tamoios*; e ainda outro bom engenho se ensaia em um poema semelhante. (VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 2008, p. 192).

O “outro bom engenho”, ao qual se refere, trata-se possivelmente da épica *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, sublinha Duarte (1995). Sobre os *sertanejos* o tradutor registra que eles produziram poesias “preferíveis a imitação de estrangeiros, cujos hábitos e tradições tanto diferem dos nossos”. Para o tradutor,

A hospitalidade dos sertanejos e demais camponeses, a malícia que há em muitos, a humildade e a cortesia com que sabem obrigar, a altivez que os domina quando ofendidos, a implacabilidade da sua ira quando enganados, são contrastes e sombras de que se aproveitaria a mão

hábil do poeta. (VIRGÍLIO, *Bucólicas*, 2008, p. 192).⁷⁶

É interessante perceber na exposição de Odorico Mendes a íntima coesão dos processos culturais e das produções literárias. Nesse contexto, as traduções clássicas do maranhense “entrariam como núcleo vivo da tradição greco-latina”, reforça Medina (1980, p. 56).

Como tradutor, Odorico Mendes também procurou se reportar aos traços da história e da cultura antiga em paralelo a suas impressões locais. Assim, em seu processo da tradução da *Ilíada*, por exemplo, grifou o universo grego de Homero, recorrendo a reflexões lexicais, gramaticais e semânticas, além de discussões situadas fora do texto. O tradutor não se fechou entre quatro paredes para realizar seu trabalho. Sua produção é resultado de diálogos com vários pares do universo literário. Ademais, o que se percebeu é que, embora pudesse optar somente pela tradução indireta, o tradutor assume, por escrito, suas limitações no domínio do idioma grego, lançando-se na tradução a partir desta língua, guiado principalmente pela versão latina. Tal decisão o conduz a consultar comentadores, críticos e, naturalmente, o trabalho de vários tradutores. O que reflete sua preocupação em realizar estudos preliminares, buscando toda e qualquer informação disponível.

Odorico Mendes também fez questão de lançar várias notas explicativas para assuntos que considerava controversos. Buscava detalhar, discutir e polemizar. De fato, no que diz respeito à tradução, sua intenção “era agradar os entendedores e facilitar a inteligibilidade da obra àqueles que, não sabendo português”⁷⁷, não estavam acostumados com o rigor formal da língua. Além disso, documentou e discutiu situações sobre moral pública e privada. Isso revela que Odorico Mendes partiu da política à tradução e regressou, ao utilizar sua prática para fazer avançar tanto suas posturas poéticas quanto ideológicas, valendo-se da tradução como espaço privilegiado de veiculação de ideias.

Assim como Lopes de Moura se destacou como tradutor de obras literárias e científicas, Odorico Mendes também imprimiu seu nome no cenário da história cultural brasileira, firmando-se como tradutor de poemas clássicos. Por essa atividade foi severamente criticado. Mas,

⁷⁶ Cf. Duarte, 1995, p. 120; Virgílio, *Bucólicas*, 2008, p. 193; Martins, 1993, p. 47. Essas colocações também foram expostas por Antonio Medina em sua tese de doutoramento. Cf. Medina, 1980.

⁷⁷ Excerto da carta enviada de Paris, em 29 de agosto de 1856. Cf. Lacombe, 1981, p. 40.

após ser reconhecido por Haroldo de Campos (1970) como o patriarca da tradução criativa do Brasil, Odorico Mendes teve seus trabalhos revalorizados, suas obras reeditadas e cuidadosamente reexaminadas, sobretudo à ótica de teorias que consideram o aspecto criativo do tradutor. Em relação às traduções do maranhense, Vasconcellos et al. (2008) lembra que:

Ainda hoje ouvimos juízos apressados a respeito de sua suposta ilegibilidade ou do caráter obsoleto de sua tradução; se o primeiro achaque é discutível, o segundo é inaceitável e revela, simplesmente, desconhecimento ou má vontade. É que, difícil e desafiador, Odorico por vezes não é lido com o cuidado e a exigência que merece, e muitos falam dele sem sequer ter tentado compreendê-lo. (2008, p. 16).

O ponto que mais interessa aos pesquisadores do grupo coordenado por Vasconcellos é o modo como Odorico Mendes verte os efeitos de estilo do original, sobretudo os que parecem intraduzíveis, em relação ao par de língua português-latim. De acordo com Vasconcellos et al. (2008), a versão odoricianiana de Virgílio é considerada uma das mais singulares em língua portuguesa.

No percurso desse estudo, observou-se, igualmente que, ao atrair para o universo das análises as conexões linguísticas, históricas e culturais, contemporâneas a si e aos autores clássicos, as preocupações de Odorico Mendes parecem se estender ao desejo de garantir fidelidade não exatamente ao original, mas as suas escolhas. O tradutor também observa que a pluralidade do verbo se encontra na língua de chegada, afirmando ser imprescindível possuir alto grau de proficiência em sua própria língua, para recorrer aos vocábulos imediatamente e sem custo.

Odorico Mendes se posicionou como crítico, justificando suas opções, sua filiação político-literária, suas preocupações com a educação, por vezes retidas e reprimidas em suas veias republicanas. Sua posição como intelectual relegaria para seus descendentes nomes conhecidos no cenário literário ocidental, tal como Maurice Druon (1918-2009), seu bisneto francês, autor do clássico infanto-juvenil, *Tistou le pouce vert*, traduzido no Brasil como *O menino do dedo verde*.⁷⁸

⁷⁸ A obra de Maurice Druon foi traduzida pelo monge beneditino Dom Marcos Barbosa, que também verteu outros importantes clássicos infanto-juvenis, como *Le Petit Prince (O Pequeno*

Finalmente, para não incidir sobre o equívoco de sequer ter tentado compreender a trajetória e a atividade tradutória de Odorico Mendes, bem como a importância de seu trabalho, espera-se que o leitor compreenda a ousada empreitada. Ademais, também se tem a pretensão de que o cruzamento de fontes e tramas tenha permitido a reflexão sobre questões diversas que envolvem a tradução, preenchendo algumas lacunas sobre a importância dos tradutores na história cultural.

Príncipe), de Antonie de Saint-Exupéry, e *Marcelino pan y vino* (*Marcelino pão e vinho*) de José María Sánchez Silva. Cf. Druon, 2009. Referente ao bisneto de Odorico Mendes, consultar Revista Brasileira, 1977, p. 65.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Martins de. **Notas de português de Filinto e Odorico**. Rio de Janeiro: Simões, 1955.

ARAÚJO, Roni César Andrade de. **A Nação pensada por Odorico Mendes no Argos da Lei**. In: IV Simpósio Nacional Estado e Poder Intelectuais - Caderno de Resumos. Vol. 01. São Luís : UEMA, 2007. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/curso/estado_poder/38.pdf>. Acesso em: 25 out. 2010.

BABINI, Maurizio. Traduttori Traditori: A tradução em francês de Dos delitos e das penas de Cesare Beccaria. In: **Cadernos de Tradução**. Vol. 2, n. 20. Florianópolis: Pós - Graduação em Estudos da Tradução, 2007.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights: the 'cultural turn' in translation studies. In: **Translation, history and culture**. London: Pinter Publishers, 1990.

BEGONHA, Bediaga. **Diário do imperador D. Pedro II**, 1840-1891. Volume 31. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sergio Miceli; Silvia de Almeida Padro; Sonia Miceli; Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BORGES, Jorge Luis. Las versiones homéricas. In: **Discusión**. Obras Completas. Buenos Aires: Emecé, 1957, p.105-112.

BORGES, Jorge Luis; SORRENTINO, Fernando. **Siete conversaciones con Jorge Luis Borges**. Buenos Aires: Casa Pardo, 1974.

BORGES, Maria de Lúcia. **Gênero e desejo**: a inteligência estraga a mulher? Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 667-676, setembro-dezembro, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104...script>>. Acesso em: 25 out. 2010.

BUCKLEY, Theodore Alois William. Introduction, s/d. In: HOMER. **Iliad**. Translated by Alexander Pope. With an introduction and notes. Rev. Theodore Alois Buckley, M.A., F.S.A, 1720. Disponível em: <<http://ebooks.adelaide.edu.au/h/homer/.../preface.html>>. Acesso em: 25 out. 2010.

BURKE, Peter; HSIA Po-Chia (orgs). **A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna**. Tradução Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Martin Claret, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem**: Ensaios de teoria e crítica literária. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

_____. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 11.ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDIM, Elmano. **Vidas gloriosas**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1971.

CARVALHO, José Murilo. **D. Pedro II**: Ser ou não Ser. Coordenação Elio Gaspari e Lilia M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia?** 2. ed. São Paulo: Basiliense, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Introdução Geral. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **A literatura no Brasil**. Era romântica. 7.ed.rev.e atual. São Paulo: Global, 2004.

DARNTON, Robert. L'età dell'informazione. In: **Una guida non convenzionale al Settecento**. Tradução Franco Salvatorelli. Milano: Adelphi, 2007.

DEE BROWN, D. **Enterrem meu coração na curva do Rio**. Tradução Geraldo Galvão Ferraz. Porto Alegre: L&PM, 2003.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (orgs). **Os tradutores na história**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. Tradução D. Marcos Barbosa/ilustração de Marie Louise Nery. 84. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DUARTE, Sebastião Moreira. Prefácio. In: MENDES, Manuel Odorico. **Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino**. 2. ed.atualizada, com introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte. São Luís: EDUFMA, 1995.

ELIS, Roger et al. **The oxford history of literary translation in english**. Vol 1. To 1500. Stuart Gillespie & David Hopkins (eds), 2008. p.109-126.

FILHO, Benedito Souza. **Esclavitud y espectáculo punitivo en el Brasil decimonónico**. In: Dialogos Latinoamericanos, Dinamarca, v. 10, p. 99-116, 2005. Disponível em:<[http:// www.lacua.au.../ esclavitud _y_espetaculo.pdf](http://www.lacua.au.../esclavitud_y_espetaculo.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2010.

FRANCE, Peter; HAYNES, Kenneth. **The oxford history of literary translation in english**. Vol.4. 1790 -1900. Stuart Gillespie & David Hopkins (eds), 2008. p. 155-200.

GALVES, Marcelo Cheche. **Escritores públicos em São Luís no primeiro quartel do século XIX**. In: V Encontro Humanístico, promovido pelo Centro de Ciências Humanas/UFMA, 2005. Disponível em: <[http:// www.nucleohumanidades.ufma.br/ pastas/CHR/.../marcelo _galves_ v4_ ne.pdf](http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/.../marcelo_galves_v4_ne.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2010.

HERMANS, Theo. **Translation in systems**. Descriptive and system oriented approaches explained. Manchester, St. Jerome Publishing, 1999.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**, 1789-1848. Tradução Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **A era do capital**, 1848-1875. Tradução Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Capítulos de história do império**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

HOMERO. **Ilíada**. Manuscrito da tradução de Manuel Odorico Mendes. [1863 ?]. Disponível em: Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis – RJ. Doc. 1077 maço 47. Acesso em: 29 jul. 2008.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução Manuel Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. Cotia SP: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2008.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HOMERO. **Ilíada**. Vol. I. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Mandarim, 2001.

HOMÈRE. **L'Iliade**. Traduction Mme Dacier. Paris : Garnier Frères. s/d.

HOMER. **Iliad**. Translated by Alexander Pope. With an introduction and notes. Rev. Theodore Alois Buckley, M.A., F.S.A, 1720. Disponível em: <<http://ebooks.adelaide.edu.au/h/homer/preface.html>>. Acesso em: 25 out.2010.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. Introdução a Agamêmnon. In: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Tradução Susana Kampff Lages. Vol. 1 - Antologia bilingue - Alemão /Português. Werner Heidermann (org). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução Arthur M. Parreira; adaptação do texto para edição brasileira

Mônica Stahel M. da Silva; revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso Souza. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JOLY, Jean-François. Prefácio. In: DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

JORGE, Sebastião Barros. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luís: PPPG/EDUFMA, 1987.

_____. **Política movida à paixão**: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes. São Luís: Departamento de Comunicação Social da UFMA, 2000.

LACOMBE, Américo Jacobina. **Cartas de Manuel Odorico Mendes**. Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989.

_____. **O mordomo do imperador**. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1994.

LARZUL, S. **Les traductions française des Mille et une nuits**: étude des versions Galland, Trèbutien et Mardrus. Paris: L' Harmattan, 1996.

LEAL, Antonio Henrique. **Pantheon maranhense**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhanbra, 1987.

LEFEVERE, André. **Translation/History/Culture**: a sourcebook. London: Routledge, 1992.

_____. Os tradutores e o poder. In: DELISLE E WOODSWORTH. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática. 1995. p. 143-166.

_____. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária**. Tradução Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LISBOA, João Francisco. **Obras de João Francisco Lisboa**. Vol. IV. 3 ed. São Luís: ALUMAR, 1991.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MANGUEL, Alberto. **Ilíada e Odisséia de Homero** - Uma biografia. Tradução Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. Vol. II. 3. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

_____. **História da inteligência brasileira**. Vol. III. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1993.

MILTON, John. **Tradução. Teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDINA, Antonio Rodrigues. **Odorico Mendes**: tradução da épica de Virgílio e Homero. Tese de doutoramento. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de Literatura Brasileira. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1980.

MONTI, Vincenzo. Sobre a dificuldade de bem traduzir. In: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Tradução Paulo Schiller. Vol. 3 - Antologia bilingue - Italiano/Português. Andréia Guerini e Maria Teresa Arrigoni, orgs. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2005.

MOORE, Fabienne. **Homer revisited**: Anne Le Fevre Dacier's preface to her prose translation of the Iliad in early eighteenth-century France. *Studies in the Literary Imagination*. Disponível em: < <http://www.questi.com/PM.qst.jsessionid>>. Acesso em: 07 jul. 2009. Não paginado.

MORAIS, Francisco. **Palmerim de Inglaterra**. 2. ed. Seleção, argumento, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa: Santelmo, 1960.

OLIVA NETO, João Ângelo. Entrevista com João Ângelo Oliva Neto. In: **Cadernos de Tradução**. Vol. 1, n.25. Florianópolis: Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/15386/13970>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. **Théories et pratiques de la traduction littéraire**. Armand Colin, Paris, 1999.

PAES, José Paulo. **Armazém literário**. Ensaios; organização e apresentação de Vilma Áreas. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

PASSOS, Marie - Hélène Paret. Crítica genética e tradução literária: um exemplo de interdisciplinaridade. In: Pino, C. A. (org). **Criação em debate**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 269- 282.

REVISTA BRASILEIRA. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, n.3, jan./fev, p.65-66, 1977.

ROMANELLI, Sergio. **A gênese de um processo tradutório**: os manuscritos de Rina Sara Virgillito. Tese de Doutorado em Letras e Linguística, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2006.

ROMILLY, Jacqueline de. **Homero**: introdução aos poemas homéricos. Tradução Leonor Santa-Bárbara. Lisboa: Edições 70, 2001.

SARAMAGO, José. **Que farei com este livro?** 2. ed. São Paulo: Schwarcs, 1998.

SCHÜLER, Donaldo. **A construção da Ilíada**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SIMONI, Karine. **Ugo Foscolo e as discussões sobre a tradução dos clássicos na Itália entre os séculos XVIII e XIX**. Tradução em Revista, 2010. Disponível em: < www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php>. Acesso em: 20 jan.2011.

SOUZA, Rosane de. **A gênese de um processo tradutório**: *As Mil e uma noites* de D. Pedro II. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STAËL, Madame de. Do espírito das traduções. In: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Tradução Marie-Hélène Catherine Torres.Vol. 2 - Antologia bilingue - Francês/Português. Cláudia Borges de Faveri e Marie-Hélène Catherine Torres (orgs). Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2004.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio et al. Introdução. In: VIRGÍLIO; **Bucólicas**. Tradução Manuel Odorico Mendes. Edição anotada e

comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. **Resenha: Homero. Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. Nuntius Antiquus, v. 3, 2009. Disponível em: < http://www.letras.ufmg.br/nuntius/data/aqui_vos/003.15-Paulo180-187.pdf>. Acesso em: 25 out. 2010.

VEIGA, Cláudio. **Um brasileiro soldado de Napoleão**. São Paulo: Ática, 1979.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Tradução Manuel Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

VIRGÍLIO. **Eneida Brasileira ou tradução poetica da epopéia**, de Publio Virgilio Maro. Tradução Manuel Odorico Mendes Paris: Typographia de Rignoux , 1854. Texto digitado por Leandro Abel Vendemiatti e revisado por Paulo Sérgio de Vasconcellos. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>>. Acesso em: 30 abr. 2010.

WAISBARD, Simone. **Machu Picchu**: cidade perdida dos Incas. São Paulo: Emus, 1974.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map - A beginner's guide to doing research**. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

WILSS, Wolfran. Interdisciplinarity in Translation Studies. In: **Target** 11:1, pp. 131-144. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999.

WOODSWORTH, Judith. History of translation. In: BAKER, Mona. **Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 1998. p. 100-105.

WOLF, Ferdinand. **Le Brésil littéraire**: histoire de la littérature brésilienne. Berlin: Albert Cohn & D. Collin, 1863. Disponível em: < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57227980.r=.langen>>. Acesso em: 28 out. 2010.

WYLER Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**: uma crônica da tradução literária no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

YEE, Raquel da Silva. **O processo criativo de Manuel Odorico Mendes através dos manuscritos da tradução da *Ilíada***. In-Traduções, 2010. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/in.../artigo_2_2010_raquel_da_silva_yee.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

YEE, Raquel da Silva; SOUZA, Rosane de; LIMA, Ronaldo. **A *Ilíada* por Odorico Mendes**: prólogo inédito da tradução. Cadernos de Literatura em Tradução. Vol. 11, p. 46-60, USP, 2010.

YEE, Raquel da Silva; LIMA, Ronaldo. Caetano Lopes de Moura (Verbete). **Dicionário dos tradutores literários do Brasil – DITRA**. Florianópolis:NUPLITT,2010. Disponível em: < <http://www.dicionariodetradutores/.../CaetanoLopesdeMoura.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

APÊNDICE - Transcrição do prólogo manuscrito

Prologo

Acabada a publicação do meu Virgílio, cogitei a maneira de não ficar ocioso. He mui provavel que não me lembrasse da Iliada, se minha irmã do lado materno D. Melitina Jansen Müller, apaixonada de Homero que lera em francez, assim não me dicesse: “Depois de teres traduzido Virgilio, ou compõe obra tua, ou traduzes a Iliada.” Quanto a compor obra minha, sei bem que a um homem de sessenta annos já falta imaginação, e que tudo que eu produzisse, a não ser inteiramente insípido, seria mediocre; e de poesias medíocres ha excessiva quantidade. Quanto a Iliada, havia eu a desgraça de saber quasi nada do grego, pois do pouco aprendido em Coimbra tinha me esquecido a maior parte. Consultei um amigo hellenista, e elle sinceramente achou a empresa muito acima das minhas forças. Porem minha irmã insistiu, animou-me a estudar o grego, e eu lancei-me a Homero. A repugnancia em reaprender verbos, dialectos e tantas miudezas, desalentou-me; mas, sempre instado, adaptei o methodo que vou expôr.

Como distinguia ainda se o que se me apresentava era verbo ou outra parte da oração, procurava todas as palavras gregas nos dictionarios, e guiado pela interpretação latina, alinhava-a a minha versão; depois consultava as de Mme. Dacier, Bigman, Rochefort, Giguet, Salvini, Monti, Mancini e outros, e se alguma dellas me advertia de qualquer falta ou esquecimento, reformava a minha, tornando a consultar o original, a interpretação latina, commentadores etc. Isto me fazia marchar lentamente, e houve dia que apenas apurava oito ou dez versos. Quando, com este methodo, consegui os tres primeiros livros, li-os ao mencionado hellenista, que he o Snr Joaquim Caetano da Silva; e elle, tendo-as combinado com o texto, animou-me a continuar. Para conseguir o meu intento, escolhi a residência de Pisa: nesta cidade quasi morta, onde em dous annos só convivi com a gente em cuja casa pagava a mi-

nha pensão, e com uma família cuja amisade era já de Paris, achando-me sem a menor distracção, tive tempo de meditar e escrever, e em quinze mezes obtive o dobro do que obtivera em Paris em dous annos e meio, concluindo a presente versão.

He uma regra já assentada que deve o traductor saber igualmente a língua original e a sua; mas eu opino que, se lhe basta saber a do original como um, forçoso lhe he saber a propria em dobro ou tresdobro. Quando se me apresentar, v.g., um trecho de versos, ainda que não conheça todas as palavras, posso buscál-as nos dictionarios, consultar commentadores, críticos etc.; mas os termos da propria língua, se não vem immediatamente á nossa memoria, como he que os havemos de procurar? Para bem traduzirmos em português, cumpre d'antemão e com afinco termol-o estudado, conhecer em grande parte os vocabulos; afim que nos ocorram immediatamente e sem custo. O exemplo que ofereço nesta versão da Iliada, prova a opinião acima exposta; e com igual methodo, jamais amestrado pela prática e pela experiencia, espero tambem verter a Odysséa, se a morte não vier atalhar projectos concebidos na minha idade.

Brevissima noticia de Homero

Sendo esta a primeira vez que em nossa língua apparece Homero sem ser em fragmentos, cumpre dar aos leitores algumas noções concernentes ao poeta maior da alta antiguidade. Se eu empre-hendesse uma completa biographia, discutindo as questões que se tem levantado, assim do merito de suas obras, como do quando e onde nasceu, ou se nasceu, porque até da sua existencia duvidão muitos; isso me levaria sobejo tempo, e seria grossissimo o volume onde na verdade não faria mais que daqui e dalli copiar trabalhos alheios, com mais ou menos disfarce, para ostentar erudição. Contento-me com esta brevissima noticia.

He constante que a honra de lhe dar o berço foi disputada por sete cidades, cujos nomes vem consignados nos Lusíadas pelo seguinte modo:

Esse que bebeu tanto da agua Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia
Athenas, Chios, Argo e Salamina.

Mas os modernos, com presumpção de saber tudo e emendar e destruir as opiniões recebidas, entraram em liça: Franceses, Ingleses, Italianos, Alemães e outros, cada um lhe creou uma pátria e Homero começou a ser do Egypto, de Nápoles, da Escossia e de Nenhures. Eu porem sou de voto que elle existiu e que provávelmente nasceu em Smyrna: Chio, que ao depois tem mais direito de reclamar-o, funda-se em dizer Homero, em um dos hynnos que era habitante daquela ilha; mas um homem pode habitar num paiz sem ter ahi nascido, e o mesmo texto he contra producentem, porque, se dali fosse, diria Sou de Chio e não Hábito em Chio. Ha uma objecção a Smyrna, e he que, se fosse desta cidade, era Asiatico, e não decantaria a guerra de Troia, que he na Ásia e foi vencida pelos Europeus. Ao que se responde que no tempo de Homero Smyrna era colonia de Achens, e elle se considerava como Grego. O certo he que, no

catalogo dos que ajudavam Troia, não se falla de Smyrna: a guerra não era propriamente entre Europeus e Asiaticos; era entre os Gregos e os Troianos com seus alliados.

Quanto á época em que floreceu, nada se pode affirmar precisamente; mas parece, pelo testemunho dos marmores de

Arundel, que elle viveu pouco menos de três seculos depois da guerra de Troia. Wood o fasia muito vizinho a esta guerra; opinião insustentável á vista dos argumentos de Pope e de outros.

Um desses argumentos he que o poeta na Iliada, invocando as Musas, pede que o inspirem, porque elle nada sabe senão pela fama e pela tradição; prova de que nem em menino tinha conhecido um velho do tempo da mesma guerra. Outro argumento he dizer na Iliada que Ajax atirou facilmente uma pedra que nem dous homens do tempo do poeta poderiam mover: ora, se he que a raça humana degenera e diminue de forças, he gradualmente, e a diminuição de que se trata he tal, que suppõe o intervalo de alguns seculos. Bem que a epoca apontada pareça mais provavel, estou que a duvida continuará sempre a este respeito. Apenas se devem mencionar as extravagantes conjecturas do Inglez Cortar, o qual opinava que Homero e Hesíodo viviam 380 anos depois de Christo! Posto que os Inglezes, bem como os Alemães, sejam dotados de muito espirito e tenham entre si autores sapientissimos, nelles he que se encontra o maior numero destas aberrações.

Mas, pondo de parte os modernos, e apegando-nos aos escritos mais chegados á epoca de Homero, vejamos o que tem sido espalhado e acreditado acerca da sua vida.

Menalippo de Magnesia se estabeleceu em Cumas na Jonia, onde casou e teve por filha Chriteida, que orphã cahiu sob a tutela de um tio seu ou simplesmente de um amigo de Menalippo.

O tutor abusou da pupila, e para occultar-se, mandou-a grávida com Ismênia, que para Smyrna conduzia uma colonia. Chriteida, estando em uma festa celebrada á margem do rio Meles, alli pariu Homero, que por aquella circumstancia foi chamado

Melesigenes. A mãe ao depois separou-se de Ismênia, foi obrigada a fiar lã para poder sustentar seu filho. O bom Phemio, que em Smyrna tinha uma escola de musica e de boas letras, enamorou-se della, casou-se, adoughtou-lhe o filho, em que foi descobrindo felis indole e grandissimo ingenho. Mortos Phemio e Chriteida, succedeu Melesigenes na escola do pae, e adquiriu uma estrondosa reputação, dentro e fóra de Smyrna.

O capitão de um navio de Lencade, nomeado Mentes, amigo da poesia e instruido, affeiçãoou-se a Melesigenes, fel-o deixar a escola e acompanhar em suas viagens. O jovem então já meditava a sua Iliada, abraçou com prazer a ocasião de correr terras e ver os lugares e os costumes de que tinha de fallar. Tendo visitado a Itália e a Hespanha, foi-se a Ithaca, onde padeceu uma gravíssima ophthalmia: sendo porem assistido por Mentor, homem rico e hospitaleiro, em casa deste houve muitas informações da vida de Ulysses. Já curado reembarcou-se com Mentes para Colophonia; mas, recalhindo, a inflamação de olhos foi fatal, que veio a cegar inteiramente. Esta infelicidade o resolveu a tornar para Smyrna, e ahi terminou a Iliada. Parece que seus compatriotas (desgraça quase infallivel dos homens de gênio, ou mesmo de simples talento) fartaram-no de louvores, mas deixaram-no em verdadeira miseria. Advirto porem que muitos duvidam da sua cegueira.

Andou-se a Cumas, a ver se era melhor acolhido; no caminho, em um paiz dito Muro-Novo, um Tichio fabricante de coiraças o agasalhou com amor: dizem que até Herodoto nessa terra ainda demonstrava o lugar em que elle recitava seus versos: lá compos seus hynnos e outras poesias. Retornando a Cumas, foi primeiro bem recebido, depois com friesa, e finalmente com desprezo. Desde então he que Melesigenes começou a ser nomeado Homero, que uns opinam significar cego; outros cantor, e alguns refens. Passando-se á Phoea, um Testorides mestre de escola pediu-lhe que deixasse copiar os seus poemas; no que tendo consentido Homero para ter pão, fugiu Testorides

para Chio, onde fez fortunas recitando como próprios os versos do pobre que vivia de esmola.

Constando a Homero tal impostura, embarcou-se para Chio num batel de pescadores, que o abandonaram na praia, onde passou a noite. Cego e sozinho, errou dous dias, e ao berrar de umas cabras, encaminhou-se para a parte donde vinham os sons; mas os rafeiros o teriam despedaçado, se lhe não acudisse o pastor que chamava-se Glauco. Este o introduzio na sua cabana; e, tendo-lhe Homero cantado seus versos em paga do bom agasalho, o pastor participou a seu amo esta aventura; e o amo, admirando aquelle cego extraordinario, confiou-lhe a educação de um filho. Testorides, que o soube tam vizinho, desapareceu. Homero sentou em Chio uma escola, e dessa vez lucrosamente recitava os seus poemas. Ahi adquiriu bens, casou-se e teve duas filhas; uma das quais morreu solteira, e a outra esposou um cidadão de Chio.

Em Chio he que elle compos a Odysséa, onde inseriu os nomes de seus benfeitores, v.g. o de Phemio, o de Mentos e o de Mentor; assim como na Iliada já tinha mencionado a Tichio. E ambientando um theatro mais vasto á sua gloria, tentou ir-se para Athenas: aportou em Samos a Io, uma das Sporades; mas, quando estava de partida para Athenas, em Io adoeceu e morreu. Os habitantes o enterraram á bordo do mar, segundo o costume de expôr os sepulcros dos homens celebres nos lugares mais publicos.

Esta narração he um resumo da vida que em nome corre de Heródoto; o qual, ou seja do famoso historiador ou de outrem, he a mais acreditada, não obstante as objecções de muitos, entre os quais figura Pope. Este, parecendo cuidar que só uma alta personagem he digna de cantar os heroes, diz que a vida se refere a cousas da mais baixa condição e he indigna de Homero; e, o que he de notar em homem de tamanha intelligencia, trata com menoscabo o emprego de mestre de escola. Mas o seu compatriota Wood responde-lhe com razão que o emprego de mestre de escola, ou de musica, segundo se chamava então, he o que em

nossos dias se diria um professor de encyclopedia, e que Homero não se devia dignar de semelhante titulo. Acrescenta Wood que, ou seja de Heródoto ou não, embora contenha algumas inexactidões, a vida possui muitos caracteres de escrito antigo, e tem, mais que outra qualquer, um grande ar de verdade, sendo despidida de fabulas e desvio de imaginação.

Não deixarei de tocar no certame de Homero e Hesíodo, certame que, segundo os partidarios do ultimo, constava de uma inscrição, que existia em Chalcis, cujo sentido era que o poeta da paz e da economia domestica tinha jus mais sagrado á coroa do que o da guerra e da discordia. Mas, alem de que antigos e modernos crem provavel que um não foi contemporaneo do outro, he inadmissivel que Hesíodo houvesse occultado o nome do vencido, que fazia o maior brilho do seu triumpho. “Ser vencedor de Homero, exclama Cesarotti, não era naquelles tempos um titulo que invejaria o mesmo Apollo?”

Agora vamos ás suas obras. Sem tratarmos da Batrachomíomachia, ou guerra dos ratos e das rãs, nem dos hymnos que nos restam, que nem todos se crê serem de Homero, fallemos da Iliada e da Odysséa. Para mim sam futeis e meros jogos de espirito os argumentos com que se pretende provar que Homero não existiu; que se enganaram todos os que até lhe ergueram templos e altares; que toda antiguidade esteve no erro; que não sam delle as obras que lhe tem sido louvadas pela voz dos seculos; que a Iliada e a Odysséa são mantas de retalhos; que tanto uma como outra foi composta por differentes pessoas e em differentes epocas, etc. etc. etc. Seria possivel que a Iliada fosse de um poeta e a Odysséa de outro; mas he impossivel que seja cada uma de mais de um autor, pela admirável conexão do seu todo. E parece bem que sam de um mesmo poeta; porque, apezar da muitíssima differença de assumptos, acha-se em ambos os poemas um ar de parentesco inegavel. As repetições, de que se tem querido tirar prova contra a unidade de taes obras, nada servem ao intento: os Asiaticos (notem-se os mesmos do Velho Testamento e ainda do Novo) gostavam de

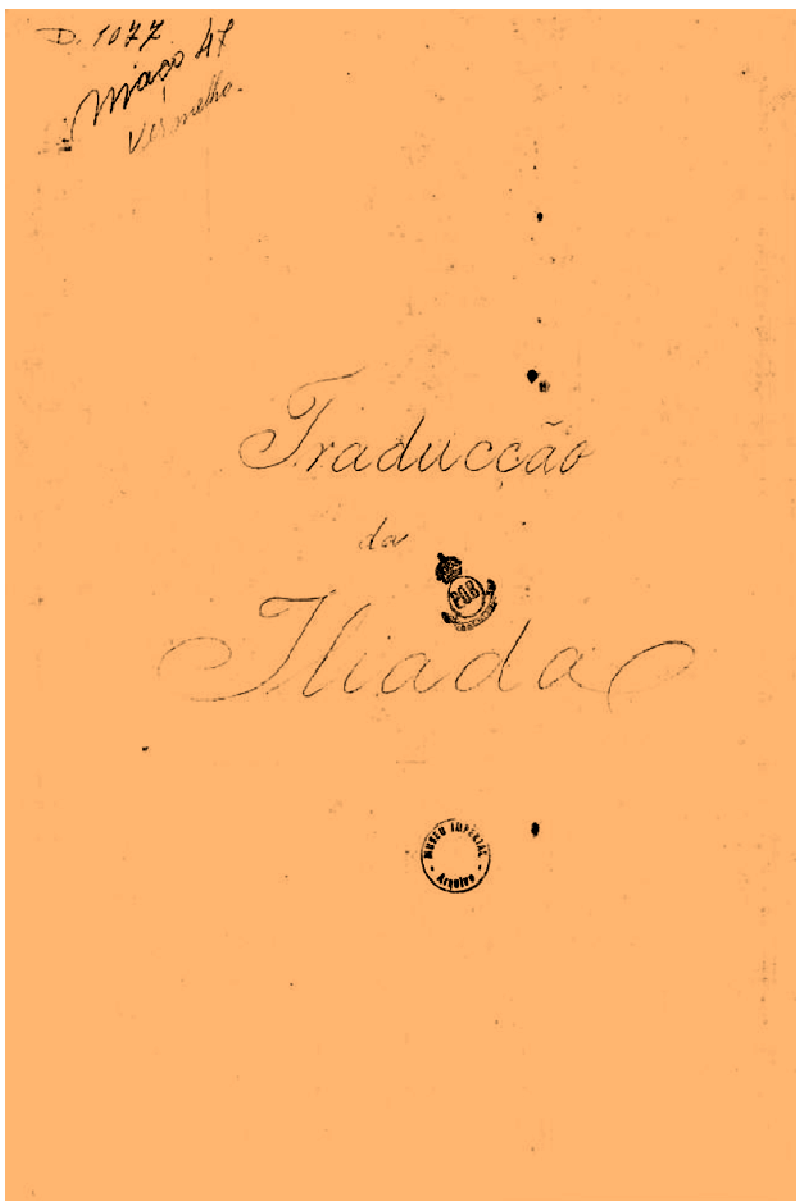
repetições; e esta, que hoje nos parece imperdoável defeito, não o era naquelles tempos. Se ha um progresso entre a Iliada e a Odysséa, isso não admira, porque uma foi parte da mocidade e a outra da velhice; e Homero, que tinha o habito de observar e adquirir conhecimento, foi sempre augmentando os seus e enriquecendo a sua razão. Não me quero estender; basta-me declarar o que sinto sobre este ponto: a materia tem sido ampla e doutamente ventilada por muitos, cujos livros comporiam uma não pequena biblioteca.

Tanto sobre o lugar de nascimento e a vida de Homero, como sobre os seus escritos, o leitor curioso, pode consultar Pope, Cesarotti, Mr. Bigman, o Marques de Fortia d' Urban; e quasi todos os traductores, mais ou menos, reflectem sobre as cousas relativas ao poeta.

Escolhi os quattros apontados; porque elles, principalmente Cesarotti, entram em todas as particularidades, e citam ou combatem as varias opiniões: guiado por estes quattro, pode qualquer ter noticias e recorrer aos principaes, tanto aos que tratam a materia com o desejo de descobrir a verdade, como aos que, para ostentar ingenho e singularisar-se, dando tratos á imaginação, tem embruhlado tudo. Hoje andam nas mãos de todos os varios dictionarios historicos, faceis de consultar, onde se lê a biographia do poeta.

ANEXO A - Capa e contracapa do manuscrito da *Iliada*

Maço 47- Doc.1077 - Cat B [P01]



Prologo

Acabada a publicação do meu Virgilio, cogitei a maneira de não ficar ocioso. Não me foi possível que não me lembrasse da Ilíada, da minha irmã do lado materno D. Melitina Jansen Miller, a filha do Sr. de Souza que leva um filho, assim não me ficava o Depois de teres traduzido Virgilio, me compõe obra tua, ou traduzes a Ilíada. Quanto a compor obra minha, dei-me a um homem de sessenta annos já falta a imaginação, e que tendo eu produzido, a mão de inteiramente insipido, seria medíocre; e de poezias medievres ha excessiva quantidade. Quanto a Ilíada, havia uma desvantagem de saber quasi nada do grego, pois de pouco aprendido em Coimbra tinha me esquecido a maior parte. Consultei um amigo hellenista, e elle sinceramente achou a compozed muito acima das minhas forças. Porém minha irmã insistiu, animou-me a estudar o grego, e eu lancei-me a Homero. Aprehendi em reaprendi verbo, dialectos atticos mineiros, dephlogon-me; mas, sempre instado, adoptei o methodo que me apresentava.

Como distinguia ainda de o que se me apresentava com verbo ou outra parte da esciza, procurava todas as palavras gregas nos dictionarios, e quando pela interpretação latina, abstrahia-me a minha obra; depois consultava as de M.^{me} Dacier, Beaupre, Rochefort, Giguet, Salvini, Monte, Mancini e outros, e se alguma delle me advertia de qualquer falta ou esquecimento, informava a minha, tornando a consultar o original, e a interpretação latina, commentados etc. Isto me fazia marchar lentamente, e havia dia que apenas aferrava aito ou dez versos. Quando, com este methodo, consegui os tres primeiros livros, li-os ao mencionado hellenista, que he o Sr. Jozim Brito de Silva; e elle, tendo-se com brio e com o texto, animou-me a continuar. Para conseguir o meu intento, alli a residencia de Paris: nesta cidade, e ali muito mais em

ANEXO B - Requerimento dirigido ao imperador D. Pedro II

Maço 160 - Doc.7415 [P01]

415
m.160

Senhor

Permitta que em consequencia de vossa real acanhamto tome a liberdade de apresentar por escripto o indico que me fôrça, e este monumto a approximar-me da Augusta Pessoa d'Vossa Magestade Imperial.

Senhor, fallecendo em Inglaterra meu irmão, Manuel Cypriano Mendes, de tão saudosa memoria a sua familia, a patria e a patria, pois que n'elle perderei estas tres amadas e a quella um de seus mais devotados membros, legou a seus filhos, como unica e preciosa herança, o fardo de suas humbranças litterarias, comprehendendo-se entre estas os dois poemas do divino inventor da poesia epica, que se gathar, Senhor da *Illiada* e da *Coyssa* de Homero, vestidas do grego para o verso portuguez por Manuel Cypriano.

Esse legado, Imperial Senhor, recebido das mãos do nepo consil em França, para ser transmittido aos filhos de Cypriano para ser, ao chegar em ao Rio de Janeiro, de mãos de Vossa Magestade Imperial, em satisfacção do desejo que Vossa Magestade mestrara em comtudo, a aquellos trabalhos.

Correrão-se largos annos e, como Vossa Magestade o sabe, os admiradores do genio de Cypriano não marão, por diversos vezes, quer nas folhas

publicas, que nas assembleas provinciaes, a imprensa da Ilhuda e da City, pois que, diziao os reclamantes, não sem aquelles manuscritos propriedade unica da familia de Pedro, e tem tambem pertencente ao thesouro da litteratura patria. Tambem por diversas vezes virão se obrigados os filhos de Pedro a declararem nos jornaes da City que a demora que se dava na publicação allude da provincia de se acharem os manuscritos em poder de Sua Magestade Imperial de quem se aguardavam as ultimas determinações.

Agora, Vossa Magestade Imperial, que Vossa Magestade acaba de dar as mais soberantas provas de haver completado a leitura d'aquellas versões poeticas, visto perante a sua Augusta Pessoa, pedoque, qualquer que seja o prezo formulado sobre os trabalhos de Pedro, não sejam restituídos os manuscritos, porquanto havendo eu recebido aquelle deposito sagrado, tenho cumprido obrigação de religiosamente entregal-o a quem de direito.

Espero, Senhor, esperanzada nos sentimentos que nutro e orações de Vossa Magestade Imperial em elevado entendo que o distingue, espero a supplicante obsequiar diferentemente a sua providencia.

Baixa a Augusta mão de
Vossa Magestade Imperial a
mais reverente subdita

D. Helmina Jansen Muller

Rio de Janeiro 23 de Maio de 1841

ANEXO C - Ode dedicada a D. Pedro II

A S.M. O SR. D. PEDRO II NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1839.
ANIVERSÁRIO DE SEU NASCIMENTO.

A quatorzena vez (Brasil, exulta!)
O Alvo dia volveu que amigo gênio
Das mãos avaras arrancou do Tempo
Apenas reluzia sobre o horizonte,
Um porvir despontou de paz e de ordem,
A Independência verdadeira ergueu-se;
Lutou em seus projetos a Anarquia,
Monstro infecundo, estragador do germe
Da nacional grandeza, o influxo estranho
Com riso amargo (hipócrita!), o saúda...
Filho da América, imortal carreira
Traça, Príncipe Augusto; acaba a empresa
Que infeliz Pai consolidar não pôde!

Herdeiro das virtudes que a mãe terna

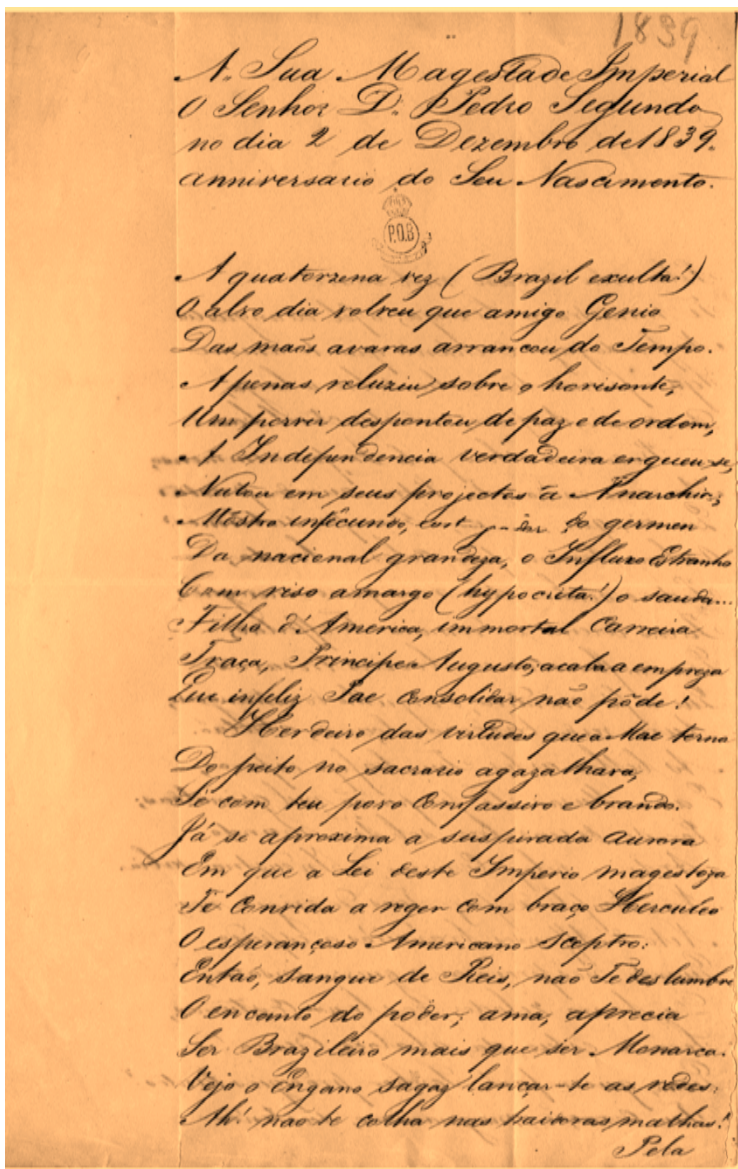
Do peito no sacrário agasalhava,
Sê com teu povo compassivo e brando.
Já se aproxima a inesperada aurora
Em que a Lei deste Império majestosa
Te convida a reger com braço Hercúleo
O esperançoso americano cetro:
Então, sangue de Reis, não te deslumbre
O encanto do poder; ama, aprecia
Ser Brasileiro mais que ser Monarca
Vejo o engano sagaz lançar-te a rede:
Ah! Não te colha nas traidoras malhas!
Pela orla do vaso mel suave
Te ministra a Lisonja, o fel da angústia
No fundo jaz. O intento que te anime
Seja o firmar teu solio sobre a larga,
Do amor do povo, indestrutível base.

Rodeia os olhos pelo Império imenso:

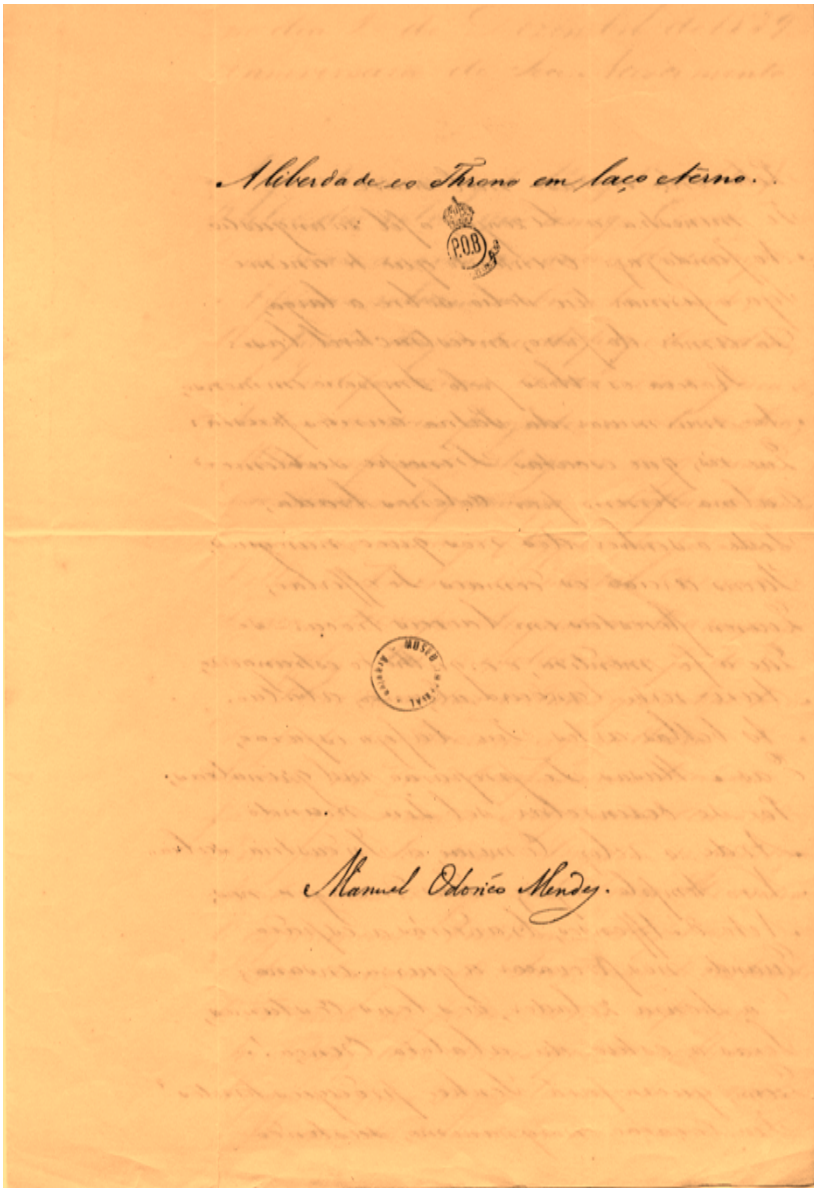
Que vês, que escutas, Príncipe sublime?
O almo terreno de colonos brada;
Pede o senhor dos rios que o navegues,
Ricas areias os demais te ofertam;
Querem florestas em baixéis trocar-se,
Que a fé mantida, o orgulho de estrangeiro,
Auriverde bandeira alçando abatam.
As belas-artes teu bafejo esperam,
E as musas te preparam mil grinaldas;
Por devolver sob teu mando
Arde veloz comércio, indústria sábia.
No tempo de paz tens de erigir-nos;
Neto de Afonsos brandirás a espada
Quando nos provocar a guerra insana;
Da honra zelador, dos bons costumes
Serás o esteio da abalada crença!...
Quem, quem fará Senhor, prodígios tantos?
Teu coração magnânimo, sustendo
A liberdade e o trono em laço eterno.

ANEXO D - Manuscrito da Ode dedicada a D. Pedro II

Maço 101 - Doc.4995 [P01]



Pela orla do vaso mol suave
 Te ministra a Lixénja; o fel da angustia
 No fundo jaz: O intento que te anime
 Iga o firmar teu solio sobre a larga
 Do amor do povo, indestructível base.
 Rescia os ethos pelo Imperio immenso
 Te murmura da Pátria auxílios presta:
 Lue ris, que escutas, Principe sublime?
 O almo terreno por Colóns brada;
 Sede o senhor dos rios queo navegues,
 Tucas arcias os rêmãos Te offerlão;
 Lue em florestas em barceis trocas-se
 Lue a si mentira o erguthe do estrangeiro,
 Auri reser lantura, alcanço, abalão.
 As bellas artes Teu bafejo esperão,
 E as Musas Te preparão mil grenalvas;
 Per se desentolver sob seu mando
 Arde o veloz Comercio, a Industria sobia.
 No templo de paz tens de erigir nos;
 Neto d'Offensas, brandeiras a espada
 Quando nos provocar a guerra insana;
 Da penra zelador, dos bens Esturnes,
 Serás o estio da abalada Crença!
 Quem, quem fará Senhor, proçegios tantos?
 Teu Coração magnanimo, sustendo



ANEXO E - Poema *Hino à tarde*

Que amável hora! Expiram os favônios;
Transmonta o Sol; o rio se espreguiça;
E, a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azuis diáfanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde...

Salve, moça tão meiga e sossegada;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas cos olhos doce afeto,
Não criminosa abrasadora chama!
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalho do dia, nem já lava
Juiz severo a bárbara sentença,
Que há de a fraqueza conduzir ao túmulo.

Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmã da noite coa-lhe nos membros
Plácido alívio: — posta a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vai caindo..
Que ventura! A mulher o espera ansiosa
Cos filhinhos em braço, e já deslembra
O homem dos campos a diurna lida;
Com entranhas de pai ledo abençoa
A progênie gentil que a olho pula.
Não vês como o fantasma do silêncio
Erra, e pára o bulício dos viventes?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastios,
Coa suspirosa frauta ameiga os bosques...
Feliz! que nunca o ruído dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi à porta bater de alheio alvergue.

Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palácios.
Ali também no ouvido lhe estremecem
De mãe, de amigo os maviosos nomes;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funções mais altas:
— O homem nascer, morrer, e deixar prantos...
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate magoando as cordas;
E a selvática virgem, recolhendo
A grave dor cristã, que a assoberbava
Do mancebo cedia à paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai! mísera Atalá!... mas rasga o fogo,
E o sino soa pelas brenhas brancas.

Tarde, serena e pura, que lembranças
Não nos vens despertar no seio d'alma?

Amiga terna, diz-me, onde colhes
O bálsamo que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate,
Cala-se a dor; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés tem visto as flores
Irem murchando, e a treva do infortúnio
Ante os olhos medonha condensar-se.
Longe dos pátrios lares, quem não sente
Os arrebóis da tarde contemplando
Um súbito alvoroço? Então pendíamos
Dos contos arrebatados que verteram
Propícios deuses nos maternos lábios;
E branda mão apercebia o berço
Em que ternos vagidos
Infausto anúncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva
Que vezes atentei chamando ao pouso
A ave tão útil que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode!

Co'a turba de inocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da colina,
A casta Lua como mãe saudávamos,
E suplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita o ar rompíamos.
Mas da puerícia o gênio prazenteiro
Já transpôs a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vai bafejando.
A quem ficou a angústia que moderas,
Ó compassiva tarde? Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pesadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em África adorada,
Quando (tão livre) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o eco da floresta,
Da ave o gorjeio, o trépido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo, em cadência harmônica, lhe rouba
A alma em mágico sonho embevecida.

Não mais, ó Musa, basta; que da noite
Os pardos horizontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade.
Oh! venha a feliz era que da pátria
Nessas fecundas, dilatadas veigas
Tu mais suave a lira me temperes
Da singela Eponina acompanhado
Na escura gruta que nos cava o tempo
Hei de ao vale ensinar canções melífluas
Nos lindos olhos, nos mimosos beijos,
Nos alvos pomos, no ademã altivo
Irei tomar as cores que retratem

Da natureza os íntimos segredos.
Do ardor da esposa; do sorrir da filha;
Do rio que espontâneo se oferece
Da terra que dá fruto sem o arado
Da árvore agreste que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade
A sobreolhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro,
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo
Ó esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da pátria me consola!

ANEXO F - Manuscrito do quadro comparativo dos versos

Maço 047 - Doc.1077 - Cat B [P 445]

*Quanto os versos tem o original
e quanto a traducção.*

<i>Original</i>		<i>Traducção</i>	
Livro 1. ^o	651	Livro 1. ^o	532
Livro 2. ^o	377	Livro 2. ^o	776
Livro 3. ^o	461	Livro 3. ^o	374
Livro 4. ^o	544	Livro 4. ^o	458
Livro 5. ^o	909	Livro 5. ^o	772
Livro 6. ^o	529	Livro 6. ^o	468
Livro 7. ^o	423	Livro 7. ^o	389
Livro 8. ^o	561	Livro 8. ^o	455
Livro 9. ^o	709	Livro 9. ^o	583
Livro 10. ^o	579	Livro 10. ^o	472
Livro 11. ^o	842	Livro 11. ^o	719
Livro 12. ^o	471	Livro 12. ^o	370
Livro 13. ^o	837	Livro 13. ^o	678
Livro 14. ^o	522	Livro 14. ^o	441
Livro 15. ^o	746	Livro 15. ^o	628
Livro 16. ^o	267	Livro 16. ^o	757
Livro 17. ^o	761	Livro 17. ^o	635
Livro 18. ^o	616	Livro 18. ^o	526
Livro 19. ^o	424	Livro 19. ^o	336
Livro 20. ^o	503	Livro 20. ^o	408
Livro 21. ^o	611	Livro 21. ^o	513
Livro 22. ^o	515	Livro 22. ^o	434
Livro 23. ^o	377	Livro 23. ^o	741
Livro 24. ^o	304	Livro 24. ^o	652
<i>Summa</i>	<u>15.674</u>	<i>Summa</i>	<u>12.110</u>